**Journal of Contemporary Narrative Therapy**

**Founding Editor: David Epston**

ISSN 2767-3766

**February 2024 Release**

**Editors:** Tom Stone Carlson, Sanni Pajlakka, marcela polanco, and David Epston

**www.JournalCNT.com**

Sponsored in part by

Alliant International University

## Content

P. 1 Editors' Note

**Versão Portuguesa**

P. 2 Terapia Narrative no Brasil: Construindo História Preferidas de Norte a Sul by Marilene Grandesso

P. 14 Os Maus e os Bons Fantasmas: Uma História de Reautoria em Terapia Narrativa com Criança by Adriana Bellodi Cosa César

P. 38 Jardinando Narrativas e Escrevivendo Histórias by Adriana Müller

P.60 O Nevoeiro e o Girassol: Ampliando os Horizontes Narrativos Frente à Perda Traumática de um Filho by Ana Luiza de Faro Novis

## English Version

P. 76 Narrative Therapy in Brazil: Building Preferred Stories from North to South by Marilene Grandesso

P. 87 The Bad and the Good Ghosts: A Story of Reauthoring in Narrative Therapy with Children by Adriana Bellodi Cosa César

P. 111 Gardening Narratives and Writing Stories by Adriana Müller

P. 132 The Mist and the Sunflower: Expanding Narrative Horizons in the Face of the Traumatic Loss of a Child by Ana Luiza de Faro Novis

**Journal of Contemporary Narrative Therapy**

Editors: Tom Stone Carlson, Sanni Paljakka, marcela polanco, and David Epston

## Editors' Note

We couldn't be more excited about our newest release. This special release highlights the work of narrative therapists in Brazil. Each article appears in both Portuguese and English and demonstrates the unique quality and character of the work by three narrative therapists in Brazil, Adriana Bellodi Cosar César, Adriana Müller, and Ana Luiza de Faro Novis. In addition to these practice-based articles, our colleague and beloved leader in narrative and dialogic practice in Brazil, Marilene Grandesso, has written a wonderful introduction to this special release, entitled, "Narrative Therapy in Brazil: Building Preferred Stories from North to South" which tells the story of the history and present of narrative therapy in Brazil.

Since this release appears in both Portuguese and English the formatting is a little different from past releases. Each article will appear first in Portuguese and then the translated version will appear in English. We want to acknowledge Isa Carvalho who served as the translator for this special release. Thank you for your meticulous attention to detail and for your talent in translating both the content and the spirit of the articles from their original Portuguese to English.

Read on! You are in for a treat.

Kindly,

Tom Stone Carlson, Ph.D.

Co-Editor, Journal of Contemporary Narrative Therapy

# Terapia Narrative no Brasil: Construindo História Preferidas de Norte a Sul

Marilene A. Grandesso

## Contextualizando: Uma Porta de Entrada

O que apresento neste artigo é apenas uma história possível. Sabemos que nenhuma história é única e, menos ainda, completa. Esta, como toda narrativa, foi construída por minha seleção de eventos no tempo, nos contextos em que tive a oportunidade de viver e aprender. O fio que tece esta linha de história é muito pessoal e tem as marcas dos significados que atribuí à experiência vivida, desde os anos 90. Assim, fossem outros os autores, outras histórias seriam possíveis. Como a vida, a Terapia Narrativa no Brasil também é multihistoriada.

Quando Tom Carlson me convidou para escrever sobre a Terapia Narrativa (TN) no Brasil com foco na terapia, honrada pela confiança, senti um misto de alegria e uma imensa responsabilidade. Como fazer jus a esta prática e aos terapeutas brasileiros que a desenvolvem e enriquecem com criatividade latina? Nascida no início dos anos 2000, a TN cresceu, floresceu e vem se transformando, desde a presença de Michael White e David Epston em território brasileiro. Primeiramente por seus escritos, aos quais tínhamos acesso apenas em inglês e, às vezes, em espanhol. Depois, pelo nosso espírito de mercadores ambulantes que nos convidava a ir ao encontro das oportunidades que surgiam, ainda que em outros países.  Este artigo tem as marcas de meu envolvimento pessoal com essa prática, desde que, em 1991, Carlos Sluzki, num curso de terapia familiar em Massachussetts, apresentou Michael White como um jovem criativo que fazia da terapia uma espécie de exorcismo psicológico. Sluzki estava se referindo à prática das conversações externalizadoras, que separa a pessoa e o problema: o problema é o problema, a pessoa é a pessoa. Para nós brasileiros, na época, uma grande novidade.

Assim, não foi surpreendente que estivéssemos pela primeira vez com Michael White em Buenos Aires (Argentina), quando a Fundação Interfas organizou, em 1992, quatro dias de workshop com ele. Numa pequena sala da Fundação, o encantamento se apossou de nós brasileiras, em torno de umas 15 pessoas. A mim particularmente, o que mais me tocou foi uma apresentação que Michael fez

de um atendimento de um homem que vivia há muitos anos num hospital psiquiátrico e tinha acabado de tentar o suicídio. Sua história de desesperança narrava que sua vida não importava para ninguém e que, se ele morresse, ninguém precisaria ser avisado. Nas suas conversas com esse homem, Michael conseguiu resgatar dentre as histórias por ele vividas, as memórias de seu tempo de criança. Sua primeira professora foi reconhecida por esse homem como alguém para quem sua vida importava. Tivemos a oportunidade de assistir o vídeo em que essa professora, já idosa, narrava momentos em que aquele menino se destacava e o apreço que ela tinha por ele. Voltamos para o Brasil com as sementes pulsantes de uma inquietação para aprender mais e transformar nossa prática. Michael nos ajudou a considerar que todas as pessoas têm histórias de valor e o poder de legitimação de vidas e relações pelas narrativas de testemunhas externas. Na ocasião tivemos acesso a um fantástico artigo, denunciando práticas de poder subjugadoras de *selves* e relações. Ainda hoje, compartilho com meus alunos o artigo *Deconstruction nad Therapy* (White, 1991). Nele, Michael apresenta quatro sinopses de histórias de algum tipo de opressão, ajudando-nos a compreender que sempre há portas de entrada para histórias subordinadas que, uma vez historiadas, ajudam a desconstruir histórias dominantes saturadas de problema, possibilitando a construção de histórias preferidas de vidas legitimadas.

Seguimos estudando e, ao mesmo tempo, compartilhando com nossos alunos o que estávamos aprendendo. Um referencial para construirmos nosso caminho foi o primeiro livro publicado por Michael e David Epston - *Narrative means to therapeutic ends* (1990). Objetivar os problemas e não as pessoas, desenvolver a sensibilidade para ouvir traços nas histórias convidando a histórias de esperança. Muitas novidades foram surgindo com a metáfora narrativa. Nossa prática de terapia, gradativamente mudou seu foco de problemas para possibilidades, externalizando a influência dos discursos culturais nas narrativas dominantes saturadas de problemas, que, subliminarmente, constroem relações de poder. Michael e David ampliaram nossos horizontes e práticas terapêuticas, contribuindo para olharmos problemas como gritos de inconformismo, diante de valores desconsiderados, ou mesmo, ultrajados. Mais tarde pudemos ampliar nosso entendimento pelo precioso conceito de “o ausente, mas implícito” (White, 2007), resultado da presença das ideias de Derrida na terapia narrativa.

A terapia narrativa contribuiu para ampliar nossa compreensão das vidas e relações, ao convidar outros interlocutores, fora do mundo psi: Foucault, Derrida, Vygotsky, Geertz, Bachelar, Barbara Myerholf, Bruner, dentre outros mais (Grandesso, 2011). Definida como uma prática pós-estruturalista, no Brasil, a terapia narrativa contribuiu para o desenvolvimento de relações terapêuticas valorizando o conhecimento local, respeitando os valores culturais e sensível a todas as formas de opressão. Para além dos diagnósticos e de uma visão psicopatologizante da vida, uma pudemos incorporar uma dimensão política para a terapia e expandi-la para além das paredes dos consultórios. Abandonando a ética do controle e abraçando a ética da colaboração, White (2007) manteve sempre numa postura de parceria respeitosa, descentrada, porém influente. E assim, seguimos nós.

## Apredendo com Nossos Mestres e uns com os Outros

Apresento a seguir algumas das presenças marcantes no território brasileiro com quem pudemos aprender e criar possibilidades para nossas práticas narrativas. De antemão, esclareço que se trata de um recorte pessoal e, portanto, parcial. Está longe de estar completo. Meu critério foram as ressonâncias com minha própria experiência e a abertura para novas possibilidades, no contexto da terapia narrativa, conforme o pedido que me foi feito por Tom Carlson.

No ano de 2005, o Núcleo de Família da Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (NUFAC) trouxe para São Paulo Jill Freedman para um workshop de Práticas Narrativas na Terapia Familiar. Dentre outras coisas, Jill nos introduziu na arte de fazer perguntas para desenvolver histórias mais ricas a partir de “momentos brilhantes”. Com ela praticamos uma forma de escuta de relatos da vida cotidiana que nos ajudava a transformar nossas respostas em poesia. Neste mesmo ano, Silvia Rechulski e Ada Pelegrini Lemos, nos presentearam com o primeiro workshop de Michael White em território brasileiro, também em São Paulo. Na ocasião pudemos testemunhar uma consultoria que Michael fez com uma família brasileira. Acompanhamos uma relação terapêutica que respeitou os nossos valores culturais e a forma artesanal com que ele, através de suas perguntas nascidas da escuta atenta para traços nas histórias, foi abrindo possibilidades para que a família adentrasse territórios da vida não historiados. Michael nos permitiu acompanhar uma dança criativa entre seu posicionamento descentrado, porém

influente e uma família renascendo para novas formas de vida. Pela primeira vez, pudemos participar como testemunhas externas. Como um parceiro genuinamente interessado e criativo, Michael contribuiu para que a família revisitasse suas experiências construísse novas e mais ricas histórias, abrindo as portas para novas possibilidades existenciais.  Sem dúvida esse workshop foi um divisor de águas. Logo mais, em 2006, Michael esteve em Salvador (Bahia) e Porto Alegre (Rio Grande do Sul), uma grande contribuição para nós brasileiros, graças a Maria Angela Teixeira em Salvador e Consuelo Brun em Porto Alegre.

Ao voltar de Porto Alegre, iniciei em, 2006, em São Paulo, pelo INTERFACI, instituto que coordeno, um Grupo de Estudos Abertos e Contínuos sobre terapia narrativa. Organizado como uma comunidade de aprendizagem colaborativa, ainda hoje, 17 anos depois, aprendemos uns com os outros, seguindo nossos interesses de aprendizagem e aprofundamento e promovendo workshops de aprofundamento. Acima de tudo, nosso grupo é um incentivo para a criatividade. Uma das autoras presentes nesta Revista, Adriana Bellodi César, é uma das participantes do grupo.

Um outro acontecimento relevante para o desenvolvimento da Terapia Narrativa no Brasil, foi a presença de David Epston em 2007. Em dois workshops, um organizado em Salvador (Bahia), por Maria Ângela Teixeira e outro em Campinas, uma cidade próxima de São Paulo (SP), sob a responsabilidade do Instituto de Terapia de Família e Comunidade, ITFCCAMP. Um diferencial desses dois workshops foi a forma como David nos guiou “por dentro da entrevista”, numa prática narrativa criativa e inspiradora. A criatividade de David em sua escuta dialógica. despertou nossa curiosidade para possibilidades de perguntas que convidam a “magia”, as perguntas duende, conforme ele as denominou num dos workshops que pudemos assistir. David compartilhou um vídeo de um atendimento de um garoto de 14 anos Sebastian, do qual sua família e escola se tinham se demitido. Eu já havia assistido e me encantado com esse vídeo em Oslo, no ano de 2000. Histórias de agressões, cenas de violência, inúmeros episódios de condutas incompatíveis com uma vida em sociedade, tinham levado esse garoto para o internato numa instituição de saúde mental. Deixando de lado as histórias de problemas, David fez para o garoto, uma de suas “perguntas duende”: *“o que você acha que seu terapeuta me respondeu quando eu perguntei*

*a ele, 'o que você mais respeita em Sebastian?' O que você acha que ele me disse?".* Depois de muito pensar, o garoto conseguiu dizer algo de inédito, especialmente para alguém com as histórias que eram construídas sobre ele . Sebastian respondeu que seu terapeuta via nele um menino do bem. A conversa que seguiu depois trouxe dignidade e devolveu a liberdade para esse garoto institucionalizado. Esse trabalho terapêutico é para mim uma obra prima, cada vez que o vejo, convida-me à emoção e à esperança.

Uma das grandes incentivadoras das práticas narrativas no Brasil, foi Maria Ângela Teixeira. Essa pioneira apaixonada pelas práticas narrativas organizou inúmeros cursos, convidou vários terapeutas narrativos, dos pioneiros aos mais recentes, para que pudéssemos desenvolver nossas práticas. De Michael White e David Epston, passaram por Salvador (Bahia): Shona Russel, Mark Rayward, John Winslade, David Newman, David Denborough, dentre outros. Maria Ângela foi a principal e arrojada organizadora da 10th Conferência Internacional de Terapia Narrativa e Trabalho Comunitário: em Salvador, (Bahia) em 2011, junto com o Dulwich Centre, Além de receber participantes de várias partes do mundo, esse evento foi um testemunho vivo de quanto a terapia narrativa e trabalhos comunitários estavam já arraigados no solo brasileiro e apresentavam criativas produções com as marcas de nossa cultura.

Outra fonte incentivadora de nosso desenvolvimento na terapia narrativa e, especialmente nas práticas narrativas coletivas foi o trabalho parceiro entre Marlene Simonetti e Adriana Müller, no Espírito Santo em 2009. Ao convidarem David Denborough e Cheryl White para um workshop em 2009, contribuíram para o desenvolvimento das práticas narrativas coletivas no Brasil. Convidados novamente em 2010 pelo INTERFACi para um workshop em São Paulo, a Árvore da Vida, o Time da vida, dentre outras práticas, resultaram em um grande movimento de práticas e produções de conhecimento e contribuições para transformações sociais efetivas. Muitas metodologias criativas e inovadoras e vários projetos comunitários foram inspirados nas práticas narrativas coletivas. Não os estou incluindo aqui, por fugirem aos propósitos deste artigo. Os interessados podem ter uma mostra em Müller (2013) e Abdalla (Denborough & Abdalla, 2019). Considero que a vinda de Cheryl White e David Denborough foi a porta de entrada para o Instituto Reciclando Mentes do Rio de Janeiro (RJ), iniciar

um trabalho de intensa repercussão em território brasileiro, em parceria com o Dulwich Centre. Além de realizar eventos que estimulam as práticas coletivas, desde 2021, o instituto tem promovido em parceria com o Dulwich Centre, cursos de formação em práticas narrativas e trabalhos comunitários, iniciando sua quarta turma em 2024. A modalidade on-line tem possibilitado acesso de pessoas das mais variadas regiões desse nosso imenso país.

Quanto ao instituto INTERFACI, pudemos contribuir para a difusão das práticas narrativas no Brasil, além do Grupo de Estudos Aberto e Continuado iniciado em 2006, pelos workshops que organizamos. John Winslade, além de suas contribuições teórico-filosóficas, em que ressaltou as contribuições das ideias de Deleuze e Foucault para a prática da terapia narrativa, abriu possibilidades para integrarmos as práticas de conversação externalizadoras, de reautoria, andaime e as do ausente, mas implícito, a dupla escuta, à prática da terapia narrativa em situações de conflito. Depois Stephen Madigan, trouxe como uma grande contribuição a entrevista relacional. E, como nosso último workshop antes da pandemia, recebemos David Epston, Tom Carlson e Sanni Paljaca, com os quais pudemos refletir sobre como reimaginar as práticas narrativas. A abertura para testemunhas compassivos, a inclusão de documentos e a poesia ao processo terapêutico, foram propostas inovadoras que tiveram grande repercussão no nosso trabalho narrativo. Daí surgiram novas práticas e novas produções de conhecimento, como, por exemplo, (Paschoal & Pereira, 2022), usando cartas e poemas em processos reflexivos.

Durante a pandemia, tivemos a oportunidade de ampliar o número de participantes nos nossos workshops pela redução de custos que a modalidade online proporcionava. Assim, pelo INTERFACI, realizamos mais dois workshops, um com Marta Camplillo e outro com Tom Carlson, em 2020. Tom apresentou práticas narrativas contemporâneas com casais, mesclando histórias de justiça e de amor. E, finalmente, ainda na pandemia em 2022, David Marsten inovou nosso conhecimento com práticas de entrevista iniciadas pela maravilhosidade. E assim, temos seguido aprendendo e criando.

Além do já mencionado, uma forma criativa de divulgar a terapia e outras práticas narrativas nos dias de hoje, se apresenta em forma de um blog. Accessível e popular, Maria Ângela Teixeira (www.narrativasterapeuticas.com.br), divulga

livros em português e navega, de poemas à arte numa abordagem narrativa. Mais recentemente, Ângela vem escrevendo sobre terapia narrativa e os sonhos, aqueles que temos “de olhos fechados”, como ela diz. Uma inovação de sua parte.

## Incentivo e Produção de Conhecimento

Um dos grandes entraves para a difusão do conhecimento advém das barreiras da língua. As produções originárias da terapia narrativa foram publicadas em inglês e depois em espanhol, desfavorecendo a inclusão de nossa comunidade de fala em português. Assim, a publicação de dois livros traduzidos para o português, (Morgan, 2007, Russell & Carey, 2007), foram de grande contribuição para difundir a terapia narrativa no Brasil. Simples e bem didáticos, accessíveis, pudemos introduzi-los nos nossos cursos de terapia familiar nos quais a terapia narrativa já vinha sendo divulgada desde o começo dos anos 2000. Quando em 2012, tivemos a oportunidade de ter traduzido para o português o último livro escrito por Michael White, Maps of Narrative Practice (White, 2007, 2012 em português), a terapia narrativa se expandiu pelo Brasil, de norte a sul. É importante ressaltar a importância da inclusão linguística, para a qual também já haviam contribuído contribuíram as traduções pelo grupo Narrativa Brasil, responsável pelas publicações em português dos livros de Morgan (2007) e Russel e Carey (2007). Também impulsionaram a difusão das práticas, artigos de outros terapeutas como Winslade (2017) e Madigan (2018), publicados em livros em português organizados por mim (Marilene Grandesso). Tivemos que vencer as barreiras da linguagem, não somente para ter acesso ao que vem sendo feito e difundido em língua inglesa, mas para podermos difundir o que temos feito por aqui, em outro idioma.

Dentre as nossas produções, temos escrito capítulos de livros e artigos para nossas revistas mais afinadas com as propostas das práticas narrativas, como a Nova Perspectiva Sistêmica. Desde o ano 2000, em que foi publicado um artigo sobre uma terapia narrativa com criança, (Grandesso, 2000), temos publicados trabalhos narrativos com crianças (Grandesso, 2000, 2012; 2018, Cesar, 2008); com adolescentes (Lion, 2022, Lion et al, 2023); com doenças crônicas (Novis & Abdalla, 2012); com pacientes portadores de doenças mentais (Laurentino, 2017); com grupos de famílias (Almeida & Müller, 2014); sobre o uso de contos na

terapia narrativa (Novis, 2016) e projetos de co-pesquisa (Abdalla, 2020). Temos ainda alguns artigos teóricos (Grandesso, 2011, Paschoal & Grandesso, 2014, Cruz, 2008, Guimarães, 2007). Cumpre ressaltar que não está incluída aqui a vasta produção de artigos sobre práticas narrativas coletivas, o que escapa aos propósitos deste número da revista.

## Finalizando: A Terapia Narrative no Brasil Efeitos Rizomáticos de uma Práctica Transformadora

Olhando para esse panorama que acabo de apresentar, dou-me conta de quanto caminhamos desde que a terapia narrativa foi introduzida para nós terapeutas brasileiros, na década de 1990. Desde Jill Freedman em 2001, quantos terapeutas narrativos estiveram conosco, contribuindo para nossa identidade como terapeutas narrativos! Para nós brasileiros, mais do que aprender uma nova prática de terapia, foi estar em diálogo constante com um universo de possibilidades de interlocução teórica e de realizar a terapia narrativa. Ouso dizer que somos muitos os terapeutas narrativos brasileiros. Esse artigo compartilha uma pequena amostra do que temos desenvolvido. Muitas práticas de terapia narrativa acabaram não sendo documentadas em textos e, assim, não puderam ser incluídas neste artigo. Os artigos que compõem essa revista são uma pequena mostra da criatividade dos terapeutas narrativos brasileiros, atuando nos mais distintos contextos e com as mais diferentes populações. Sensível aos valores da multicultura brasileira, atentas às práticas de poder que oprimem pessoas e comunidades, nossas práticas se pautam por uma ética da colaboração. Quebrando a convencionalidade das terapias tradicionais, a terapia narrativa tem se mostrado como um conjunto de práticas transformadoras promovendo a libertação de formas de opressão que restringem possibilidades de existir com dignidade. Se estendêssemos este artigo para incluir as práticas narrativas coletivas, teríamos, nesse sentido, uma variedade de projetos, metodologias inovadoras e práticas transformadoras.

Termino expressando a gratidão não apenas para os nossos mestres que vieram compartilhar suas experiências conosco, mas também, e especialmente, para os profissionais brasileiros que promoveram o nosso acesso a cursos e workshops sobre terapia e outras práticas narrativas. Não posso deixar de nomear Maria Ângela Teixeira que, ousou e fez acontecer os primeiros cursos e workshops

desde 2005, apresentando-nos muitos terapeutas narrativos criativos e inspiradores que não teríamos conhecido, não fosse seu desejo de expandir as práticas narrativas no Brasil. Essa foi uma prática adotada também por algumas instituições tais como INTERFACI (São Paulo-SP), Reciclando Mentes (Rio de Janeiro-RJ), Crescent (Vitória-ES). Ao longo deste artigo, procurei honrá-los destacando algumas de suas contribuições. Conforme o desejo de White e Epston (1992), nossa cultura da terapia narrativa brasileira tem conseguido manter o espírito de aventura, e, acredito, temos conseguido enriquecer nossas vidas e as vidas das pessoas que têm buscado a nossa ajuda.

Das primeiras ilhas de terapia narrativa em nosso país, construímos arquipélagos e hoje podemos falar num continente que nos oferece uma plataforma de sustentação para criarmos e seguirmos adiante, nos nossos mais de 20 anos dedicados a aprender e praticar a terapia narrativa. Quero terminar ressaltando que a terapia narrativa definiu uma nova identidade para os terapeutas que abraçaram seus propósitos e se aventuraram a mergulhar numa nova concepção de terapia. Uma prática que, muito além do mundo psi, nos permite indignar contra as injustiças sociais e tomar uma posição contra os abusos de poder e práticas de subjugação se identidades, relações e vidas. Mas, acima de tudo, a terapia narrativa ajuda a manter acesa [...] “a chama da esperança que ilumina nossas ações e alimenta a nossa crença de que novos e preferidos mundos serão sempre possíveis, à luz de histórias preferidas e extraordinárias que toda pessoa tem. Resta-nos apenas construir andaimes” (Grandesso, 2008, p. 117).

## Referências

Abdalla, L.H.A. (2020). Teenagers and the COVID-19 pandemic. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work, 3,* www.dulwichcentre.com.au

Almeida, B., & Müller, A. (2014). Jardim de flores: Uma experiência com grupos de famílias no contexto da socioeducação. *Nova Perspectiva Sistêmica, 23(*49), 73-87.

Carvalho, A.S., Cavalcante, R. A. L. P, Oliveira Q. A. C. & Almeida G. L. (2022). Grupo com crianças no âmbito do Sistema Único de Assistência Social

(SUAS) inspirado pelas práticas narrativas coletivas. *Nova Perspectiva Sistêmica, 31*(72), 23–37.

Cesar, A.B.C. (2008). A externalização do problema e a mudança de narrativas em terapia familiar com crianças. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica, 31*, 85-98.

Cruz, H.M. (2008). Da linguística à política: o giro de Michael White. *Nova Perspectiva Sistêmica, 31,* 74-86, julho.

Denborough, D. & Abdalla, L.H.A. (2019) Manual do tatame da vida. *Disponível em* www.reciclandomentes.org.

Grandesso, M.A. (2018). Domando a caballo de viento: la historia de Luisa, una experta en hacer planes para ser feliz. In. I. Latorre-Gentoso (org.) *Prácticas de Terapia Narrativa: voces Latinoamericanas tejiendo relatos preferidos*, pp. 15-38. Pranas Chile.

Grandesso, M.A. (2012) Terapia da Família centrada na criança: a criança como parceira conversacional. In H.M. Cruz, (org.) *Me aprende?* Roca Ed., 41-70.

Grandesso, M. A. (2011). "Dizendo olá novamente": A presença de Michael White entre nós, terapeutas familiares. *Nova Perspectiva Sistêmica, 20*(41), 99-118.

Grandesso, M. A. (2000). Quem é a dona da história? Legitimando a participação de crianças em terapia familiar. In H.M. Cruz, (org.). *Papai, mamãe, você... E eu?: conversações terapêuticas com famílias com crianças*, pp. 101-126. Casa do Psicólogo.

Guimarães, N.V. (2007). Michael White: um terapeuta acrobata. *Pensando famílias, 11* (2), 141-164, dez.

Laurentino, J. (2017). Considerações sobre práticas pós-modernas no trabalho em torno da desconstrução da identidade construída a partir do diagnóstico de transtorno mental. In M.A. Grandesso, (org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas.* CRV, pp. 247-268.

Lion, C.M. (2022). O uso de práticas narrativas em um grupo terapêutico com adolescentes em situação de sofrimento emocional. *Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.*

Lion, C. M., Souza, L. V. E., Vidotto, L. T., & Centurion, N. B. (2023). Uso dos princípios narrativos em um grupo com adolescentes em sofrimento emocional. *Revista Da SPAGESP, 24*(1), 17–32.

Madigan, S. (2018). Entrevista relacional fundamentada na terapia narrativa: preparando emocionalmente os relacionamentos conjugais conflituosos para uma possível reunião, separação, mediação e tribunais de família. In M.A. Grandesso, (org.), *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas*. Curitiba, CRV, pp. 201-223.

Morgan, A. (2007) O que é a terapia narrativa? *Centro de estudos e práticas narrativas.*

Müller, A. (2013). Ritmos da Vida: ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica,* no. 45.

Müller, A. (2012a). Troca de cartas no time da vida: Um bate-bola construtivo. *Nova Perspectiva Sistêmica, 21*(42), 42-56.

Müller, A. (2012b). Ritmos da vida: Ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica, 22*(45), 34-46.

Novis, A. L. de F. (2016). Contos e terapia narrativa: possibilitando novas conversas. *Nova Perspectiva Sistêmica, 25*(55), 7–18.

Novis, A.L., & Abdalla, L.H.A. (2017). A despensa da vida: uma metodologia auxiliar ao desenvolvimento de histórias que promovem entendimentos de saúde diante de um diagnóstico de doença grave e/ou crônica. *Nova Perspectiva Sistêmica, 22*(45), 26–34.

Paschoal, Z.T.C.N., & Pereira, C.P.G. (2022). Uso de cartas na equipe reflexiva: acessando emoções e novos entendimentos. In M.A. Grandesso (org.), *Construcionismo social e práticas colaborativo-dialógicas a serviço de ações generativas e humanizadoras.*

Paschoal, V.N., & Grandesso, M.A. (2014). O uso de Metáforas em terapia narrativa: facilitando a construção de novos significados. *Nova Perspectiva Sistêmica*, (48), 24-43, abril.

Russell, S., & Carey, M. (2007). Terapia Narrativa: Respondendo às suas perguntas. *Centro de estudos e práticas narrativas*.

White, M. (2007). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.

White, M. (2012). *Mapas da Prática Narrativa*. Pacartes.

White, M. (1993). Deconstruction and therapy. *Dulwich Centre Newsletter*, 1991, N. 3, 21-40.

White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. WW Norton.

White, M. & Epston, D. (1992) Introduction. *Experience, contradiction, narrative & imagination. Selected papers by David Epston & Michael White 1989-19.*

Winslade, J. (2017). Coaching de conflitos narrative. In M.A. Grandesso, (org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*. CRV, pp. 357-386.

# Os Maus e os Bons Fantasmas: Uma História de Reautoria em Terapia Narrativa com Criança

Adriana Bellodi Cosa César

*"Há um menino, há um moleque*

*morando sempre no meu coração*

*toda vez que o adulto balança*

*ele vem pra me dar a mão."*

*Brant e Nascimento (1988)*

A infância é um campo de conhecimento teórico-prático inesgotável que alimenta o contínuo tornar-me terapeuta de crianças, sejam elas sozinhas comigo na sala de terapia, sejam acompanhadas de suas famílias ou outros cuidadores. Trago comigo uma criança valiosa a conduzir-me pelos caminhos e encruzilhadas do trabalho terapêutico e que inspira minha imaginação e curiosidade por um mundo a ser descoberto. Favorecida por ter nascido em uma família em que outras crianças chegavam ano a ano, os irmãos mais velhos como eu eram ensinados a cuidar dos mais novos. Fui privilegiada ainda por vir de uma geração onde as vizinhanças eram povoadas de crianças e o brincar em espaços livres era imperativo. Assim, em meus atendimentos, ecoando os compositores e músicos brasileiros citados acima, há uma criança morando sempre no meu coração.

Desse patrimônio cultural particular, adquiri posicionamentos que hoje considero alicerces para as minhas relações pessoais em geral e fundamentais para a prática clínica, pois entendo que a relação terapêutica com crianças exige deixar-se levar pela convivência lúdica e criativa, e a crença em uma relação colaborativa que transforma formas de vidas infelizes.

Este texto foi produzido por sentir-me convidada a compartilhar uma reflexão sobre a clínica cotidiana, entendendo-o como um diálogo escrito entre mim, autora, e outros autores ou leitores, como sugerem Rasera e Guanaes (2006). Envolve uma família que é composta pelos pais e duas crianças com oito e quatro anos. Os atendimentos foram feitos em sua maioria, envolvendo a mãe e seu filho mais velho, cujo principal impasse era o espírito indomável que surgia sempre

que contrariado por ela, quando um abundante fluxo de raiva, acusações e insatisfações surgia por parte dele e a paralisava. Trata-se de conversações terapêuticas ocorridas durante o ano de 2020, as quais foram atravessadas pelo advento da pandemia instalada pela COVID-19 e traz como desafio, a criação de recursos para a manutenção do processo terapêutico.

No diálogo com o leitor pretendo relatar fragmentos da prática, buscando dar visibilidade: 1) às conversas de externalização como recurso dialógico lúdico e promotor de mudanças preferíveis; 2) à produção de documentos terapêuticos no formato de crônicas terapêuticas (Campillo Rodriguez, 2011; Paljakka, 2008), um recurso útil para pontuar momentos marcantes no processo de reautoria dos participantes; 3) e compartilhar momentos em que o uso da tecnologia on-line auxiliou a co-construção de relações terapêuticas generativas, possibilitando seguir adiante no processo conversacional.

## Conversando com Alguns Amigos Textuais Antes de Entrar na Sala de Terapia

Michael White (2012), a despeito da expressiva capacidade de sistematização do conjunto de sua obra, privilegiava os desdobramentos de seu trabalho de forma que o espírito da terapia narrativa fosse expandido, sem deixar-se amarrar por qualquer discurso preponderante desta ou daquela escola terapêutica. David Epston, ecoando essa pluralidade de sentidos na terapia narrativa, aponta por um lado, a irreverência, a improvisação e a imaginação presentes no centro da vida cotidiana e, por outro, a indignação com a injustiça geradora de sofrimento humano (2019). Assim, a terapia narrativa questiona ativamente a centralização individual dos problemas humanos e convida a pensar sobre sua inserção nos discursos sociais dominantes que configuram a vida das pessoas.

Como uma postura terapêutica, esse questionamento promove uma relação igualitária entre terapeuta e cliente e nega normatizações que submetam as pessoas a padrões de como deveriam ser, sentir e agir. Tal descentramento do terapeuta facilita uma construção conjunta das escolhas que os clientes desejam assumir sobre seus problemas e dificuldades, baseados nos valores e crenças que norteiam suas vidas. Assim, a mudança se constrói a partir de novos significados compartilhados em direção à dissolução do problema, como sugerem Anderson e Goolishian (1988).

A terapia narrativa discute a desconstrução do poder do terapeuta, a partir de uma visão foucaultiana que enfatiza o poder não como uma implementação institucional do topo para baixo, mas como aquele que desenvolve- se e refina-se no nível local da cultura (White & Epston, 1993). Em outras palavras, as pessoas são produto e produtoras de relações, conceitos e dogmas que moldam discursos culturais dominantes e socialmente construídos. Dessa forma, no encontro terapêutico deparamo-nos com narrativas normatizadas culturalmente e saturadas pelo problema, que objetificam pessoas e as descrevem como problemáticas, paralisadas e incompetentes na promoção de mudanças.

Para fazer face às histórias dominantes que produzem esta construção identitária de defcit e limitação, a externalização do problema - posteriormente renomeada de conversas de externalização - foi uma resposta ética e criativa originada por Michael White (Freeman, Epston & Lobovits, 1997; White, 2012; White & Epston, 1990) ao poder das descrições uniformizantes sobre as pessoas, que fazem submergir toda a singularidade que cada indivíduo tem no enfrentamento de suas dificuldades. Tais conversas, como recurso dialógico, convidam os participantes a entenderem que o problema é que é o problema e não a pessoa; uma abordagem que estimula as pessoas a questionarem a opressão que os problemas adquirem sobre elas, assim como a tecerem a reautoria de suas vidas. Diz Michael White (2012):

> Considero a prática de externalização em certo sentido como um amigo leal. Ao longo de muitos anos, essa prática me ajudou a descobrir maneiras para seguir em frente com pessoas em situações consideradas desesperadoras. Nessas situações, as conversações de externalização abriram muitas possibilidades para que redefinissem sua identidade, vivenciassem sua vida de uma nova maneira e buscassem aquilo que valorizavam. (p. 59)

Este espírito fascinante que repousa no que é único de cada pessoa e tão presente no convívio profissional com crianças reflete o entusiasmo de um outro pequeno cliente: “Falei para o meu pai: ‘Deve ter alguma mágica aqui! Aquela choradeira que eu fazia pra tudo, sumiu!’”

Com a inspiração de “como se fosse mágica”, trarei a seguir o relato do atendimento familiar no qual este texto foi baseado. Os encontros foram em sua maioria com a participação da mãe (Aurora) e seu filho mais velho (Daniel), uma

vez que as dificuldades descritas traziam muitos desentendimentos e o sentimento de desesperança na relação entre eles. Anderson e Goolishian (1988) sugerem que o problema organiza o sistema, e assim, Leo, o irmão mais novo foi incluído quando conflitos entre as crianças intensificaram-se com o isolamento social imposto pela pandemia; o pai pode pôde participar de algumas sessões apenas, quando conseguíamos o agendamento de horários no contraturno de seu trabalho. Nesses encontros onde a família toda se reunia, o brincar livremente foi o objetivo principal. (César, 2012)[1].

## Um Pedido de Ajuda

Ainda nos primeiros dias das férias de janeiro de 2020, Aurora, a jovem mãe de Daniel (oito anos) e Leo (quatro anos) estava muito angustiada por não conseguir uma relação equilibrada com o filho mais velho, que se "joga na televisão" e não se comprometia com suas obrigações, desde os cuidados com a higiene pessoal até as obrigações escolares em tempos de aula. Nascido aos 7 meses de gestação, foi avaliado durante o período de alfabetização e recebeu diagnóstico de Transtorno de Distúrbio de Atenção (TDA), além de conviver com uma desconfortável disgrafia e imaturidade psicomotora, que obrigava a mãe a acompanhar tarefas escolares, corrigir erros de ortografia e "apagar a letra feia". Sempre muito queixoso, ficava irritado quando a mãe o pressionava: gritava, chorava, acusando-a de ser uma mãe ruim. Isso a deixava "fora de si", entendendo que fazia o melhor podia. Nesses momentos a raiva também a dominava, de onde emergiam falas que jamais adotaria se pudesse pensar antes de dizer. Sentia-se portanto, muito culpada e convencia-se de que realmente não era uma boa mãe.

Aurora preocupava-se também com o filho menor. Tal como o irmão mais velho, nasceu prematuro, porém as intercorrências perinatais e os efeitos do nascimento precoce foram mais invasivos no seu desenvolvimento. Os pais passaram a protegê-lo, pouco o encorajando na autonomia das atividades da vida cotidiana: "Ele é o nosso bebê"; "exigiu muito cuidado", "sempre foi fraquinho"; "ganha tudo no choro e eu acabo cedendo para não me irritar mais", dizia Aurora. Uma espécie de círculo vicioso se estabeleceu, onde as atitudes desafiantes de Daniel e o choro insistente de Leo resultavam numa explosão conjunta de

[1] Os nomes dos participantes foram modificados para que suas identidades sejam preservadas, e como autora obtive o consentimento da família para a publicação deste artigo.

irritabilidades. Dessa forma, ao ceder às demandas dos filhos, Aurora conseguia um momento de paz: “Volto a fazer o que eles pedem para acabar logo com as reclamações” para, logo em seguida, ser tomada pela culpa e pelo desconfortável sentimento de impotência frente aos impasses.

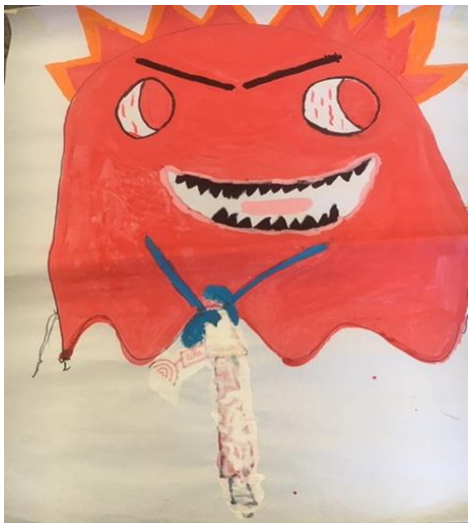
A família havia mudado-se há dois anos para a cidade dos avós maternos, na esperança de receberem o suporte familiar para os cuidados e tratamentos dos filhos. Deixaram para trás escolas, relações, amizades, lazer, estabilidade profissional. Defrontaram-se com obstáculos profissionais e financeiros e a ajuda esperada dos familiares não se concretizou. O casal sofreu uma reorganização nas suas responsabilidades como provedor da família, sendo que o pai das crianças expandiu suas atividades profissionais, enquanto Aurora via as dela serem reduzidas em função dos cuidados e educação dos filhos. Iniciava-se assim um período duradouro de frustrações, sobrecarga e exaustão.

## “Olá, Posso Entrar?”: Ampliando os Significados do Problema

Compareceram ao primeiro encontro Aurora e Daniel, um garoto silencioso e observador aparentemente pouco interessado em participar da conversa que dizia respeito às suas falhas no dia a dia. Aurora discorria sobre todos os seus desapontamentos com o filho como: assistir muita televisão, reclamar de tudo, embora ela estivesse sempre auxiliando-o, faltar-lhe autonomia para os deveres escolares, evitar atividades físicas, ser pouco cooperativo e desobediente às determinações dos pais. Sua maior dificuldade, porém, dizia respeito à inabilidade de controlar-se antes de explodir em ataques de raiva, quando contrariado. Desconfortável, Daniel absolutamente calado e tristonho, lentamente afastou-se e desapareceu da sala. Um outro ambiente lhe era mais interessante: a sala de brinquedos.

Convidei a mãe a acompanhá-lo e, buscando uma forma de incluí-lo no motivo que os trouxeram à consulta, disse que muitas crianças sofrem com toda a sorte de problemas, e que, como se não bastasse, esses problemas atrapalham também a vida de suas famílias. Curiosa para conhecer a cara do problema, perguntei se conseguiríamos tirar uma foto dele; problemas que assombram a vida das crianças são invisíveis e só poderemos conhecê-los desenhando-os. Continuando, disse que ainda não foi inventada uma máquina fotográfica que registrasse a existência desses seres que tanto perturbam as pessoas. A mãe parecia aberta e curiosa, Daniel aparentava estar incrédulo com o que acabara de ouvir. Aurora

tomou a iniciativa e rapidamente os dois viram-se sentados no chão, às voltas com papel, pincéis, tinta e entusiasmo. Enquanto planejavam o que seria desenhado, uma conversa diferente tomou lugar; novos vocabulários brotaram de uma relação mãe - filho agora muito mais colaborativa: “É monstro ou fantasma? É bem grande, então precisa de um papel maior. Tem uma saia; e muitos dentes na boca; o cabelo é espetado”; Daniel passou a vislumbrar a foto do problema: “Mãe, o monstro vai ser vermelho, porque vermelho é a cor da raiva”. O menino encorajado pela mudança de direção da conversa, ocupou-se em colori-lo com esmero e a mãe pacientemente o acompanhava na dança dos pincéis. É como fotografar com tintas e pinceladas e o problema ganha materialidade: “Puxa! Ficou legal! Mãe, tem cara de mau!”



“Fantasma da Fúria.”

Satisfeitos com a produção, Daniel diz: “É um gigante da Fúria que atormenta muito, ataca a cabeça, fica batendo.” O recorte a seguir ilustra as conversas que vão sendo tecidas em torno do problema externalizado (as siglas T, D e A, referem-se respectivamente à: Terapeuta, Daniel e Aurora):

T: Acho que ele tem uma britadeira nas mãos e faz furos na sua cabeça, pra entrar! *(Pinto uma ferramenta nas mãos do gigante).* A gente poderia inventar alguma coisa pra te avisar quando ele está ligando a britadeira? *(Pinto um radar que diz “Não”, quando percebe que o gigante está se aproximando)*

D: Não… ele passa pela cabeça...É uma fantasma.

T: Ah! Estamos conhecendo ele melhor! Parecia um gigante, mas é um fantasma!

D: É, ele não faz furos; ele passa pela cabeça *(apaga o desenho da britadeira com tinta branca)*

Entendo que esta atitude de Daniel diz respeito à autoria que ele vai aos poucos construindo sobre a sua relação com o problema. É como se dissesse: "Hei! Esse problema é meu!". Há uma mudança significativa na forma como está conectado com a exploração das dificuldades que o trouxeram à terapia.

A separação entre a identidade da pessoa e a do problema não a exime de enfrentar os prejuízos que este tem trazido para sua vida. Segundo White (2012), possibilita que assuma essa responsabilidade e, dessa forma, é encorajada a estabelecer uma relação mais claramente definida, em que uma gama de possibilidades alternativas torna-se possível. E continuando...

T: E será que ele aproveita algumas "janelinhas" pra entrar na sua cabeça?

A: Acho que é quando ele fica com ciúmes do irmão e quando a gente contraria ele.

Uma forma alternativa de falar das dificuldades que permeiam as relações familiares está em construção sem, contudo, apontar os déficits da criança, culpando-a. Conversações de externalização ao objetificarem o problema, oferecem um antídoto aos entendimentos de transtornos como internos e essenciais daquele indivíduo.

## Construindo uma Identidade Para o Problema

O problema agora nomeado O Fantasma da Fúria, gradativamente é descoberto através de uma investigação curiosa em que eu aprendo com a expertise dos clientes sobre sua experiência. O Fantasma da Fúria tem 1.000 anos e mora um ano na casa de cada criança. Chegou quando a família mudou-se da cidade onde moravam, deixando lá os avós paternos amorosos, há dois anos. Alimenta-se da raiva das pessoas e seu prato principal é hambúrguer de raiva. Mora no inferno e lá habitam também outros fantasmas malvados.

Ao ouvir a descrição vibrante de Daniel, Aurora relatou que pais e filhos perderam os amigos, as crianças separaram-se dos colegas da escola, do espaço de brincar

na antiga moradia e da casa de praia dos avós paternos. Diz: “Daniel sempre diz que foi culpa minha a gente ter mudado para cá. Não gosta daqui.”

D: É, a gente teve que vir pra cá porque ela ganhou um emprego aqui. *(percebe as lágrimas da mãe)* Mãe, cê tá chorando??!!!!

T: Acho que vocês todos ficaram muito tristes por terem mudado de cidade. Nada aconteceu como vocês esperavam…

A: Ele fala que eu não sou uma boa mãe, me sinto muito culpada. Faço tudo pra eles, quase nem trabalhar eu consigo…

T: É... um dos truques desses fantasmas malvados é fazer as mães se sentirem culpadas. Eles atrapalham a vida da família toda.

D: Só do meu pai que não! Ele trabalha e chega em casa tarde e fica só no sofá assistindo, né mãe? Aurora ri.

Procurando a influência que o problema tem sobre a vida de Daniel e sua família, destaco o recorte a seguir:

T: O que ele quer para a sua vida?

D: Que eu seja malvado? Ele quer que eu seja malvado!!! *(seus olhos estão bem abertos, dirigidos para a mãe)*

É importante notar aqui a mudança de expressão da criança que parece refletir sobre a influência que o problema tem sobre sua vida e subitamente descobre seu real propósito. E continuando:

T: E o que ele quer para sua família?

D: Quer que a gente brigue, fique na TV sozinho, sem conversar com a mãe, sem brincar, sem jogar... Ele não atrapalha só a família, também vai na casa dos meus avós (maternos). O mais nervoso é o meu avô. Ele deixa o meu avô louco.

D: Mãe, o vovô também precisa vir aqui!

Michael White diz que este tipo de conversação, através de perguntas de influência, se compara a um jornalismo investigativo e seu primeiro objetivo é

“desenvolver uma exposição da corrupção associada com abusos de poder e privilégios” (White, 2012, p. 38) ditados pelo problema. Assim como os jornalistas investigativos, os terapeutas não estão envolvidos com os domínios de resolução de problemas ou com o engajamento no conflito, mas “ao contrário, suas ações normalmente refletem um envolvimento relativamente ‘sereno’” (White, 2012, p. 38). Em contrapartida, os clientes igualmente assumem uma posição de repórter investigativo, refletem sobre a sua experiência e contribuem para a exposição do caráter do problema. Denunciam seus objetivos, propósitos e atividades.

Essa postura revela a importância do descentramento do terapeuta narrativo e prepara o caminho para que eles (os clientes) identifiquem e construam outros planos para suas vidas, aquilo que valorizam e contradizem as vozes ameaçadoras do problema. Em outras palavras, as conversas de externalização oferecem uma ilha de segurança compartilhada para que as pessoas se engajem na reautoria de suas vidas.

## Uma Crônica Sobre o Problema Externalizado, Inspirada na Ideia de Documentos Poéticos

Para White e Epston (1990), a palavra escrita é uma via ideal para as descobertas realizadas durante a terapia que, como os documentos, podem ser evocados, lidos e recriados. A tradição escrita, através do “fazer ver” põe em evidência os acontecimentos extraordinários, conferindo prestígio a uma narrativa alternativa que se quer iluminar (César, 2008). Ainda, segundo Campillo Rodriguez (2011), a escrita como recurso terapêutico abre muitos caminhos através dos quais a pessoa pode enxergar-se a si mesma através dos olhos do outro.

Durante os atendimentos clínicos, os poemas terapêuticos constroem, de forma especial, uma abertura para histórias inéditas, que joga com a imaginação e traz aos clientes a liberdade de experimentar suas próprias imagens, sensações e novos significados. Discorrendo sobre a utilidade dos poemas terapêuticos em seu trabalho, Sanni Paljakka (2018) escreve:

> Devido à sua forma pouco convencional (a falta de exigências para chegar à brilhante plenitude de sentenças e ideias de texto em prosa) esses poemas abriram um caminho singular para que eu brinque com as ideias. Escrever na forma poética me permite contrapor as histórias dos problemas, horríveis e aterrorizantes, com a confecção de ideias de uma contra-

> história possível sem necessidade de seguir a sequência ordenada das experiências da vida ou o fluxo da conversa terapêutica. (p. 65)[2]

Assim, como abertura da sessão seguinte à revelação do Fantasma da Fúria, peço para que Daniel e sua mãe sentem-se confortavelmente e ouçam um texto que eu quero lhes apresentar:[3]

*Era um problema e era um gigante*

*Um gigante que de tão gigante, atormentava todo mundo*

*Atormentava mais ainda o menino*

*O menino era uma criança*

*E ele fazia o pior para a criança*

*Só para a criança, ele tinha uma britadeira*

*Fazia buraquinhos*

*Na cabeça do menino*

*Que era uma criança e o menino criança era*

*Esperto*

*Pensativo*

*Observador*

*E o menino criança tinha uma mãe artista*

*O menino criança tinha uma mãe artista!!!*

*O menino esperto e a mãe artista tiraram uma foto do gigante*

*Clic, Clic, Clic*

[2] Tradução livre de Adriana Muller.

[3] Embora as autoras assinalem que os documentos poéticos devam ser escritos exclusivamente com as palavras expressadas pelo cliente, tomei esta ferramenta terapêutica como inspiração, acrescentando uma forma pessoal de narrar, ao que preferi nomear de crônicas terapêuticas.

*Vermelho ele era*

*Com cabelo engraçado e lá estava a britadeira*

*De fazer buraquinhos na cabeça*

*E deixar todo mundo nervoso, briguento e depois...*

*Triste*

*E descobriram que o gigante era todo Fúria*

*Ahá!!!*

*Agora a gente já te conhece!!!*

*E o menino esperto e a mãe artista não perceberam…*

*O Gigante da Fúria, esse era o seu nome, era muito inteligente*

*Num passo de pincel, zás!!!*

*Mudou para Fantasma da Fúria*

*Que danado!!!*

*Fantasmas não precisam de buraquinhos para entrar na cabeça e na família de meninos espertos e mães legais*

*Fantasmas atravessam paredes*

*O menino esperto descobriu o truque. Descobriu que o fantasma passa pela sua cabeça*

*E vejam só! Ele sabe muitos truques para fazer malvadezas.*

*Ele tem 1.000 anos.*

Declamei a crônica dramatizando-a, de tal forma que a ênfase recaísse nos recursos e acontecimentos extraordinários subjugados pelo problema (o menino era uma criança; era esperto, pensativo e observador; o menino criança tinha uma mãe artista; o menino esperto e a mãe artista tiraram uma foto do gigante),

bem como os propósitos perversos alimentados pelo problema (o gigante que afeta especialmente o menino, que é uma criança; suas maldades são preferencialmente dirigidas a ele; um gigante muito inteligente, que num passe de mágica, transforma-se em fantasma para atravessar cabeças).

Como conversa externalizante, a escuta de suas vivências vindas de outra pessoa escritas de uma forma poética, promove um sentido de legitimação e centra a autoria na pessoa. Ao ouvirem, Daniel diz que gostou e achou engraçado: "Ele nem parece tão ruim!"; ainda prefere manter a sua versão do problema como fantasma que entra na sua cabeça sem fazer buraquinhos: "Ô tia, ele não tem uma britadeira". Aurora ficou tocada pela compreensão de que o filho é "só uma criança" e que, devido a tantas turbulências na família, sua impaciência pode estar prejudicando-o, além de esperar que saiba renunciar de seu espaço na família em benefício do irmão caçula. Foi-lhe surpreendente ser percebida como artista e relatou outras habilidades artesanais, herdadas de sua mãe. Daniel elogiou as habilidades da avó materna, caprichosa e criativa e descobriu que sua mãe se assemelha a ela. O problema externalizado, re-narrado, permitiu a emergência de uma narrativa não subjugada pela história de conflitos, no período entre os encontros. Diz Aurora:

A: O gigante não está aparecendo muito por lá... só está aparecendo com força quando é com o irmão. Eles brigam, o Leo atrapalha, o Daniel perde a paciência *(as palavras gigante e fantasma vão se alternar durante o decorrer da terapia, como significados de uma entidade/problema separada da criança)*

T: Acho que são os truques do Gigante da Fúria para continuar se aproveitando das brigas na sua família.

A: Ele (Daniel) está melhor que eu, mais calmo que eu, obedece quando eu falo.

A despeito de a influência do problema ter tido uma trégua na família, neste encontro foram abordados muitos momentos conflitivos entre irmãos e entre mãe e filhos. Daniel sugere pintar o Gigante/ Fantasma novamente. Muito entusiasmado, anuncia:

D: Agora eu que vou fazer! Vai ter duas cores. Meio com raiva e meio calmo.

A nova fotografia do problema em metamorfose foi feita a quatro mãos, sendo que a criança tentou reproduzir com os próprios traços a primeira forma quase toda criada por Aurora (o gigante da fúria). Esta foi solicitada para os detalhes mais finos dentro de um diálogo amoroso e respeitoso, principalmente vindo da criança. Todos pareciam orgulhosos, ao final.

"Fantasma da Fúria em transformação."

As letras C e A foram adicionadas para sinalizar as iniciais de *Calm* e *Angry,* vocabulários da língua inglesa, aprendidos pelo menino na escola. Descrições e fatos antes mitigados pelo problema povoam as conversas, possibilitando que a criança seja percebida através de seus recursos (aprende outra língua, gosta de pintar, colabora com a mãe). Imersa numa relação dialógica e horizontal, instigada pelas conversas alimentadas pela pintura, contornei as mãos de Daniel num papel em branco, com as letras F (fúria) e C (calma) para serem levadas para casa. Lá elas poderiam ajudá-los a lembrar-se que quando conseguem ficar calmos, o Gigante enfraquece.

"Desenhos das Mãos de Daniel como sinalizadoras das emoções na casa."

A sessão que se seguiu a esta concentrou-se nos esforços de distinguir as influências do Gigante/ Fantasma na vida da família e desta, na vida do Gigante. Os ataques de fúria estão menos intensos; frustrações são expressadas com lamentos. Diz Aurora:

A: Daniel tá mais amoroso, mais compreensivo, me ajudando a ficar calma mais rápido. Era muito só de reclamar, agora tá assim, mais sorridente. Algumas vezes está sendo mais paciente com o irmão.

D: Eu não me irritei com o Leo chorando. Eu falo: 'Caaaalma Leo.

A: Pusemos as Mãos na sala. Num lugar que todo mundo vê.

T: Se tem mais calma na casa, como fica a família?

A: Comprei tintas, eles estão pintando.

T: É uma família de artistas!

Neste momento resgatam as contribuições da avó materna, habilidosa em artes manuais. Daniel fala com orgulho da avó que desenha plantas de casa para os engenheiros. Penso que Aurora tem a oportunidade de ressignificar sua relação com os pais, com os quais sente-se magoada por não receber o apoio esperado: "Meus pais são muito ativos, têm vida própria..."

Daniel está atento e elogia a bondade da avó, mas afirma que o avô é muito nervoso: "O fantasma deve estar morando lá, agora." e continua... "Ô tia, acho que da próxima vez o Gigante da Fúria vai ser todo azul!"

A partir destas conversas, um outro documento poético lhes foi apresentado no encontro seguinte.

*Era um gigante*

*Gigante?*

*Agora, não mais*

*Nem gigante era. Encolhera*

*E no seu encolhimento, OH! Também estaria mudando de cor?*

*E o gigante pedia ajuda*

*Socorro! Alguém me ajude! Estou diminuindo e nem vermelho sou!*

*Socorro!*

*E ninguém o escuta*

*A mãe artista e o menino esperto, continuam sua a tarefa de transformá-lo*

*Agora o pequeno gigante é vermelho e azul*

*Meio mau, meio bom. Maio raiva, meio calma*

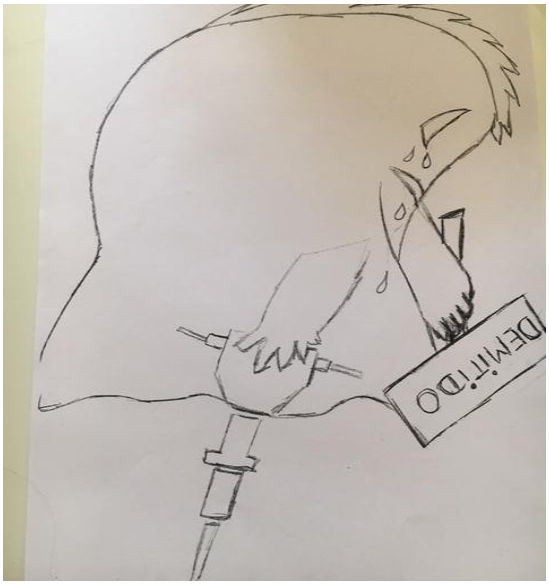
*A mãe-esperta e o menino-artista continuam o seu trabalho de pintar o novo pequeno gigante vermelho e azul*

*O Gigante da Ira vai saindo de fininho*

*Já não cabe mais naquela sala. Não cabe mais naquelas vidas*

*Na porta, já se despedindo, olha para trás e leva consigo uma imagem que o incomoda. Vê o menino-artista andando calmamente pela sala, conversando com sua mãe-esperta, decidindo juntos as últimas pinceladas.*

*A fotografia mudou. E o Gigante da Ira, triste, decide partir em busca de outro lugar para viver.*




"O Fantasma da Fúria demitido, feito a meu pedido, por uma artista plástica."

Ao serem apresentados à nova fotografia, desta vez tirada por mim, a mãe ri do fantasma e sua placa “Demitido”.  Daniel diz: “Coitado” e “Mãe, a gente tá demitindo ele lá de casa também!”

Com uma sensibilidade construcionista social, a terapia narrativa assume que o self é relacional; dentro da plasticidade das relações, construímos identidades recíprocas, moldadas pelas descrições linguísticas contextualmente situadas. Assim, o interesse e iniciativa de Daniel, num ambiente seguro e inclusivo, o transformam num menino-artista, acompanhado agora por uma mãe-esperta que, menos aturdida pelos seus sentimentos de incompetência e culpa, torna-se alguém que sabe fazer (acolher, incentivar, acreditar, ter esperanças).  Portanto, o Gigante que abandona aquela relação é o da incompreensão, da impotência e da dor.

O menino-artista-autoconfiante se prepara para pintar outro fantasma: “Eu faço. Vai ser todo azul. Azul é cor de calma, né mãe?”

“Fantasma da Calma.”

Por estarmos naquele momento às portas do isolamento social devido à COVID-19, suspendemos os encontros presenciais e buscamos construir uma comunicação via aplicativo WhatsApp, por mensagens e áudios, uma vez que as sessões por vídeo-câmara mostraram-se improdutivas para a participação das crianças. Os contatos destinaram-se com mais frequência ao amparo das inquietações de Aurora quanto ao crescente desinteresse de Daniel pelas aulas on-line. Ainda assim, mãe e filho concordavam que o Fantasma da Fúria

continuava desaparecido. Nesse período de confinamento, a interação entre as duas crianças deteriorou-se, deslizando facilmente para o conflito. Sugeri que o irmão Leo fosse convidado a participar de um encontro presencial e todos nos comprometemos com esta reunião, respeitando os padrões sanitários de prevenção à doença.

O recorte abaixo ilustra um momento marcante desse encontro, onde ocorreram muitas disputas, com Daniel pedindo a interferência da mãe para acalmar e segurar o irmão que "só atrapalha" e não o deixa brincar. Aurora tenta algum controle. Leo grita e chora; Daniel reclama e se irrita.

T: Ih! Este é mais um truque desses Fantasmas maldosos da Fúria. Foi embora e deixou seu primo no lugar.

D: Quem?

T: O Fantasma do Choro. Não deixa ninguém brincar. É da família do Fantasma da Fúria.

D: Já sei! Vou pintar ele em casa! E vai ser laranja!

Descobrimos mais um truque do Fantasma da Fúria.

T: Esses fantasmas são muito espertos. Eles não vão embora assim tão fácil. Às vezes deixam alguém no seu lugar.

Uma nova conversa se instalou no lugar da conturbação criada até então pelas crianças. Leo perguntou ao irmão se poderia ajudá-lo na pintura do novo fantasma em casa. Uma condição foi colocada por Daniel: "Pode. Mas só se não chorar!"

Estas duas fotografias foram enviadas por Aurora, registrando o momento de colaboração entre as crianças “tirando uma foto da cara do Fantasma do Choro”. Ela usou o aplicativo WhatsApp e enviou também o áudio da sua conversa externalizadora com o filho caçula, sobre o Fantasma do Choro. Na conversa estabelecida com a participação da família incluindo o pai, Leo diz que ele é muito bravo, grita como um urso e come meleca. Fica calminho quando Leo está chorando e fica bravo quando este para, porque ele gosta de barulho. E quando a mãe fala que precisa mandá-lo embora diz: “Mas mãe, ele não anda, agora tá preso no papel!”

“Fantasma do Choro.”

Estabelecemos então uma forma de animar as conversações sobre os problemas, com a participação de Leo, através de áudios via aplicativo, onde eu fazia algumas sugestões sobre como lidar com o novo fantasma que havia recém chegado. O menino-artista Daniel, agora mais colaborativo e implicativo em ações que contribuíssem com os pais e o irmão, sugeriu que este fantasma precisava se acalmar...

“Fantasma do Choro em transformação.”

Esta outra “fotografia” da transformação do Fantasma do Choro foi enviada por Aurora e Daniel. Os áudios da criança esclareceram que a parte verde é a calma que vai fazendo o fantasma parar de perturbar. Perguntei se ele (Daniel) tem tido alguma participação nessa difícil tarefa. Pelo áudio ouvi: “Eu tô ajudando a minha mãe a ficar calma, tia”.

Após muitas semanas de distanciamento, um segundo encontro presencial foi decidido, que permitisse a participação do pai. As crianças estavam animadas e a meu ver, saudosas dos encontros. Rapidamente transformaram a sala de terapia em uma brinquedoteca. A sala foi povoada de brinquedos diversos e Daniel anunciou: “O meu pai é bom em Lego. Quando ele tem tempo, a gente brinca lá em casa”.

Em outro texto (César, 2012), discuto o brincar livremente em terapia familiar com crianças como uma oportunidade privilegiada em que elas solidarizam-se e acolhem os pais com os quais adentram um mundo colaborativo, dissipando-se as fronteiras intergeracionais e amenizando as sombras dos problemas que os trouxeram à terapia. Um dos fatores significativos que contribuíram para as tensões familiares foi o enfraquecimento do convívio entre o pai e as crianças pelo aumento de seu trabalho. Pela mão hospitaleira de Daniel, o pai encontrou um ambiente suficientemente seguro e descontraído para oferecer aos filhos sua presença incondicional.

Ao final dessa sessão, o menino-artista propõe um outro fantasma a ser externalizado:

D: Já sei quem vai ser o próximo fantasma quando a gente voltar!

T: A família de fantasma está aumentando!

D: Vai ser o Fantasma da Brincadeira.

"Fantasma da Brincadeira com bola na mão."

Este novo personagem surgiu no encontro presencial seguinte[4] como um documento pictórico relativo ao contexto lúdico em que a presença do pai foi muito apreciada por todos. Entendemos que o Fantasma da Brincadeira é como um guardião da família, que ajuda a manter a calma, por isso é azul. Gosta de jogar bola na praça e faz todo mundo sair da frente da televisão. Dessa forma, assim como os fantasmas de Daniel vão metamorfoseando-se de inimigos para amigos, está a criança construindo, através de sua arte-criativa-reflexiva, uma comunicação que transforma seus questionamentos ferozes em pedidos? E as conversas de externalização não são elas próprias uma forma de compreender brincando, que gera experiência, produz mudanças e acessa selves preferíveis para todos os envolvidos nas conversações? E, ainda, das conversas de externalização do problema, pudemos nos mover para conversas que externalizam soluções e esperança: o fantasma que acalma pessoas e um outro que convida às relações afetivas através da brincadeira.

Em um dos contatos via celular que mantive com Aurora, mandei uma foto do Fantasma da Brincadeira e escrevi: "Vejam quem está aqui me dizendo: Adriana, será que o Daniel me aceita na casa dele? Ele adora se distrair com os filmes da televisão, mas eu queria bater uma bolinha com ele!! Estou precisando brincar com alguma criança hoje." Poucos minutos depois recebo do menino uma mensagem: "Aceito". E também um sonoro áudio: "Oi Tia, (...) meu pai e minha mãe me ensinaram a jogar tênis...". Continuando a conversa, respondo: "Ah! O nosso Fantasma da Brincadeira já deve estar aí, se divertindo e batendo palmas para vocês!"

[4] Encontros presenciais com a participação de Daniel passaram a acontecer com periodicidade mensal. Os contatos virtuais foram mantidos de acordo com as necessidades de Aurora, porém não se mostraram suficientes para que ela pudesse tranquilizar-se.

Outros fantasmas foram surgindo, como um certo Fantasma da Reclamação. As visitas do Fantasma da Fúria cessaram, mas este último, um “primo” daquele, vivia a confundir Daniel e o levava a choramingar e dificultar as situações onde teria que atender mais prontamente suas obrigações escolares durante a pandemia. Este não só aprisionava as crianças, mas também conseguia dominar os pais; ele já não era propriamente mau, mas sim, muito cansativo para as pessoas. No encontro em que participaram Aurora e Daniel, refletimos que um fantasma desse tipo se alimentava de quarentenas intermináveis. As pessoas ficaram sem diversões, sem amigos e fechadas em casa, o ambiente preferido dos Fantasmas da Reclamação; nutriam-se de infelicidade e tédio e enganavam as crianças, fazendo-as sentirem-se injustiçadas e sobrecarregadas. Divertiam-se quando as mães ficavam impacientes e irritadas. Que injustiça!

Para Michael White (2012), no processo de reautoria:

> As pessoas ficam curiosas e fascinadas, em relação a aspectos anteriormente negligenciados de sua vida e relacionamentos, e à medida que prosseguem as conversações, essas narrativas alternativas ficam mais adensadas, mais significativamente enraizadas na história e propiciam às pessoas uma base para novas iniciativas ao lidar com os problemas, dificuldades e dilemas de sua vida. (p. 62)

Assim, histórias de reautoria foram continuamente criadas, apesar das rotinas desafiadoras vividas nos lares de famílias com crianças, frente a este assombroso e incerto evento planetário. Aurora aprendeu a esperar e acolher e Daniel manteve viva a presença de seus fantasmas atribuindo-lhes parentescos. Seu membro mais temido parece ter partido, deixando em seu lugar outros menos invasivos, amigos e até generosos. Uma de suas falas aponta tanto para a mudança discursiva sobre o problema e as relações quanto para a construção de soluções compartilhadas: “Ô tia, eu acho que na família dos fantasmas, o Fantasma da Fúria e o do Choro são irmãos, como eu e meu irmão, os outros são primos e têm fantasmas bons e os ruins.”

É importante esclarecer que os encontros presenciais, ainda que esporádicos, foram oportunidades para conversas livres e lúdicas, com o propósito do (re)encontro afetivo para trocas de acontecimentos e ancoragem das mudanças. Uma observação de Aurora indicava um novo posicionamento: “Lá em casa está como aqui. A gente se desentende bastante, mas logo nos acalmamos. O

Fantasma da Ira foi embora e resolver as reclamações está mais fácil." Em meio a tantas complexidades, ao deixarmo-nos tocar pelo inesperado e com abertura para o acaso, adquirimos olhos para ver e encanto para enxergar.

Os bons fantasmas passaram a ser os parceiros nas negociações familiares, conselheiros cuidadosos para novas decisões dos pais sobre a vida dos filhos. E assim nos despedimos, embora sabendo que um novo fantasma estava prestes a chegar; era amarelo e sua especialidade seria reclamar por aí: "Tudo eu, Porquê sempre eu??...". Pensando na natureza dialógica do brincar como ferramenta conversacional com crianças, Bakhtin (1986) aponta para a possibilidade de criar algo absolutamente novo, a partir do que é dado. O que é dado é totalmente transformado naquilo que é criado e essa transformação pode ser formidável...

## Palavras Finais

Segundo Grandesso (2000), a principal diferença do uso de questões em terapia narrativa é que elas são feitas para gerar experiência ao invés de obter informação. A autora cita Freedman e Combs (1996) ao dizerem que "quando geram experiência sobre realidades preferidas, as questões podem ser terapêuticas em si mesmas" (p. 113). Assim, a partir da abertura curiosa para conhecer cada fantasma, deixamo-nos conduzir, adultos e crianças, tanto nas sessões presenciais quanto nos contatos virtuais, pela criatividade e confiança mútuas.

O leitor pode perguntar-se a respeito da menor participação de Leo, o filho caçula, e da quase ausência do pai, nas sessões familiares. Como não há um planejamento prévio sobre como se dará o processo terapêutico, mas o trajeto se constrói ao caminhar, as escolhas levaram em conta as dificuldades apontadas por Aurora e apoiadas por Daniel, especialistas das próprias vidas, desejos e esperanças (Anderson & Goolishian, 1992). As mudanças de Daniel contribuíram para minimizar os stresses domésticos com o irmão, uma conquista almejada por Aurora. Realizamos também algumas sessões com o casal, para que pudessem dialogar sobre as adversidades e obstáculos enfrentados por cada um, para assim, poderem apoiar-se mutuamente como o sistema protetor que esperavam ser.

## Referências

Anderson, H., & Goolishian, H. A. (1988). Human systems as linguistic systems:

preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory. Family process, 27(4), 371–393.

Anderson, H., & Goolishian, H. (1992). The client is the expert: A not-knowing approach to therapy. In S. McNamee & K. J. Gergen (Eds.), *Therapy as social construction* (pp. 25–39). Sage Publications, Inc.

Bakhtin, M. M. (1986). *Speech genres and other late essays.* (V.W. McGee, Trans). University of Texas Press.

Brant, F., & Nascimento, M. (1988). Bola de meia, bola de gule [Song]. On *Miltons.* Sony Entertainment.

Campillo Rodriguez, M. (2011). Aprendiendo terapia narrativa a través de escribir poemas terapéuticos. *Revista de la Universidad Veracruzana, 7*(1), 1-21.

César, A.B.C. (2008). A externalização do problema e a mudança de narrativas em terapia familiar com crianças. *Nova Perspectiva Sistêmica, 31*, 85-98.

César, A. B. C. (2012). Que linguagem é essa? O brincar em terapia familiar com crianças. In H. M., Cruz (Org)*. Me aprende? Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores* (pp. 71-89). Editora Roca.

Epston, D. (2019). Re-imagining narrative therapy: An ecology of magic and mystery for the maverick in the age of branding*. Journal of Narrative Family Therapy, 3,* 1-18.

Freeman, J. C., Epston, D., & Lobovits, D. (1997). Playful approaches to serious problems: Narrative therapy with children and their families. W.W. Norton & Company.

Grandesso, M. (2000). Quem é a dona da história? Legitimando a participação das crianças em terapia familiar. In H.M. Cruz (org). *Papai, mamãe, você... e eu?: Conversações terapêuticas em famílias com crianças.* Casa do Psicólogo.

Paljakka, S. (2018). A house of good words: A prologue to the practice of writing poems as therapeutic documents. *Journal of Narrative Family Therapy, Special Release*, 49-71.

White, M. (2012). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.

White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. W.W. Norton & Company.

## Jardinando Narrativas e Escrevivendo Histórias

Adriana Müller[1]

*"Terra de encanto amor e sol*

*Não falo inglês nem espanhol*

*Quem te conhece não esquece*

*meu Brasil é com S"*

*(Brasil com S – João Gilberto)*[2]

Sou Adriana Müller (AM) e moro na região de Abya Yala, no território conhecido pelos povos originários como Pindorama, mas nomeado nos mapas como Brasil. Uma área com mais de 8 milhões de quilômetros quadrados preenchidos por uma natureza exuberante e uma diversidade de flora, fauna e geografia, que se estende desde a floresta amazônica até os pampas gaúchos, passando pelo sertão e pelo pantanal. Uma região que sempre foi habitada por povos que conhecem as estações do ano e sabem cuidar da terra; um território que, ao longo dos séculos, recebeu povos vindos de todos os continentes, que chegaram de maneiras e por motivos diferentes. Hoje, somos a mistura dessas histórias que se revelam a todo o momento em nosso jeito de ser alegre, falador, interativo, que recebe com cafezinho e com abraço, que gosta de futebol e carnaval, que tem muita fé e muitas crenças, que fala por metáforas e vive com fervor. Gente criativa e asseada, que gosta de banho e prepara uma boa comida com tudo o que a terra dá. Povo solidário, que para tudo tem um remédio, que luta e resiste, que canta e dança suas dores e seus amores em vários tons e ritmos, que encontra formas de sobreviver às intempéries do clima e da vida, que sabe o seu valor e honra o seu legado.

Esse artigo é uma forma de honrar toda essa herança cultural. Apresento um trabalho que venho desenvolvendo com foco na terapia narrativa, em especial na utilização das metáforas narrativas, o que me trouxe ao tema central que aqui

[1] Psicóloga narrativista, atende em consultório e ensina terapia narrativa desde 2005, e as práticas narrativas coletivas, desde 2009, tendo criado a metodologia Ritmos da Vida em 2010.
[2] Gilberto, J. (1982). Brasil com S. Álbum Rita Lee e Roberto de Carvalho. Estúdio Sigla: 1982. Acesso: https://www.youtube.com/watch?v=YtQfl3zetNE

apresento: a jardinagem. Aqui no Brasil temos expressões que nos conectam à terra: dizemos que alguém que vive na realidade e não se ilude facilmente é "*pé no chão*", o samba tradicional é conhecido como "*samba raiz*", quem tem um "*palmo de terra*", tem onde morar e os "*filhos da terra*" são todos aqueles que nasceram aqui. É da terra que retiramos nosso sustento e, em todo território brasileiro, os povos sabem como limpar o terreno, fazer o roçado, abrir os sulcos, semear e colher. Na língua tupi, as pessoas que nascem no território hoje conhecido como Espírito Santo são chamados de *capixabas*, que significa 'terra pronta para o plantio'. É onde eu moro – em terras capixabas. E é partindo de experiências pessoais tanto no plantio em geral quanto na jardinagem, que iniciei conversas terapêuticas baseadas na metáfora do jardim. Tendo como base quatro momentos do processo de cuidar de um jardim, e alinhando isso com os princípios da terapia narrativa, as pessoas são convidadas a construírem uma narrativa que envolve as metáforas de: 1) retirar as ervas daninhas; 2) escolher as boas sementes; 3) esperançar como o agricultor e 4) celebrar a colheita. O processo envolve documentos terapêuticos tais como cartas ou poemas, a construção relacional de significados e o convite para que a pessoa compreenda o seu agenciamento pessoal por meio da metáfora da jardinagem.

## A Magia do Encontro Terapêutico Narrativo

Segundo a terapia narrativa, nossa vida é formada por múltiplos eventos que, ao serem agrupados de acordo com uma determinada sequência temporal, geram uma narrativa sobre um tema específico. Não somos seres predefinidos nem fixos.. Pelo contrário, em cada um de nós habitam histórias que aguardam o momento propício para virem à luz e revelarem sua potência. E cada uma delas é ativada por meio de perguntas que nos são feitas, de ressonâncias com as histórias de outras pessoas, de situações vividas no presente que nos conectam com experiências passadas, enfim, de formas diversas, mas sempre como um convite para acessar, conectar e encadear os eventos. Nas palavras de Paulo Freire (2008) "Pedaços de tempo que, de fato, se achavam em mim, desde quando os vivi, à espera de outro tempo, que até poderia não ter vindo como veio, em que aqueles se alongassem na composição da trama maior" (p.19). Assim, compartilho aqui neste texto alguns desses alinhamentos de momentos da minha história de vida que aconteceram nos meus encontros com as pessoas que atendi no consultório – e como transformamos as imagens e ressonâncias desses atendimentos em metáforas e poesias.

Via de regra as pessoas buscam terapia quando estão diante de problemas que limitam seu senso de competência, sua habilidade de agenciamento e a percepção de si mesmas como pessoa de valor. Em poucas palavras, quando a história revela mais sobre o problema do que sobre a pessoa. Nestes momentos, um atendimento com base na narrativa busca fazer da terapia um espaço no qual perguntas, caminhos e processos levem a um resgate da beleza e da dignidade da vida, dando destaque às informações que contribuam para a criação de uma boa história (Carlson, 2020).

Segundo Epston (2018, comunicação pessoal), as perguntas orientam a conversa já que perguntas triviais levam a respostas triviais, perguntas chatas constroem narrativas chatas e perguntas poéticas são sementes para histórias poéticas. E ele apresenta as perguntas com Duendes: aquelas que nascem do coração e trazem para a conversa "o espírito da terapia narrativa cheio de entusiasmo, irreverência, improvisação, imaginação, justa indignação com a injustiça, solidariedade com aqueles que sofrem, criatividade coletiva, fascinação com a magia e o mistério que residem no centro da vida cotidiana", entre outros (Epston, 2019, p. 1-2). Um convite para olhar a vida sob a perspectiva do maravilhamento (Marsten, Epston e Markhan, 2016) – que Paulo Freire (1996) chamaria de 'boniteza' da vida e das relações –, encontrando aspectos que deixam de enfatizar as histórias saturadas de problemas e passam a retratar versões que revelam a identidade preferida das pessoas.

As conversas de externalização (White, 2012), nas quais as pessoas nomeiam os problemas e se percebem separadas dos mesmos, contribuem com o distanciamento necessário para que histórias preferidas possam ser acessadas. Nesse processo, a reflexão sobre os efeitos dos problemas em contraste com as metas pessoais abre espaço para que a pessoa não apenas se distancie dos problemas, mas que volte a se conectar com o que La Taille (2006) denomina de 'plano ético' – aquele que busca responder às perguntas "que vida quero viver?" e, consequentemente, "quem devo ser para viver essa vida?". Conectar-se ao plano ético implica definir para si o que é uma vida que vale a pena ser vivida, e se esforçar para ser uma pessoa que merece viver tal vida. Ao desenvolver sua personalidade ética, a pessoa norteia suas ações segundo valores, crenças, princípios, habilidades, competências, metas, propósitos, entre outros aspectos que formam seu caráter e que são a sua força diante dos desafios e dilemas da vida. Tais aspectos fazem parte da história da pessoa, o que significa dizer que

estão imersos em um caldo sócio-histórico, envolvem outras pessoas e acontecem dentro do que Gilberto Freyre denomina tempo tríbio: um tempo existencial que "nunca é só passado, nem só presente, nem só futuro, mas os três simultaneamente" (Gilberto Freyre)[3], uma interseção de passado, presente e futuro que tanto evoca quanto profetiza, e na qual sobrevivências e antecipações se entrelaçam.

Ainda para La Taille (2006), responder ao plano ético nos leva à pergunta que orienta o plano moral: "como devo viver?" – uma pergunta que envolve o agir e seus reflexos individuais e coletivos. Da mesma forma, Paulo Freire nos fala da unidade dialética 'ação-reflexão' necessária ao desenvolvimento de uma consciência crítica que constitui o modo de ser e/ou transformar o mundo, e que é próprio do ser-humano. Tais conceitos se aproximam muito do que Michael White (2012) denomina agenciamento pessoal:

> Um sentimento de estar apto a organizar a própria vida, de intervir na própria vida para afetar seu curso de acordo com suas intenções e fazer isso de modo que sejam moldados pelos seus conhecimentos e pelas suas habilidades de vida. (p. 263-264)

Neste contexto, as conversas de reautoria, que envolvem conectar os cenários de ação (relato dos acontecimentos) e de identidade (percepção dos significados), buscam revelar as potencialidades presentes na história e o agenciamento da pessoa em todos os momentos. Além disso, as conversas de re-member buscam nos conectar com pessoas significativas e a mútua contribuição para a noção de ser uma pessoa de valor. Saber-se parte de uma rede de afetos que nos constitui e da qual participamos ativamente dando e recebendo – e, com isso, construindo significados – é algo importante para a construção da noção de si como pessoa de valor.

Durante os encontros terapêuticos, tais conversas vão revelando preciosidades que nós, terapeutas, anotamos ou guardamos na mente. Palavras que, posteriormente, poderão ser devolvidas para as pessoas na forma de documentos que 'resgatam o dito do falado" (Newman, 2008) e que, assim, podem ajudar na construção de histórias que revelam suas identidades preferidas. Os documentos

[3] Gilberto Freyre, em entrevista concedida à TV Cultura de São Paulo. Fonte: http://www.nomedasuaescola.com.br/professor_inesquecivel/pi034_gfreire.htm

que costumo fazer são na forma de poesia – que podem vir a ser letra de música, como acontece no Ritmos da Vida (Müller, 2013) – porque, assim como Rubem Alves, acredito que “As palavras só têm sentido se nos ajudam a ver o mundo melhor. Aprendemos palavras para melhorar os olhos”(1999).

Mas, como saber quais palavras resgatamos para, posteriormente, serem entregues a quem as disse? Grandesso (2018) nos ajuda:

> Se algum farol ou bússola para orientar a viagem no campo do significado pudesse estar disponível, viria mais das reações do nosso corpo, respondendo mais às formas poéticas das palavras que nos tocam, do que de qualquer conhecimento prévio. (...) O que (o terapeuta) pode oferecer para esse momento, não são suas explicações ou seu conhecimento teórico, mas, suas compreensões em forma de reflexões vindas de palavras e imagens que lhe surgem na escuta generosa. (p. 162)

É dessa forma que a metáfora narrativa vai auxiliando ao longo de todo o processo terapêutico, lembrando, como nos alertou White (2002), da responsabilidade ética que temos na construção de sentido, já que ele “molda de forma poderosa as atividades de formação do eu e do relacionamento em que nos engajamos sob o nome de prática terapêutica” (p.14). O processo narrativo é sempre respeitoso e busca posicionar o cliente como especialista, portanto, uma metáfora sempre nasce durante o encontro, nunca antes. Ela representa a sintonia nascida no contexto terapêutico e é sempre um convite simbólico, figurado e poético para a pessoa sair do que lhe é conhecido e familiar e ir em direção ao possível de conhecer.

Tais conversas de andaimes, que White elaborou a partir dos escritos de Vygotsky (White, 2012), têm muita semelhança com o que Paulo Freire (1987) chamou de construção do ‘inédito-viável’: aquilo que, por ainda não ser, é inédito, mas cujo ineditismo se encontra dentro das possibilidades alcançáveis. Paro, Ventura e Silva (2020) mostram que, segundo esse educador e filósofo brasileiro, enfrentamos, no âmbito individual ou coletivo, formas de opressão, obstáculos concretos, desafiadores e históricos que se impõem como se não houvesse saída, a que Freire denomina ‘situações-limite’. Não aceitamos nem recebemos tais ‘situações-limites’ de forma passiva, mas sim, buscando superar por meio de ‘atos-limites’. O distanciamento das ‘situações-limite’ faz emergir o ‘percebido-

destacado': aquilo que não pode nem deve permanecer como está, mas que precisa ser enfrentado, discutido e superado. As 'situações-limite', quando destacadas da realidade, podem ser objetivadas e compreendidas como 'temas-problemas'. Então, passamos "a sonhar com outro mundo possível, algo que ainda não existe, mas poderá existir mediante a ação articulada dos seus sujeitos, enquanto necessidade ontológica de transformação da nossa realidade individual e social (...), o 'inédito-viável'" (Costa e Furtado, 2015, p. 3).

Criatividade, alegria, esperança, olhos que enxergam a 'boniteza', liberdade, diálogo... ingredientes que fazem a diferença em um encontro terapêutico que visa o 'inédito-viável'. A magia do encontro terapêutico cria a possibilidade para cada um escrever e viver a sua vida de forma inédita e, de maneira criativa, passar a 'escreviver' a sua história.

## Minha História com os Jardins

Um ano após me formar em Psicologia, me mudei, por motivos profissionais e familiares, para a cidade de Venda Nova do Imigrante, no interior do estado do Espírito Santo, onde morei, durante 10 anos, em um sítio. O fato de morar em um condomínio dentro de um sítio, logo fez nascer a ideia de criar uma ONG de Desenvolvimento Sustentável – o CDS Guaçu-Virá.[4] Toda essa experiência, tanto de contato com a terra e os moradores da região quanto com pessoas ligadas à área de ecologia e preservação, me ensinou muito sobre a natureza, seus ciclos, sua diversidade e suas peculiaridades. Aprendi, na prática, a importância da nossa relação com esse organismo vivo que habitamos e trago dessa experiência de vida algo que defino como 'saber pé no chão': aquele que incorporamos porque vivenciamos na lida diária, com o 'pé no chão', e na constante parceria com a Natureza. Por exemplo: como fazer para ter água potável? Tivemos que recuperar a nascente, "plantando água"[5] e cuidando dela como um bem precioso. E, até hoje, ela abastece todas as 15 casas, a fábrica e os lagos. Com essa e outras *práxis,* ano após ano, fui aprendendo com a natureza sobre a Vida e o viver.

Quando voltei para a capital, Vitória, trouxe comigo esse conhecimento e essa vivência. Fui me cercando de plantas e percebendo que, quanto mais atenção

[4] Para maiores informações: http://guacuvira.org.br/
[5] Referência ao Projeto Plantando Águas que ensina que plantar árvores significa ter água. https://iniciativaverde.org.br/atuacao/plantando-aguas

dava a elas, mais elas retribuíam. A natureza sempre responde e, mesmo morando em apartamento, meu cuidado foi se traduzindo em plantas cheias de brotos, botões de flores desabrochando, pássaros, borboletas e abelhas chegando – me vi cercada daquilo que tinha no sítio, bem no meio da cidade. Como mencionado por Reis, dos Reis, & do Nascimento (2020), a jardinagem e outras atividades que envolvam cuidar e contemplar flores e plantas ornamentais, seja no ambiente externo ou interno, geram uma sensação de bem-estar ao estimular os sentidos pela luminosidade, cores, sons, aromas, texturas e formas, além de ativar o senso estético. Por isso, podem ser importantes aliados para a preservação e recuperação da saúde e do bem-estar.

Quando passei a utilizar a metáfora do jardim nas consultas, percebi que o encantamento era tão rápido quanto a resposta da natureza. Há algo em nós que se conecta de forma especial com a ideia do jardim: ser jardineiro, ser semente, ser botão de flor, entender as fases de um jardim... Muitas são as possibilidades de aplicação dessa metáfora, e todas elas convidam para belas narrativas de agenciamento, de criar significado e de encontrar recursos para lidar com os desafios da vida. A metáfora do jardim é um convite para resgatar a conexão de cada um com a natureza. A seguir apresento a metáfora do Jardinando e duas histórias. Minha esperança é que estas ideias que compartilho possam contribuir para que o encantamento e a poesia da natureza ativem a criatividade em cada um. Vamos semear ideias narrativas!

## Jardinando Narrativas

*"Vai o bicho homem, fruto da semente, (memória)*

*Renascer da própria força, própria luz e fé. (memória)*

*Entender que tudo é nosso, sempre esteve em nós, (história)*

*Somos a semente, ato, mente e voz. (magia)"*

*(Redescobrir – Gonzaguinha)*[6]

Segundo White e Epston (1990), "o modo de pensar narrativo é caracterizado por boas histórias que ganham credibilidade pela sua semelhança com a vida" (p. 78). E as boas histórias possuem uma dose de imagens metafóricas que organizam o

[6] Gonzaguinha. (1980). Redescobrir. Álbum Saudade do Brasil. Gravadora WEA: 1980. Acesso: https://www.youtube.com/watch?v=CsiH25p_rAk&ab_channel=MariaRitaVEVO

relato e ajudam a construir imagens positivas sobre as pessoas. Se você já cuidou de um jardim – pequeno e feito em vasos, ou grande sobre gramados – pode identificar 4 momentos desse trabalho: retirar as ervas daninhas, escolher as boas sementes, esperar brotar e se alegrar com o resultado. A seguir apresento a metáfora e as relações com a terapia narrativa.

### 1) Retirar as Ervas Daninhas ou as Plantas Invasoras

Todo jardim sofre com as ervas daninhas que aparecem como visitas indesejáveis. Lidar com elas requer algumas habilidades específicas: saber diferenciar as plantas das ervas daninhas, entender quais os efeitos da presença dessas plantas invasoras nas demais plantas e estabelecer um plano de ação para que seu jardim fique conforme o seu projeto. Essa é a etapa da conversa de externalização (White, 2012) na qual convidamos a pessoa a nomear o problema (erva daninha), verificar os efeitos do problema em sua vida, avaliar tais efeitos e elaborar planos de ação para recuperar a sua vida (seu jardim) dos efeitos dos problemas. Em termos freirianos, podemos dizer que essa é a etapa do 'percebido-destacado'.

Um jardim tomado por ervas daninhas é como uma história saturada de problemas: perde sua força, seu vigor e sua beleza, não porque não tenha essas características, mas porque sua energia está sendo toda deslocada para manter o problema. Por isso é importante auxiliar a pessoa a resgatar sua noção de agenciamento pessoal (White 2012) por meio da 'ação-reflexão' (Freire, 2008) que vai auxiliar a elaborar e colocar em prática seus planos de ação para voltar a escreviver a sua história sendo protagonista da trama.

Algumas perguntas (metafóricas ou não) que contribuem nesse momento são:

Perguntas sobre o efeito do problema:

O que tenho sentido / pensado?

O que tem me incomodado?

De que forma essa 'erva daninha' me atrapalha? É uma erva-passarinho que sufoca? É um arranha-gato que me prende e machuca? É um mato que compete comigo por água e nutrientes?

Perguntas sobre o plano de ação:

> Como quero o meu jardim?
>
> O que quero ver florescer?
>
> Quais os potenciais desse meu jardim?
>
> O que devo fazer para que ele fique como sonho?
>
> Quais pessoas podem me ajudar nessa tarefa?
>
> Quais são as minhas habilidades e competências para lidar com esse desafio?
>
> Quando posso começar a mexer nesse jardim?

Essas reflexões separam a pessoa do problema e contribuem para iniciar um processo de conexão da pessoa com a versão preferida da sua história – o jardim que ela sonha.

## 2) Escolher as Boas Sementes

Falando sobre jardins e jardineiros, Rubem Alves (1999) nos convida à seguinte reflexão:

> O que é que se encontra no início? O jardim ou o jardineiro? É o jardineiro. Havendo um jardineiro, mais cedo ou mais tarde um jardim aparecerá. Mas, havendo um jardim sem jardineiro, mais cedo ou mais tarde ele desaparecerá. O que é um jardineiro? Uma pessoa cujo pensamento está cheio de jardins. O que faz um jardim são os pensamentos do jardineiro. O que faz um povo são os pensamentos daqueles que o compõem. (p. 24)

Depois de retirar as ervas daninhas, o solo revolvido, mas limpo, está pronto para receber as sementes. E, se o jardim está na mente do jardineiro, nesse momento, cabe ajudar na escolha das boas sementes: aqueles aspectos da vida que a pessoa valoriza, considera importante e quer que estejam presentes em sua vida. Aquilo que ela deseja plantar, ver crescer e que ative a noção de 'boniteza' e de maravilhamento.

Além das perguntas do plano ético e moral (La Taille, 2006) – como quero o meu jardim?, O que devo fazer para que ele seja dessa forma? – outras também

contribuem nessa construção, pois abrem a possibilidade para a noção de agenciamento, de valores e de maravilhamento:

> Quais sementes escolho plantar?
>
> O que admiro e considero importante que esteja presente no jardim da minha vida?
>
> O que há em mim de bonito e especial que quero ver florescer?
>
> Quais são os aspectos da minha vida que valorizo?
>
> O que im-porta[7] na minha vida?
>
> Quem são as pessoas que me ajudam nesse plantio?
>
> O que elas me ensinaram? E eu a elas?
>
> O que esse jardim tem de especial e único?

Por meio dessas reflexões, a pessoa vai se conectando com suas próprias preciosidades e sua história preferida vai ganhando sentido, forma, cor e perfume. O jardim vai tomando forma.

## 3) Esperançar do Agricultor

Algo que sempre me impressionou na minha experiência morando no sítio é a sabedoria dos agricultores. Plantar é uma arte e, como tal, requer habilidades muito específicas, entre elas o que costumo denominar como 'esperançar do agricultor'. Primeiro, ele deixa a terra descansar após a colheita e, só depois, começa a trabalhar nela. De sol a sol, passa seu dia arando, regulando o solo, regando, semeando a próxima cultura. Incansável, continua regando aquele solo já semeado, mas ainda sem sinal de vida nem de sucesso. Todo agricultor precisa acreditar no seu trabalho e no poder da semente – precisa acreditar no 'inédito-viável'. E, para isso, é necessário esperançar, sendo "nem só pacientes nem só impacientes, mas *pacientemente impacientes*" (Freire, 2013, p. 62, grifo meu).

[7] A palavra importar vem do Latim 'in' (para dentro) e 'portus' (passagem) significando aquilo que queremos trazer para dentro – de nós, de nossas vidas e da terra em nosso jardim.

Alcançar o ‘inédito-viável’ envolve ter esperança do verbo esperançar. Mas, que ninguém se engane: esperançar é uma atitude energética, de posicionamento frente à vida, e não um mero trocadilho linguístico. Existe a esperança do verbo esperar, que nos mantém passivos, estáticos, na espera de que algo aconteça ou de que alguém faça algo. E existe a esperança do verbo esperançar que nos coloca na posição ativa, dinâmica. Nas palavras de Freire: “Esperançar é se levantar, esperançar é ir atrás, esperançar é construir, esperançar é não desistir! Esperançar é levar adiante, esperançar é juntar-se com outros para fazer de outro modo…”.

Tudo o que plantamos na vida tem um tempo para vir-a-ser. É nessa espera que nos cabe esperançar como o agricultor. É neste momento que costumo escrever e entregar as poesias para as pessoas.

## 4) Celebrar a Colheita

Tão importante quanto preparar o solo, plantar as melhores sementes e saber esperançar, é perceber o campo produzindo e realizar a colheita. Celebrar esse momento significa reconhecer a força de todo o processo. Nas palavras de Freire (1996): “A alegria não chega apenas no encontro do achado mas faz parte do processo da busca. E ensinar e aprender não podem dar-se fora da procura, fora da boniteza e da alegria” (p.160). Em sendo educador, Freire fala sobre o processo de ‘ensinar e aprender’ que, neste texto, chamamos metaforicamente de ‘semear e colher’ – e que, como tal, se aplica aos mais diferentes processos da vida.

A colheita revela o poder do maravilhamento – a ‘boniteza’ revelada – que constitui as bases da história preferida: aquela que revela a identidade preferida da pessoa que atendemos. Constatar que se é capaz de transformar solos antes tomados por ervas daninhas em jardins cheios de ‘bonitezas’ revela a capacidade de cada um de, individual e coletivamente, semear sonhos e colher realidades.

Apresento, agora, duas histórias de encontros terapêuticos nos quais a metáfora do Jardinando Narrativas foi utilizada. É importante dizer que ambas tiveram autorização para que fossem publicadas e que, para manter o sigilo, os nomes foram omitidos ou modificados. Outro ponto a ser destacado é que, como todo processo, nada acontece de forma linear e seguindo uma regra. A fluidez e organização requeridas em um texto escrito não são encontradas desta mesma

forma na dinâmica das interações, mais baseada na simultaneidade, na responsividade dinâmica e na reorganização contínua. Nas palavras de Freire (1992): “Nunca um acontecimento, um fato, um feito, um gesto de raiva ou de amor, um poema, uma tela, uma canção, um livro têm por trás de si uma única razão. (...) Por isso é que a mim me interessou sempre muito mais a compreensão do processo em que e como as coisas se dão do que o produto em si” (p.18). Então, convido vocês a compreenderem o processo, e fico esperançando que a essência do Jardinando presente nestas histórias se revele para além das sequências didáticas recém apresentadas.

## Primeira História: Conheci uma Jardineira

Ela chegou ao consultório com lágrimas nos olhos e uma história de sofrimento para contar. Ali, diante de mim, mais uma mulher relatando sobre quando descobriu a traição do marido, sobre o esforço que fez para perdoar e permitir ao casal uma segunda chance. Naquele tempo eles eram dois. O tempo passou, a ferida parou de doer e eles sonharam em ser três. A gravidez veio como um presente e, no dia do nascimento, ela decidiu deixar para trás toda aquela história ruim. Queria nascer como mãe e como nova mulher. Era hora de nascer uma família renovada. Junto com o filho, veio também o perdão. E ela chorou de alegria.

Foi para casa, amamentou, cuidou e se sentiu plena. Sentia que havia reciprocidade na atenção e no cuidado e estava segura de que essa era a família que sempre sonhara. Até que, poucos meses depois, descobriu que a traição não era sombra do passado, mas dura realidade do presente. Foi quando ela chegou ao consultório e eu conheci essa história que mesclava dor e esperança.

Michael White nos ensinou que somos testemunhas externas das histórias que nos contam. Isso não é trivial e envolve uma responsabilidade tanto no ato de ouvir de forma generosa, quanto no de responder ao que ouvimos. Ele nos apresenta de maneira clara e didática um mapa com quatro etapas para nos conduzir nesse terreno desconhecido da conversa terapêutica, chamando nossa atenção para a expressão que nos tocou durante a narrativa, a imagem que isso invoca em nossa mente, a ressonância disso com nossa vida e para onde isso nos transporta (White, 2012). Pois naquele dia, ao ouvir aquele relato, várias imagens – reais e metafóricas – foram passando na minha mente. Ouvi como mulher,

esposa, mãe. Ouvi como tempestade, raios, devastação. Ouvi como nascimento, vida, perdão. Até que ela enxugou as lágrimas, me olhou e esperou eu falar.

Dentro de mim, ecoava a frase: “Me sinto devastada”. A imagem veio naturalmente: um jardim todo remexido, buracos por todos os lados. E a ressonância me levou à época em que morei no sítio e me dediquei ao jardim de casa. Nele, fiz canteiros com flores coloridas e plantas medicinais. Em volta do terreno, fiz uma cerca viva de caliandras, com suas flores perfumadas que florescem anunciando dias de chuva. Em todo o jardim, plantei árvores frutíferas para convidar os pássaros, ipês amarelos e um pé de jambo para que suas flores fizessem um belo tapete colorido no jardim e uma árvore para cada filho que nasceu. Em meu jardim, plantei árvores, sonhos e histórias.

Mas no mesmo jardim, também nasceram ervas daninhas – muitas! E elas me ensinaram uma bela lição: é mais fácil retirar uma erva daninha quando ainda é pequena e você consegue fazer isso com suas próprias mãos. Depois que ela cresce e enraíza, somente com enxada e muita força – e essa ação toda deixa buracos, terra revolvida e o jardim perde parte da beleza. Era essa a imagem que o relato provocou em mim – um jardim revolvido – e foi isso o que lhe falei. Mas, continuei relatando o que aprendi: podemos olhar para os buracos e a feiura do que ficou, ou entender que a terra foi afofada para novo plantio, a erva daninha foi retirada e o buraco para uma nova muda está pronto. Era essa lembrança que o relato provocava em mim e que compartilhei com ela. “Faz sentido para você?” – perguntei. Ela respondeu que sim e começamos a conversar sobre como cuidar de um jardim todo remexido.

Essa metáfora voltou em vários momentos, ao longo dos encontros e das conversas. Á medida em que ela ia realizando a conversa de reautoria, conectando o cenário de ação com o cenário de identidade, indo e vindo no tempo, relatando o que importa na sua vida, as pessoas que contribuíram para ela ser quem é hoje, os seus sonhos e projetos, suas habilidades e competências, seus valores e princípios, uma nova imagem ia surgindo em minha mente: a de um jardim cada vez mais vivo e belo. Foi então que percebi que ela estava jardinando narrativas.

Primeiro ela se fortaleceu, conectando-se com tudo o que importa e tem valor. Reorganizou sua rotina, percebeu sua capacidade de seguir em frente, buscou

fazer atividades que gosta, resgatou sua religiosidade, olhou com maravilhamento as 'bonitezas' de sua vida e foi, pouco a pouco, semeando no seu jardim.

Em seguida, esperançou uma nova etapa: a do reencontro. Não um re-viver do passado, como um círculo fechado, sem começo nem fim, mas um viver o presente-espiral que proporciona algo novo e crescente. Por isso, convidou seu marido para estar perto, conhecer o seu jardim. Havia nesse movimento um esperançar de voltar a cuidar da parte mais especial de todo o jardim: a família. E havia nela uma força de quem se reconhece agente e semeadora de futuros possíveis – de 'inéditos-viáveis'.

Hoje ela segue jardinando narrativas, vivendo no tempo tríbio que entrelaça passado-presente-futuro e escrevivendo a sua história como um jardim de sonhos plantados e realidades colhidas.

## Jardinando Narrativas: A Poesia

A seguir apresento a poesia que escrevi a partir do 'resgate do dito daquilo que foi falado' – as palavras dela estão destacadas. Entreguei a poesia quando ela ainda estava sofrendo e buscava entender o que tinha acontecido, e depois de conversarmos sobre o que importa para ela. Minha intenção era fazer uma lista de todas as boas sementes que ela já tinha em mãos e ajudá-la a perceber sua habilidade de cuidar – de si, do filho e do jardim.

*Para a Jardineira que habita em você*

*(e que sabe que...)*

*Depois da chuva vem o arco-íris,*

*depois de cada inverno chega a primavera,*

*depois de arrancar as ervas daninhas, vem o tempo de semear.*

*No solo revolvido, afofado pela retirada do que não serve,*

*suas mãos tocam a terra fértil*

*e você cria canteiros* ***abençoados*** *em cada canto desse Jardim.*

*Nele, as melhores sementes vão germinar:*

*a* ***Coragem para agir***

*a* ***Autoestima de reconhecer seu próprio Valor***

*o* ***Filtro de Amizades mais sólidas e maduras***

*os* ***Laços Familiares fortalecidos***

*o* ***Amadurecimento como esposa***

*a* ***Colaboração***

*o* ***Respeito***

*e tantas outras* ***Forças****...*

*Um Jardim multicolorido e perfumado*

*para* ***restaurar as energias*** *e* ***se alegrar****.*

*Porque a Jardineira que habita em você sabe que*

*depois da chuva vem o arco-íris*

*e depois do inverno, sempre chega a primavera.*

## Segunda História: Quebrando a Casca do Medo

Ring the bells that still can ring / Forget your perfect offering

There is a crack in everything / That's how the light gets in[8]

(Leonard Cohen)[9]

Não acho que Leonard Cohen a tenha conhecido, nem que ela sequer tenha ouvido essa música alguma vez, mas a moça de 35 anos que entrou em meu consultório parecia ser um exemplo vivo dessas palavras do cantor. Desde os 6

[8] Soem os sinos que ainda tocam / Esqueça sua entrega perfeita /
Em tudo há uma fenda / É como a luz entra
[9] Cohen, L. (1992). *Anthem*. Album The Future. Columbia Records: 1992. Acess: https://www.youtube.com/watch?v=c8-BT6y_wYg&ab_channel=LeonardCohenVEVO

anos, seu pai começou uma sequência de violências sexuais que duraram até os 13 anos, quando ela, finalmente, conseguiu sair de casa para morar com uma tia e nunca mais o viu. Durante esses sete anos de sofrimentos diários, sua estratégia para se livrar daquelas agressões era “sair daqui”: chamava as amigas para brincar, ia visitar as tias ou passava na casa das colegas para estudar. Algumas vezes tentou contar o que estava sofrendo para pessoas próximas, mas ninguém acreditava nela. Então, resolveu se calar. O sino permaneceu em silêncio por quase trinta anos e seu pai se tornou um fantasma que a assombrava de tempos em tempos. Até que, certo dia, sua irmã trouxe a notícia de que o pai estava muito doente, quase morrendo, e precisava de cuidados da família. Apesar de estarem separados, a mãe aceitou trazê-lo para casa e, depois de trinta anos afastada, a moça se viu diante de um grande dilema: cuidar ou não desse pai?

Muitas vezes os dilemas nos colocam diante de questionamentos éticos cujas respostas podem reforçar a história saturada de problemas ou, então, evidenciar uma contra história que revele nossa identidade preferida. Do ponto de vista da terapia narrativa, a identidade preferida é aquela que revela o nosso melhor: os valores, as crenças, os sonhos, as habilidades e tudo aquilo que demonstra quem realmente queremos ser. Ela se aproxima muito do que La Taille (2006) chama de personalidade ética. Para esse autor, a ética está vinculada ao querer, a um projeto, a uma construção consciente – é a resposta à pergunta “que vida *quero* viver?”. Essa pergunta revela uma vida que a pessoa considera boa, que vale a pena viver e que ela busca realizar. Mas, para viver essa vida desejável, outra pergunta precisa ser respondida: “quem eu devo ser para viver essa vida?”. Em outras palavras, que pessoa eu *devo* ser para poder realizar o projeto de uma vida que valha a pena ser vivida? – uma pergunta baseada em deveres, em ações orientadas para um fim.

Segundo La Taille (2006), quando a resposta para a pergunta ética é respondida tendo como base valores que contribuem para o bem comum, estamos construindo uma personalidade ética. Nela reside a nossa força para poder superar desafios, realizar projetos, definir novos rumos, orientar nossos passos e ser a pessoa que quero ser. O dilema que a moça enfrentava naquele momento era ético: como devo agir? Que vida eu quero viver e quem eu devo ser para conseguir viver essa vida? Em outras palavras: qual história quero contar? Quem sou eu nessa história que quero contar? Como posso evidenciar a minha

identidade preferida de tal forma que essa história revele a minha melhor versão, aquela que alinha os meus valores e as minhas ações de forma coerente?

Quando ela me procurou para ajudá-la a lidar com esse seu dilema atual, tivemos uma longa conversa da qual destaco o trecho a seguir, que começa justamente com o dilema.

NZ: (...) Eu me cobrava muito. Eu cheguei a pensar: será que eu sou tão ruim que ele está no seu leito de morte e eu nem quero ir lá? Será que eu sou tão ruim? Será que está todo mundo certo e eu estou errada? Eu falei com a minha tia: será que eu sou tão ruim? E ela me falou: você tem o coração muito bom. Por isso eu te falo, o que você sentir no seu coração você faz, o que você não sentir, você não faz.

AM: Então... você está conseguindo visualizar e perceber todo o seu lado bom, bondoso, bonito?

NZ: Eu até postei uma história nesta madrugada que as coisas precisam ser quebradas para você ver no interior delas.

AM: E o que está quebrando em você?

NZ: Essa casca toda de medo que eu tinha, de tristeza de lembrar o que aconteceu, essa proteção que eu tinha por medo de ele ficar me procurando... é como se eu tivesse me liberando, tirando um peso, sabe?

AM: Quebrando isso...

NZ: É. (...)

AM: Como se essa casca que foi te protegendo, mas ao mesmo tempo te prendendo, te paralisando, te limitando, está quebrando? E o que está aparecendo? O que é isso de você que está nascendo nesse momento, que está se revelando? Que luz, que beleza é essa que estava dentro dessa casca e que você está se surpreendendo em ver, perceber, sentir?

NZ: As pessoas falavam: ah, seu pai está em tal lugar, seu pai está muito mal, seu pai não sei o quê... E eu, com toda a raiva que eu tinha, eu ainda me julgava... as pessoas podiam dizer: que filha ruim que abandona o pai...

> Porque ninguém sabe da história. Aí hoje, uma tia minha mandou um áudio dizendo: “me sinto tão orgulhosa de você! Depois de tudo o que você passou, você está cuidando dele”. Eu estou percebendo que, além de ser trouxa, eu sou uma pessoa boa! (Que lindo!) Eu sou uma pessoa boa e boba ao mesmo tempo. E hoje eu vejo e tenho certeza de que eu não sou o que eu imaginava ser. Que eu não sou uma pessoa que abandona o pai. Foi uma forma de proteção para mim. E hoje eu vejo que eu sou uma pessoa muito boa porque se fosse qualquer outra pessoa, não faria o que eu estou fazendo.

Faço uma pausa aqui para convidar a refletir sobre alguns pontos interessantes desse trecho. Primeiro, veja que a história saturada de problemas e a contra história caminham juntas, lado a lado, como duas versões possíveis da mesma situação. Nós, terapeutas narrativos, procuramos a versão do maravilhamento fazendo perguntas que lancem luz sobre o potencial preferido da pessoa. Além disso, percebemos a importância das testemunhas externas na consolidação de determinada linha narrativa: tanto a que reforça a história saturada de problemas com aquilo que os outros dizem ou poderão dizer sobre nossas ações, quanto a que fortalece a versão preferida na qual os maravilhamentos e as ‘bonitezas’ de cada um se sobressaem.

Também quero contar as ressonâncias que tive quando ela mencionou que *“as coisas precisam ser quebradas para você ver no interior delas*”. Essa frase trouxe a imagem de uma semente germinando e eu me lembrei de quando começamos o reflorestamento no sítio. Além de recebermos várias mudas de árvores nativas, a gente também tinha uma sementeira onde fazíamos nossas próprias mudas. Aprendi, neste tempo, que as diferenças de formatos e estruturas das sementes visam a garantir a dispersão da espécie e a proteção da nova planta contra a ação do meio. Assim, algumas são leves para serem levadas pelo vento e não demoram muito para germinar quando chegam no solo. Já outras, são duras e pesadas como um cofre que guarda algo precioso em seu interior. As primeiras são sementes de árvores primárias e, as segundas, de árvores nobres. Ao ouvir aquela frase, eu imaginei a casca grossa, protegendo a todo custo a beleza que havia no interior – e minha pergunta foi motivada por essa imagem: o que estava nascendo? Qual beleza estava prestes a surgir?

A resposta dela revelou sua identidade preferida: "*Eu sou brincalhona, eu amo estar rodeada de amigos, amo ver as pessoas rirem, eu amo fazer as pessoas ficarem bem. Eu gosto de fazer tudo o que eu posso pelas pessoas. Então, hoje eu vejo que eu sou uma pessoa boa, eu não sou a pessoa ruim que eu pensava que eu era, entendeu?*"Essa lista de maravilhamentos mostrou quais são os princípios que dão sustentação à sua personalidade ética e que guiam suas ações na vida. Não apenas naquele momento desafiador, mas em todas as situações que ela vive.

Então, apresentei para ela a imagem que estava forte em minha mente para ver se fazia sentido também para ela.

AM: E eu fico pensando nas florestas tem as sementes que caem na terra e tem a casaca mais finas – são as pioneiras. Elas morrem rápido para adubar a terra e as sementes são como feijão, basta uma umidade e elas já brotam. Agora, a madeira de lei, as árvores fortes, as árvores que vão ficar séculos e séculos: elas têm a casca grossa.

NZ: Eu acho que é essa casca que eu 'tava...

AM: Porque o conteúdo delas é muito precioso. Elas são as rainhas da floresta e elas precisam ser protegidas para, quando o tempo certo chegar, elas enraizarem e darem a proteção que elas precisam dar. Porque elas são conhecidas como árvores-mãe porque elas crescem mais alto e dão uma sombra e uma proteção – e elas servem de lar para os pássaros, macacos e todos os bichos.

NZ: Pronto: eu sou uma árvore também porque eu acho que você me descreveu!

AM: Além de tudo, árvore nobre!

NZ: Você acha que é pouca coisa?! (risos) Tá vendo?! Mas é isso mesmo. É como se eu tivesse uma casca e, agora, eu estou mostrando aquilo que tem dentro de mim. Eu estou mostrando que eu posso ser aquela menininha, porém feliz! Livre agora! Adriana, hoje eu sei que eu tenho um bom coração! Eu sei que quem precisar de mim, eu vou estar ali.

Hoje posso dizer que fui testemunha do nascimento de uma bela árvore e que, naquele momento, ela não estava somente narrando uma nova versão da sua vida. Ela estava escrevivendo uma nova história, a sua história preferida.

## Esperançar Sobre as Sementes Lançadas

Apresentei aqui a ideia metafórica da vida como um jardim, e como podemos Jardinar Narrativas em nossos encontros terapêuticos, ajudando as pessoas com as quais conversamos a continuarem escrevivendo a versão mais bonita de suas histórias.

A metáfora da jardinagem pode ser utilizada em diferentes contextos terapêuticos, além dos atendimentos individuais aqui apresentados. Casais, famílias, grupos, pessoas enlutadas, que passam por desafios e dilemas das mais diferentes formas – todas elas podem se conectar com a metáfora de um jardim que, apesar de parecer assolado, possui muita força e potencial para rebrotar.

Aqui no Brasil, de 1964 até 1985, vivemos um período de ditadura militar, um triste e escuro período da história brasileira que devastou jardins, destruiu pomares, arrasou canteiros, mas não impediu que palavras virassem sementes, ideias virassem adubos, nem que sonhos virassem realidades. Deste tempo, trago os versos de Ivan Lins e Vitor Martins, entoados na voz de Elis Regina:

> *Quando brotarem as flores*
>
> *Quando crescerem as matas*
>
> *Quando colherem os frutos*
>
> *Digam o gosto pra mim.*[10]

Considero esse artigo uma semente. Que ela possa encontrar terrenos nos quais germine, floresça e frutifique. E deixo para vocês um convite: quando colherem os frutos, digam o gosto para mim. Pode ser?

[10] Martins, V., Lins, I. (1978). *Aos nossos filhos*. Álbum Nos dias de hoje. Gravadora EMI: 1978. Acesso: https://www.youtube.com/watch?v=DUSYSVluES8&ab_channel=cubebossanova

## Referências


Alves, R. (1999). *Entre a ciência e a sapiência: O dilema da educação*. Edições Loyola.

Carlson, T. S. (2020). What is a good story and how do we tell one? Narrative therapy as a counter-storytelling practice. *Journal of Narrative Family Therapy*, *IWP Special Release*, 16-37.

Costa, C.G., & Furtado, E. D. P. (2015). *Situações limites na pedagogia do oprimido e da esperança: possibilidades para a formação do educador da EJA.* [Trabalho apresentado] V Seminário Nacional sobre Formação de Educadores de Jovens e Adultos, UNICAMP, Campinas, São Paulo, BR. Acesso: http://sistemas3.sead.ufscar.br/snfee/index.php/snfee/article/view/186/94

Epston, D. (2019). Re-imagining narrative therapy: An ecology of magic and mystery for the maverick in the age of branding. *Journal of Narrative Family Therapy*, *3,* 1-18.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Editora Paz e Terra.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia.* 25ª edição. Editora Paz e Terra.

Freire, P. (2008). *Pedagogia da Esperança*. 15ª edição. Editora Paz e Terra.

Freire, P. (2013*). À Sombra desta Mangueira*. 11ª edição. Editora Paz e Terra.

Grandesso, M. (2018). A poética da conversação terapêutica. In: *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas* (pp. 149 – 166). Editora CRV.

La Taille, Y. (2006). *Moral e Ética: Dimensões Intelectuais e Afetivas*. Artmed.

Marsten, D., Epston, D., & Markhan, L. (2016). *Narrative therapy in wonderland: Connecting with children's imaginative know-how.* W.W. Norton & Company.

Müller, A. (2013). The Rhythm of life: Helping children to respond to their parents' divorce. *Journal of Arts and Humanities, 2*(3), 98-108.

Newman, D. (2008). 'Rescuing the said from the saying of it': Living documentation in narrative therapy. *International Journal of Narrative Therapy and Community Work, 3*, 24-34.

Paro, C. A., Ventura, M., & Silva, N. E. K. (2020). Paulo Freire e o inédito viável: Esperança, utopia e transformação na saúde. *Trabalho, Educação e Saúde, 18*(1), 1-22.

Reis, S. N., dos Reis, M. V., & do Nascimento, A. M. P. (2020). Pandemic, social isolation and the importance of people-plant interaction. *Ornamental Horticulture, 26* (3), 399-412.

White, M. (2002). Journey metaphors. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work, 4,* 12-18.

White, M. (2012). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.

White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. W.W. Norton & Company

# O Nevoeiro e o Girassol: Ampliando os Horizontes Narrativos Frente à Perda Traumática de um Filho

Ana Luiza de Faro Novis

O grande escritor Eduardo Galeano costumava dizer que somos feitos de histórias. Isso sempre me convidou a pensar que, logo depois da concepção, uma gestação singular aguardava cada um de nós. Imagino, ao longo da gravidez, filamentos genéticos sendo mesclados com filamentos narrativos das histórias das famílias, sociedades e culturas de que fazemos parte. Ao nascermos, não recebemos apenas um nome, mas também um lugar de narrador. O primeiro choro é só o pontapé inicial de uma carreira promissora como contador de histórias.

As narrativas sempre me encantaram. Quando criança, adorava ouvi-las – fosse em casa, na escola, nos livros, nos filmes ou em um programa de televisão. Mas foi aos sete anos de idade, que conheci o poder transformador de uma história (Novis, 2019):

> Quando eu tinha uns sete anos de idade, adorava dançar e representar as histórias que criava sobre príncipes e princesas. Vivia imersa no meu mundo mágico de fantasia, e volta e meia minha mãe tinha que me chamar de volta à terra, para prestar atenção. Meu irmão, um pouco mais novo, era reconhecido por sua sagacidade e inteligência. Ele sempre tirava boas notas, e era elogiado pelos comentários que fazia. A família era muito culta, e a inteligência era um valor muito apreciado e valorizado. No desempenho escolar eu ia aos 'trancos e barrancos', o que me fez começar a me considerar menos inteligente. Eu ficava a pensar como poderia dar um jeito naquela situação. Os meus pais gostavam muito de ler e havia livros por toda parte da casa. Eu olhava para aquela montanha de livros e me sentia incapaz de dar conta de lê-los. Isso me deixava muito aflita, pois eu acreditava que a inteligência deveria estar contida naquelas infinitas páginas. Enquanto aquela angústia me acompanhava, meu desempenho escolar naufragava. Durante as primeiras séries do ensino fundamental, no final do ano eu sempre ficava em recuperação, enquanto meu irmão passava direto e podia aproveitar as férias mais cedo. Alguns anos depois,

> eu estava assistindo a um programa na televisão onde Dina Sfat, famosa atriz daquela época, era entrevistada por um grupo de pessoas. Com desembaraço e segurança, ela discorria de forma articulada sobre as diversas questões que lhe eram apresentadas. De repente, é colocada a pergunta: 'Dina, você é tão inteligente; o que você faz'? Nesse momento, eu já antecipava sua resposta: 'Ela com certeza lê muito'. Qual não foi minha surpresa quando ela respondeu: 'Eu escuto muito'. Desde esse dia, o meu desempenho escolar melhorou significativamente, e com o passar dos anos ouvi e me inspirei em muitas historias. (p. 29)

Essa experiência tornou-se inesquecível; simplesmente vivi algo extraordinário que, à época, não consegui traduzir em palavras. Ao me deparar com uma interpretação diferente para o conceito de inteligência, uma chave dialógica abriu diante de mim a porta do entendimento, desbloqueando uma nova possibilidade (Novis, 2019). A escuta atenta e apurada me presenteava com novas lentes para enxergar a história dominante que me aprisionava. Essa nova perspectiva trouxe de volta a esperança e me inspirou a encontrar um novo caminho para me desenvolver como pessoa. Essa referência de vida foi tão significativa que influenciou minha escolha profissional.

Ao longo de minha trajetória como terapeuta, busquei aprimorar minha escuta e exercitar minha capacidade de dialogar com referências inspiradoras. O encontro com a Terapia Narrativa foi transformador: durante minha formação no Instituto de Terapia de Família no Rio de Janeiro, a professora Eloísa Vidal me apresentou Michael White e David Epston (1990). Desde então, as histórias, sem sombra de dúvida, passariam a ocupar um novo lugar em meu consultório. Era hora de deixar de vê-las como mero relatos e perceber como elas transcendem um papel descritivo, esculpindo o sentido que damos à vida. São as histórias que modelam nossa rede de relações e determinam como nos reconhecemos em nossa própria trajetória (Morgan, 2007). A simples escolha dos eventos que desejamos narrar influencia e é influenciada por nossas crenças, valores pessoais, familiares, sociais e culturais.

Resumindo, somos todos autores ativos. Nossas narrativas carregam as marcas de nossas interpretações; afinal, contamos histórias com base nas experiências que atravessamos. As situações de vida nos convidam a construir significados – um processo que, por sua vez, emerge das conexões explicitas e implícitas que

temperam e inspiram a narrativa de cada um. O tecido de nossas histórias é constituído por um emaranhado de fios narrativos do passado, presente e futuro – e é isso que empresta à narrativa o sentido de continuidade (Rasera & Japur, 2004). Com o passar do tempo, construímos inúmeros significados e criamos diversas histórias simultaneamente. Ao escolher o que contar, indicamos as tramas que consideramos dominantes e a seleção destes ou daqueles "recortes" pode gerar efeitos positivos ou negativos em nossas vidas (Morgan, 2007).

Meu próprio fragmento biográfico, à luz dessa nova postura filosófica, ganhou contornos inéditos: a fala da atriz Dina Sfat despertou lembranças e me levou a reconhecer outras histórias que já existiam em minha vida; histórias alternativas que se mantinham invisíveis para mim até aquele dia. Aquela fala me reconectou com o prazer de escutar histórias, além de me lembrar de como ouvi-las sempre temperou minha criatividade e me ajudou a desenvolver minhas próprias versões. Graças à entrevista, surgiu um entendimento capaz de contrariar a trama dominante em relação ao conceito de inteligência: a menina que criava a partir do que ouvia reverberou na sua potência máxima e finalmente libertou seu texto, dando luz a novos parágrafos que há muito esperavam para nascer.

Segundo Richard Kearney (2012) "a vida está prenhe de histórias. Ela é um enredo nascente em busca de uma parteira. Porque dentro de cada ser humano existem inúmeras pequenas narrativas tentando escapulir" (p. 413). A partir dessa perspectiva, o terapeuta é convidado a manter uma presença mais sensível, curiosa e aberta para novas ou velhas histórias que desejam aparecer. Caminhamos sem destino pré-determinado.

Em nosso dia-a-dia na prática clínica, clientes nos procuram com histórias saturadas pelo problema que comprometem sua qualidade de vida e suas relações familiares. A postura descentrada do terapeuta permite ouvir a história de um novo ponto de vista; passamos a acompanhar a narrativa de um novo lugar: posicionados ao lado do cliente, escutamos com atenção e sensibilidade, buscando brechas em seu texto para explorar outras histórias – aquelas que resgatam a esperança e a liberdade. Somos ouvintes genuinamente interessados, conscientes da habilidade do cliente em construir significados, de ser o especialista em sua vida. Deixamos de ser especialistas de um suposto saber capaz de oferecer respostas para todos dilemas que afligem e limitam a qualidade de vida do cliente.

A conversa é movida por curiosidade e interesse permanentes com o objetivo de favorecer a criatividade e o desenvolvimento de possibilidades que antes não pareciam existir. Como terapeutas, somos presenteados a cada dia com a riqueza e as potencialidades dos nossos clientes; ao mesmo tempo, somos tocados e transformados por cada relação. Costumo dizer que terapeutas são inteligentes, porque escolheram uma profissão em que são pagos para aprender. Humberto Maturana, conforme referenciado por Grandesso (2000), ressalta a importância de uma conversa de qualidade. Segundo ele:

> Conversar é dar volta juntos, nas voltas que damos nos relatos da vida destes que nos escolhem e nos acolhem como testemunhas de suas histórias, temos de estar, realmente juntos, inclusive para sentir juntos. (p. 276)

Os fundamentos filosóficos da Terapia Narrativa potencializam a ética e o respeito ao que é narrado, entendendo que as pessoas não apenas vivem suas vidas, mas imaginam as vidas que estão tocando. As histórias sintetizam essas imaginações singulares que devem ser valorizadas e aproveitadas pela prática clínica (Frank, 2014).

Eventualmente, nos deparamos com fatos que mudam abruptamente o rumo da conversa. Um fato de vida inesperado que impõe uma trama dominante que paralisa ou secciona o curso da história. Uma situação traumática que invade a vida e promove um nível tal de desorganização, que se perde o fio da meada. Um nó é atado de modo a impedir o livre fluir das narrativas.

O trauma da perda de um filho gera uma ferida que rasga a esperança e nos congela na cena; ficamos parados no tempo, perdidos, sem saída, sem rota. A paisagem da vida fica desbotada, somos arrastados para um vazio, sem referências – ficamos completamente perdidos.

O impacto dessa perda em nossa cultura e sociedade é tão significativa que nem nome ela tem. Existe nomenclatura própria para aqueles que perdem pais (órfão ou órfã) e cônjuge (viúvo ou viúva); mas não há nome para quem perde filho ou filha. Em certa medida, o sofrimento é ampliado pela expectativa sociocultural da representatividade que essa perda deve ter na vida de um pai ou de uma mãe. Segundo White (2005), essa expectativa acaba por naturalizar um vínculo, quase indissociável, entre o trauma e a dor psicológica acompanhada de sofrimento

emocional, o que tende a comprometer a compreensão nas conversas terapêuticas. Visões estreitas sobre como agir nesse contexto contribuem para construção de um senso de identidade frágil, minando o reconhecimento de competências e desperdiçando recursos preciosos sobre como agir na vida – mesmo diante de tamanha adversidade (White, 2005).

Apesar da mídia atual abordar mais abertamente o assunto, muitas famílias preferem não tocar no assunto. O desafio para nós, enquanto terapeutas, é não reproduzir de maneira mecânica e acrítica práticas conhecidas e familiares, buscando nos manter abertos para o inesperado. Para isso, é essencial estabelecer conversas sem nos tornar reféns de objetivos previamente definidos; é ter na curiosidade uma aliada estratégica, sem ignorar que uma perda tão trágica também impacta nossas próprias histórias.

Atravessei uma experiencia em minha vida profissional que me marcou profundamente e abriu a possibilidade de tomar um rumo inesperado, revelando novas perspectivas para a qualidade da relação terapêutica. Eu já atendia a Maria há alguns anos. Ela estava passando por um momento especial em sua vida: tinha acabado de viajar por paisagens deslumbrantes do Nordeste e dar início a um novo projeto de vida com seu marido, Jorge. Estavam casados há 35 anos e, desde que tiveram os três filhos, sempre viajavam com eles. O filho do meio, Joaquim, havia casado no início do ano e as duas filhas, Amanda e Alice, já estavam formadas e haviam começado a trabalhar. Ao vê-los crescidos e donos de suas próprias histórias, Jorge e Maria resolveram experimentar essa nova aventura: era um reencontro precioso na vida do casal; casados há três décadas, eles voltavam a ser namorados na maturidade.

Era dezembro e Maria estava radiante com a viagem que realizara. A experiência havia superado todas suas expectativas. Afinal, eles não viajavam sozinhos há muito tempo e ela estava encantada com o prazer que sentiram em estar juntos. Maria já aguardava ansiosa a próxima oportunidade.

O fim de ano se aproximava e ela estava organizando as comemorações de Natal e Réveillon. O plano era manter a tradição de todos os anos e fazer uma viagem com toda família. Nesse clima tão inspirador, nos despedimos e agendamos o nosso encontro para depois das festas.

Alguns dias depois, um fato imprevisível invadiu a nossa história e nos atingiu como um tiro certeiro. Eu, que havia acabado de testemunhar um momento poético na vida de Maria, recheado de esperança e novas possibilidades, assisti em frações de segundos essa tocante narrativa ser esfacelada e preenchida por uma desarmonia dilacerante.

## "Não Podemos Perder Mais Nada"

Estava em casa à noite, quando recebi o telefonema de um dos filhos de Maria. Estavam a caminho do hospital. Alice, a irmã caçula, havia acabado de sofrer um grave acidente. Imediatamente, fui invadida por uma forte emoção. Eu sabia o quanto Maria tinha uma preocupação especial com essa filha. Aos dois anos de idade, Alice havia recebido o diagnóstico de vitiligo. Uma pequena mancha branca no cotovelo denunciava o inesperado invasor. Desde então, ela sempre cuidou da filha com muito zelo, sem superprotegê-la; porém, apesar de todos os cuidados, a mãe vivia assombrada pelo medo de um dia a doença se agravar. Alice estava com 26 anos e sua doença já tinha sido estabilizada há alguns anos. Ela vivia um momento muito especial, realizada com o trabalho novo e com suas recentes descobertas. O desabrochar da filha enchia o coração de Maria de orgulho e felicidade. Fui para o hospital, torcendo para que Alice superasse mais esse desafio.

Ao chegar, encontrei Maria, atordoada, em desespero, ainda com a blusa ensanguentada. O acidente havia acontecido próximo à sua casa. A situação era muito grave e o médico neurologista, amigo da família há muitos anos, havia acabado de confirmar a avaliação dos colegas da emergência: não havia muito a fazer. Conforme previsto, Alice faleceu naquela madrugada.

À noite, fui ao encontro de Maria em sua casa. Ela estava deitada na cama, abraçada à outra filha, ambas cobertas dos pés à cabeça com o edredom. O quarto estava abafado, com pouca luz. Havia algumas pessoas presentes: familiares, amigos e conhecidos. Aproximei-me e ajoelhei ao lado da cama. O lençol imaculadamente branco revelava o contorno encolhido do seu corpo. Delicadamente, chamei seu nome. Sentia sua alma ferida, dilacerada. Assim que me viu, Maria estendeu a mão e disse com um fio de voz que lhe restava: "Perdi minha menina, Ana, minha vida acabou". Acolhi Maria em um profundo abraço.

Durante um mês fui à sua casa todos os dias. A dor era quase palpável naquele lar enlutado e cada membro da família procurava meios de poupar e cuidar um do outro. Maria me pedia para cuidar dos filhos e do marido; Jorge me pedia para cuidar dela e dos meninos; os filhos me pediam para cuidar dos pais. Os pedidos cruzados indicavam um movimento que me chamou atenção: todos tinham intenção de cuidar, mas não havia espaço para que se encontrassem e chorassem juntos. Aquele cuidado cerimonioso comprometia a intimidade.

Em um determinado dia, Maria compartilhou um desabafo que sinalizava uma nova rota: "nós não podemos perder mais nada! Temos que preservar o que temos". Aos poucos, seu coração era inspirado por um novo propósito e era hora de convocar a família a integrar esse movimento em memória da Alice. A perda traumática da filha começava a convidar aquela mãe a cuidar do que ainda tinha em suas mãos, a encontrar uma forma de conviver com o que já não tinha conserto.

A cada encontro podia testemunhar a força da Maria, sua luta em se manter firme pela sua família. A maternidade era algo atávico para ela, que sempre foi uma lutadora. Ao definir um propósito de vida, ela corajosamente o abraçava e buscava um caminho. Foi assim que se casou, mudou de cidade e teve filhos. Ela desenhou seus sonhos em prol do amor e do desejo profundo de ter uma família.

De fato, eu observava seu esforço profundo em manter a casa viva: retomou a rotina, mantendo o lar impecável e perfumado. Seus filhos e marido voltaram a trabalhar. Porém, apesar de todo empenho, ainda havia entre eles uma dificuldade muito grande em conversar sobre a perda da Alice e a saudade que ela deixou. Maria estava emparedada pela dor e pelo sofrimento. Temia que qualquer movimento em falso pudesse ampliar a perda, questionando-se sobre o que poderia acontecer se falasse sobre a morte da Alice com o marido e os filhos: "o que poderia surgir dessas conversas? Mais dor? Mais sofrimento?" O medo a assombrava novamente. Sentia a dor de todos e se preocupava em especial com a imensa tristeza de seu marido. Não sabia como construir uma ponte segura para conversar com ele e com seus filhos. O silêncio imperava nos quatro cantos da casa.

Com o passar do tempo, o isolamento e a solidão foram ganhando espaço, à medida que eles se perdiam um do outro. Maria estava angustiada, com medo de

não conseguir se aproximar da família como antes. Com o Dia das Mães se aproximando no calendário, ela sabia que precisava agir, mas se sentia sem saída, encurralada por uma muralha de insegurança e sofrimento.

Enquanto aguardava o próximo cliente em meu consultório, Maria me veio à mente. Sua dor me tocava profundamente. Eu me sentia também contida pela trama do sofrimento. Comecei a revisitar nossas conversas, em busca de uma brecha, de um caminho que libertasse as narrativas e devolvessem a esperança de que sempre existe um caminho possível, mesmo quando estamos diante de uma grande muralha. De repente, um singelo raio de sol penetrou pela fresta da cortina. Fui dominada pelo brilho dourado que deixava um rastro de luz na ponta do sofá, onde Maria costumava se sentar durante nossas sessões. Nesse momento, fui invadida por uma imagem, um lindo girassol, a flor preferida da Alice. A imagem transformou-se em convite. Aceitei prontamente, sem questionar, e uma história começou a tomar forma na folha em branco diante de mim. Uma fileira de palavras escapuliu, fazendo nascer o conto "O nevoeiro e o girassol". Dentro de poucos minutos, ele estava pronto. Foi um "parto" breve que produziu uma narrativa que me tocou profundamente.

> O pequeno povoado ficava numa terra muito distante, tão distante que nem no mapa se via. Seus habitantes viviam trancafiados em suas próprias casas e quase nunca se comunicavam ou interagiam entre si. Diz a lenda que, em outros tempos, aquela era uma comunidade cheia de alegria, onde eram realizadas muitas festas e todos viviam em perfeita harmonia. Tudo ia bem, até que houve uma grande guerra por aquelas bandas, e todos passaram por momentos muito difíceis. Aquela época de sofrimentos deixou marcas tão profundas que os moradores foram ficando cada vez mais tempo enfurnados dentro de suas casas, isolados pela tristeza. De lá saíam apenas para cumprir as tarefas indispensáveis para o seu sustento. Muito tempo se passou, e tudo continuava do mesmo jeito, cada família recolhida ao seu casulo. A maioria já nem lembrava mais das dificuldades que haviam levado àquela situação. Simplesmente, aquilo havia se transformado em um hábito enraizado em seus costumes. Certa manhã, o povoado amanheceu coberto por um denso nevoeiro, tão espesso que não se conseguia enxergar um palmo diante do nariz. Por outro lado, nem mesmo as portas e janelas hermeticamente fechadas conseguiam barrar aquela cerração. De alguma forma, ela conseguia se infiltrar e invadir o

> interior das casas, preenchendo todos os espaços. Assustados e ao mesmo tempo intrigados com esse mistério, os moradores agora eram forçados a andar tateando dentro de suas casas, em pleno dia! De repente algo inesperado acontece! As portas se abrem e as pessoas começam a sair para a rua, enfrentando o nevoeiro. Estão todos cegos pela neblina, mas a situação não era muito diferente dentro de casa. Depois de algum tempo de silêncio, o ar se enche de vozes, há muito não ouvidas. Em meio ao intenso vozerio, destaca-se a voz de uma criança: – "Olhem, que lindo"! As atenções se voltam para um delicado facho de luz vindo direto do céu, que atravessa o denso nevoeiro para iluminar um lindo jardim de grandes flores amarelas. Havia algo de mágico naquela cena, com todas as flores voltadas para o facho de luz dourada! Todos caminharam lentamente até aquele lugar, que parecia encantado. E de uma maneira espontânea deram-se as mãos, um cuidando do outro, para não tropeçar no caminho. Lá chegando, o nevoeiro começou a se dissipar. À medida que tudo ia ficando mais nítido, as pessoas se deram conta de que haviam formado uma grande roda, ao redor daquele jardim. Todo o povoado reunido em um grande círculo! De repente a voz daquela criança volta a se fazer ouvir: – "Vejam as flores! Elas estão olhando para nós"! Cada uma das flores amarelas estava voltada para uma pessoa da roda. Como por um milagre, havia uma flor para cada um! Mas de onde vinha aquela luz, que as seduzia? Mais uma vez, a explicação vem pela doce voz da criança: – "Elas estão olhando para o nosso coração"! Todos então compreenderam que não existe força maior do que a UNIÃO, capaz de superar a mais persistente tristeza ou o mais denso dos nevoeiros, da mesma forma que aquela linda flor amarela sempre encontra a luz do sol! (Novis, 2017, p. 49-51)

Ao terminar de escrever, me dei conta de que o conto recém-nascido destacava a importância de algo que Maria sempre valorizou: a união. A narrativa também continha o reconhecimento de uma habilidade que ela sempre carregara em sua essência: o olhar da criança capaz de ver e de intuir caminhos possíveis para um lugar melhor, driblando as dificuldades que surgem no percurso. Sensibilidade e determinação sempre foram alguns de seus traços mais marcantes.

A história atraiu meu olhar para sua potência frente às adversidades da vida. O texto promoveu em mim uma *katharsis*, no sentido grego da palavra, como descrita por Michael White em seu *workshop* sobre trauma em Nova York em

2007. Naquela ocasião, ele reconheceu que as histórias tinham o poder catártico de nos mover a outro lugar nas nossas mentes. A *karthasis* que vivenciei através da imaginação me fez estar no lugar e na pele da criança. A experiência poliu minha esperança, afinou tanto minha empatia quanto minha criatividade, me transportando para outros capítulos da história da Maria, levando-me a lugares onde era possível compor uma narrativa inspirada por uma nova perspectiva. Reencontrei a menina determinada que se adaptou a diferentes contextos e encarou mudanças difíceis em sua família de origem. Formou um novo lar onde todos eram muito unidos, apesar dos problemas. Maria manteve-se sempre segura ao respeitar seu próprio jeito de ser: doce, divertida, criativa e firme em seus propósitos. A imaginação abriu espaço para que eu reconhecesse nela valores e habilidades que sempre existiram e aguardavam ser reencontrados.

Ao finalizar o conto surgiu uma questão: o que fazer com essa documentação terapêutica inesperada? Poderia compartilhá-la com Maria?

Encontrei em David Epston (2015) uma validação dessa ideia, enquanto lia sobre o caso de uma menina de dez anos que tinha pavor de chuva – mesmo vivendo em uma região da Austrália onde as chuvas eram muito frequentes. Logo ao chegar, David percebeu um belo jardim na entrada, e soube que ela adorava cuidar das plantas com sua avó. Ao passear por aquela parte da história, ele pensou em propor um novo olhar sobre a chuva, inspirado em uma história que a apresentava como aliada da saúde e da alegria das plantas de que a menina tanto gostava. Com a criação desse conto, David promoveu o reconhecimento de uma perspectiva fundamental, que libertou a menina do entendimento dominante que comprometia sua qualidade de vida (Epston, 2015).

Animada com o resultado dessa experiencia criativa, deixei o conto na casa de Maria acompanhado de um lindo girassol. Na sessão seguinte, ela relatou que leu o conto para todos e ficou muito emocionada com a história. Maria não sabia dizer o que exatamente – mas algo dentro dela havia se iluminado.

O conto havia despertado a curiosidade da Maria, acionando um poderoso recurso capaz de descongelar o texto dominante. O destino imprevisível a que o diálogo com essa narrativa a levaria emprestava ao momento uma expectativa estimulante: ao se identificar com a história, ela pôde passear por sua própria experiencia de vida de mãos dadas com a criatividade.

Dias depois, ela veio ao consultório munida de uma nova ideia. Um momento extraordinário se manifestou, promovendo um caminho para exploração de novas rotas e possibilidades. Maria me pediu para ajudá-la a escrever uma carta para o marido. Acreditava que, para estarem unidos de verdade, eles precisavam vencer a barreira do nevoeiro e compartilhar os sentimentos. Ao revisitar sua história, se lembrou que Jorge conseguia expressar seus sentimentos com mais facilidade quando escrevia. Ela havia resgatado uma caixa repleta de belas cartas e cartões que ele havia escrito para ela ao longo dos anos. Corajosa e determinada como era, se expressou sem pudor na primeira carta – desfez amarras, escalou barreiras e compôs uma carta forte, cheia de coragem e amor, como mostram os trechos a seguir:

> "Estamos juntos há 35 anos, muito vivemos... tínhamos uma parceria única que tinha uma harmonia muito especial para mim. Éramos como goiabada com queijo, diferentes mais complementares(...)"
>
> "Hoje, vivemos atropelados pelos fatos, atolados nas mágoas, nas dores daquilo que não tem conserto(...) Desde a perda da Alice tomamos caminhos opostos, eu procurei manter e cuidar do que ficou e você foi se isolando, um isolamento temperado pela desesperança, pela falta de interesse na vida".
>
> "Questionar o porquê perdemos nossa filha já percebi que não ajuda; só nos tortura. Às vezes penso que talvez você esteja se punindo por isso, devido a essa terrível pergunta sem resposta. E pior: você segue acreditando que algo poderia ter, quem sabe, evitado. Sinto que você se colocou de castigo, sem direito a mais nada.
>
> "E a cada momento, a cada aborrecimento, nos percebo mais distantes, eu me desespero, fico insegura longe do teu braço, do meu amigo, do meu marido... Com o tempo fui sendo dragada pela mágoa, pela saudade. Passei a me sentir perdida, insegura sobre que caminho seguir, quase me convencendo de que nada mais se podia fazer.
>
> "Mas tem algo em mim tão forte que me fez e ainda me faz enfrentar muita coisa na vida: 'eu me rebelo! Protesto! Não consigo não falar, não lutar! Sou emoção!'".

> “Estamos ambos amputados, mas temos que lembrar que temos um ao outro para nos dar firmeza”.
>
> “Vamos buscar tudo que for necessário para nos ajudar! Ouça o que está além da razão; ouça seu coração, (...) assim como espero que volte a escutar o meu!”
>
> “Te amo!”

Depois dessa carta, outras vieram – foram entregues ora ao marido, ora aos filhos

E gradativamente, ao longo do tempo, as narrativas foram migrando das cartas para as conversas, apostando no poder do “olho no olho” e inaugurando um espaço de maior intimidade. A menina determinada e ousada estava de volta.

Eles a cada dia lutavam, cuidavam uns dos outros, enfrentavam os nevoeiros com muito amor, coragem e perseverança. A família cresceu: hoje Maria é avó de duas lindas netas, que iluminam seus dias e aquecem seu coração com a certeza da continuidade.

## Ressonâncias

Essa experiência foi extremamente marcante para mim. Através da documentação terapêutica literária que escrevi, vivi uma perspectiva original no meu trabalho. A história que nasceu reacendeu minha esperança e me libertou da possibilidade de permanecer com a escuta aprisionada na dor psicológica. A afinação promovida pelo conto me permitiu sentir e perceber os valores, os propósitos de Maria – aquilo que a nutria e a mantinha firme para dar continuidade à sua família.

Ao escrever o conto, revisitei e iluminei entendimentos sobre os estados intencionais de Maria, me reconectando com uma série de matizes positivos e resilientes da sua identidade. A inspiração inesperada trouxe à tona um recurso terapêutico que Richard Kearney (2012) nomeou de “narrador catártico”, algo que salienta a importância de se ter a habilidade de ouvir para receber histórias trágicas e reprimidas e devolvê-las aos próprios narradores de uma forma que favorecesse os resultados curativos (p.  419).

Maria, ao passear pelo conto, pôde revisitar sua própria história e iluminar sua imaginação. Ao se identificar com a personagem, pôde experimentar a si própria numa nova perspectiva. Essa relação revolucionou a maneira como ela se vê e resgatou valores e recursos poderosos para o contexto que estava lidando. Ela pode vivenciar seus sentimentos sem angústia, de uma forma leve, abrindo espaço para novos significados e novas ideias.

De acordo com Kim Billington (2015), os contos e as histórias de traumas das pessoas muitas vezes fazem ressonância com as três fases identificadas como rito de passagem de Van Gennep (1960): a separação, a liminaridade e a reincorporação (White & Epston, 1990).

É possível reconhecer as ressonâncias das três fases tanto no conto quanto na história de Maria.  Assim como o pequeno povoado, ela e sua familia se encontravam aprisionados pelo sofrimento, vivendo a separação do que lhe era conhecido. O desconforto gerado pelo nevoeiro promoveu na história uma movimentação, um incômodo que despertou a busca por uma nova linha de ação. Semelhantemente, o distanciamento cada vez maior em sua família  provocou em Maria a mesma busca. A limiaridade foi experimentada tanto pela criança do conto quanto por ela que, munidos de curiosidade e coragem, resgataram um novo status quo. Graças à iniciativa da Maria, as cartas pavimentaram uma rota onde sua família se reaproximou, libertando a mãe do sentimento de impotência que a aprisionava. Tanto Maria quanto o povoado do conto foram capazes de reincorporar o movimento autoral à dinâmica de suas vidas. Sua iniciativa original deu início a um processo autotransformador e curativo, abrindo espaço para acomodar novas narrativas em sua história.

## Considerações Finais

*“Somos o que fazemos, mas somos principalmente o que fazemos para mudar.”*

*Eduardo Galeano*

A história de Maria nos convida a reconhecer que, mesmo diante de uma adversidade traumática, podemos encontrar uma maneira de desatar o nó que nos paralisa. Ao manter o olhar e a escuta aberta para as multi-histórias que fazem parte de nossas vidas, podemos resgatar e descobrir recursos preciosos que, como ventos vigorosos, nos conduzem por um mar de novas possibilidades.

Caminhar ao lado de Maria através do denso nevoeiro da tragédia me inspirou também a desenvolver uma escrita reflexiva pessoal. Um documento terapêutico que cuida de mim e favorece uma revisita preciosa à experiência vivida. A narrativa poética tem sido um recurso poderoso para manter acesa a chama da arte do encontro.

Recentemente participei de uma oficina de escrita reflexiva, onde fomos convidados a escrever sobre o abraço mais marcante de que nos lembrávamos. Imediatamente, revisitei aquela noite em que fui ver Maria e um novo fragmento narrativo nasceu, legitimando a ideia de que uma história nunca morre –ela está sempre à espreita, generosamente disponível para nos guiar por novas rotas e nos ajudar a produzir novos significados. O registro desse inesquecível abraço me fez reconhecer que o que vivemos com intensidade fica sempre presente num espaço especial da nossa memória ao longo do tempo:

> O abraço era o que podia ofertar. Uma oferta que continha toda imensidão do consolo que queria doar.
>
> O quarto estava afogueado pela dor da amputação abrupta daquele dia.
>
> Ela estava encolhida, envelopada pelas lágrimas já desidratadas pelo calor seco e árido do trágico destino.
>
> Me aproximei e nos acolhemos na ilha dos nossos braços
>
> Nos tornamos oásis
>
> O calor da dor foi amenizado pelo frescor da história que tínhamos.
>
> Transfundimos certezas.
>
> Seguiríamos juntas, reconstruindo o que foi partido.

Eu e Maria prosseguimos juntas. A cada dia, preenchemos nossa história com novas linhas, versos, parágrafos e até notas de rodapé. Caminhamos lado a lado, em um fluir permanente de narrativas recheadas de esperança e coragem, apesar da imensa saudade que ficou.

## Referências


Billington, K. (2015) *Why should children have all the fun? How a folktale might open a doorway into narrative re-authoring conversations with adults.* (Master's thesis presentation). University of Melbourne.

Epston, D. (2015). The problem of rain. *Journal of Systemic Therapies, 34*(1), 78-84.

Epston, D. & White, M. (1994). *Experience, contradiction, narrative & imagination*. Dulwich Centre Publications.

Frank, A.W. (2014). Narrative ethics as dialogical story-telling. *Hasting Center Report, 44* (S1), S16-S20.

Kearney, R. (2012) Narrativa. *Educação Real, 37*(2), 409-438.

Grandesso, M. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. Casa do Psicólogo.

Morgan, A. (2000) *What is narrative therapy?: An easy-to-read introduction.* Dulwich Centre Publications.

Novis, A. L. (2017). *Que os olhos leem, o coração sente.* Editora Jaguatirica.

Novis, A. L. (2019). *Dando asas às narrativas: O encontro das histórias de vida com as narrativas literárias em diferentes contextos* (pp. 29-44). Editora Jaguatirica.

Piccardi, T. (2008). Relatos de pais enlutados: A dor posta em discurso*. Revista Alpha, UNIPAM,* 9, 129-137.

Piccardi, T. (2014). Transformando sofrimento em narrativa e narrativa em uma nova vida. *Revista Internacional de Humanidades Médicas, 3*(1), 1-11

Raseira, F. & Japur, M. (2004). Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. *Estudos de Psicologia, 9*(3), 431-439.

White, M. (2005). *Michael White's workshop notes.* Dulwich Centre Publications.

White, M. (2012). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.

White, M. (2007) Working with people who are suffering the consequences of multiple trauma [Workshop Presentation] International Trauma Studies Program (ITSP), New York, NY, United States. The Dulwich Centre. https://dulwichcentre.com.au/narrative-therapy-ezine/trauma-and-narrative-therapy/

White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. W.W. Norton & Company.

# Narrative Therapy in Brazil: Building Preferred Stories from North to South

Marilene A. Grandesso

## Contextualizing: An Entry Door

What I present in this article is just one possible story. We know that no story is unique, much less complete. This one, like all narratives, was constructed by my selection of events over time, in the contexts in which I had the opportunity to live and learn. The thread that weaves this storyline is very personal and bears the marks of the meanings I attributed to lived experiences, since the 90's. Thus, if the authors were different, other stories would be possible. Just like life, Narrative Therapy in Brazil is also multistoried.

When Tom Carlson invited me to write about Narrative Therapy (NT) in Brazil, with a focus on therapy, honored by his trust, I felt a mix of joy and immense responsibility. How can we do justice to this practice and to the Brazilian therapists who has developed and enriched it with our Latin creativity? Born in the early 2000's, NT has grown, flourished and has been transformed since the first presence of Michael White and David Epston in Brazilian territory, firstly because of their writings, which we only had access to in English and, sometimes, in Spanish. Then, due to our traveling merchants spirit that led us to take all the opportunities that arose, even in other countries. This article bears the marks of my personal involvement with this practice, since, in 1991, when Carlos Sluzki, in a family therapy course in Massachusetts, presented Michael White as a creative young man who used therapy as a kind of "psychological exorcism". Sluzki was referring to the practice of externalizing conversations, which separates the person from the problem: the problem is the problem, the person is the person. For us Brazilians, at the time, this was great news.

Thus, it was not a surprising fact that, one year later, in 1992, for the first time, we met Michael White in Buenos Aires (Argentina), where the Interfas Foundation organized a four-day workshop with him. In a small room at the Foundation, enchantment took hold of us Brazilians, around 15 people. For me, particularly, what touched me the most was a presentation that Michael gave about a man who had lived in a psychiatric hospital for many years and had just attempted suicide. His story of hopelessness attested that his life didn't matter to

anyone and that, if he died, no one would need to be notified. In his conversations with this man, Michael managed to recover, among the stories he lived, the memories of his childhood. His first teacher was considered by this man as someone to whom his life mattered. We had the opportunity to watch the video in which this elderly teacher remembered moments in which that boy stood out and the appreciation she had for him. We returned to Brazil with the pulsating seeds of a great desire to learn more and transform our practice. Michael helped us understand that all people have valuable stories and that we should acknowledge the power of legitimizing lives and relationships through external witnesses' testimonies. At the time we had access to a fantastic article that exposed power practices aiming to subjugate selves and relationships. Even today, I share the article *Deconstruction and Therapy* (White, 1991) with my students. In this article, Michael presents four brief accounts involving some kind of oppression, helping us understand that there are always gateways to alternative stories that, once historicized, can help to deconstruct dominant stories saturated with problems, enabling the construction of preferred stories of legitimized lives.

We continued studying and, at the same time, sharing what we were learning with our students. A reference for us to build our path was the first book published by Michael White and David Epston - *Narrative Means to Therapeutic Ends* (1990). Objectify problems and not people; develop sensitivity to hear traces in narratives that invite us to stories of hope. Many new reflections have emerged with the narrative metaphor. Our therapy practice gradually changed its focus from problems to possibilities, externalizing the influence of cultural discourses on dominant narratives saturated with problems, which, subliminally, would lead to power relationships. Michael and David expanded our horizons and therapeutic practices, helping us look at problems as cries of nonconformity, in the face of disregarded, or even outraged, values. Later we were able to expand our understanding through the precious concept of "absent, but implicit" (White, 2007), a result of the influence of Derrida's ideas in narrative therapy.

Narrative therapy contributed to expanding our understanding of lives and relationships, by inviting other partners, outside the world of therapy: Foucault, Derrida, Vygotsky, Geertz, Bachelard, Barbara Myerhoff, Bruner, among others (Grandesso, 2011). Defined as a poststructuralist practice, in Brazil, narrative therapy contributed to the development of therapeutic relationships valuing local

knowledge, respecting cultural values and being attentive and sensitive to all forms of oppression. Seeing beyond the diagnoses and a psycho-pathologizing perspective of life, we were able to incorporate a political dimension into the process and expand it beyond the walls of the therapy room. Abandoning the ethics of control and embracing the ethics of collaboration, White (2007) always maintained a respectful, decentered, yet influential partnership stance. And so, we continued.

## Learning From our Masters and From Each Other

Below I present some of the notable presences in Brazilian territory from whom we were able to learn and create possibilities for our narrative practices. For clarifying purposes, I insist that this is a personal and, therefore, partial analysis. It is far from complete. My criteria were the resonances within my own experience and the openness to new possibilities in the context of narrative therapy, as requested by Tom Carlson.

At the beginning of years 2000, the Family Center of the Catholic University of São Paulo (NUFAC) brought Jill Freedman to the city for a workshop on Narrative Practices in Family Therapy. Among other things, Jill introduced us to the art of asking questions to develop richer stories from the “sparkling moments” observed in the answers. With her, we practiced a way of listening to stories from everyday life that could help us transform our responses into poetry. In 2005, Silvia Rechulski and Ada Pelegrini Lemos organized Michael White's first workshop in Brazil, also in São Paulo. On that occasion, we were able to witness a session conducted by Michael with a Brazilian family. What we saw was a therapeutic relationship that respected our cultural values and an artisanal way in which he, through his questions born from attentive listening to traces in the stories, opened up possibilities for the family to visit non-historicized territories of their life. Michael allowed us to follow a creative dance between his decentered, yet influential, positioning and a family being reborn into new ways of living together. For the first time, we were able to participate as external witnesses. As a genuinely interested and creative partner, Michael helped the family revisit their experiences and build new and richer stories, opening the doors to new existential possibilities. Without a doubt, this workshop was a watershed moment. Later, in 2006, Michael was in Salvador (Bahia) and Porto Alegre (Rio

Grande do Sul), a great contribution for us Brazilians, thanks to Maria Angela Teixeira in Salvador and Consuelo Brun in Porto Alegre.

Upon returning from Porto Alegre, I started an *Open and Continuous Study Group* on narrative therapy in 2006, in São Paulo, through INTERFACI, the institute I coordinate.

Another relevant event for the development of Narrative Therapy in Brazil was the presence of David Epston, in 2007, for two workshops, one organized in Salvador (Bahia) by Maria Ângela Teixeira and the other in Campinas, a city close to São Paulo (SP), under the responsibility of the *Institute of Family and Community Therapy*, ITFCCAMP. A remarkable singularity of these two workshops was the way David guided us "inside the interview" in a creative and inspiring narrative practice. David's creativity in his dialogical listening awakened our curiosity about possibilities of questions that could invite "magic", the "elf questions" as he called them in one of the workshops we were able to attend. David shared a video of a session with 14-year-old Sebastian, whose family and school had resigned. I had already watched this video in Oslo, year 2000, and had been enchanted by it. A history of outbursts of anger, scenes of violence, countless episodes of behavior incompatible with a life in society, had led this boy to boarding in a mental health institution. Leaving aside the problem stories, David asked the boy one of his "elf questions": *"What do you think your therapist answered when I asked him, 'What do you respect most about Sebastian?' What do you think he told me?"* After much thought, the boy managed to say something unprecedented, especially for someone with the stories that were built about him. Sebastian replied that his therapist saw him as a good boy. The conversation that followed brought dignity and freedom back to this institutionalized boy. This therapeutic work is a masterpiece for me, every time I see it, it invites me to a renewing sense of hope.

One of the great supporters of narrative practices in Brazil is Maria Ângela Teixeira. She's always been a passionate practitioner who organized countless courses and workshops, inviting several narrative therapists, from the pioneers to the most recent, so that we could develop our skills. From Michael White and David Epston's visit to Salvador (Bahia) to the presence of Shona Russel, Mark Hayward, John Winslade, David Newman, David Denborough, among others, in many of the events she promoted. Maria Ângela was the main organizer of the

*10th International Conference on Narrative Therapy and Community Work*, in Salvador (Bahia), in 2011, together with the *Dulwich Centre*. In addition to receiving participants from many parts of the world, this event was a living testimony of how extensively narrative therapy and community work were already rooted in Brazilian soil and how creative were the practices developed with the marks of our local culture.

Another encouraging source of our development in narrative therapy and, especially, in collective narrative practices, was the collaborative work between Marlene Simonetti and Adriana Müller, in Espírito Santo, in 2009. By inviting David Denborough and Cheryl White to a workshop in the same year, they contributed to the development of collective narrative practices in Brazil. Invited again in 2010, by INTERFACI, for a workshop in São Paulo, the *Tree of Life*, the *Team of Life*, among other practices, resulted in a great movement of practices and production of knowledge and contributions to effective social transformations. Many creative and innovative methodologies and several community projects have been inspired by collective narrative practices. I am not including them here, as they go beyond the purposes of this article. Those interested in the topic, can find great sources in Müller (2013) and Abdalla (Denborough & Abdalla, 2019). I consider Cheryl White and David Denborough as the influential partners and gateways for *Recycling Minds Institute*, in Rio de Janeiro (RJ), to begin a project of intense repercussion in Brazilian territory, always in partnership with *Dulwich Centre*. In addition to holding events that encourage collective practices, since 2021, *Recycling Minds Institute* has been promoting training courses in narrative practices and community work, starting its fourth class in 2024. The online modality has enabled access to people from the most varied regions of our immense country.

As for the INTERFACI Institute, we were able to contribute to the dissemination of narrative practices in Brazil, in addition to the *Open and Continuous Study Group* started in 2006, through the workshops we organize. John Winslade, with his theoretical-philosophical contributions, in which he highlighted the importance of Deleuze and Foucault's ideas to the practice of narrative therapy, opened possibilities for us to integrate externalizing conversation, re-authoring, scaffolding, absent, but implicit and double listening practices to the use of narrative therapy in conflict situations. Then Stephen Madigan brought the relational interview as a great contribution. And, as our last workshop before the

pandemic, we welcomed David Epston, Tom Carlson and Sanni Paljakka, with whom we were able to reflect on how to reimagine narrative practices. The opening to compassionate witnesses and the inclusion of documents and poetry in the therapeutic process were innovative proposals that had great repercussions on our narrative work. Hence new practices and new productions of knowledge emerged, such as, for example, (Paschoal & Pereira, 2022), using letters and poems in reflective processes.

During the pandemic, we had the opportunity to increase the number of participants in our workshops due to the cost reduction that online modality provided. Therefore, through INTERFACI, we held two more workshops, one with Marta Campillo and other with Tom Carlson, in 2020. Tom presented contemporary practices and narratives with couples, mixing stories of justice and love. And finally, still in the pandemic in 2022, David Marsten innovated our knowledge with interviewing practices initiated by wonderfulness. And so, we have continued learning and creating.

In addition to what has already been mentioned, a creative way of promoting therapy and other narrative practices nowadays is in the form of a blog. Accessible and popular, Maria Ângela Teixeira (www.narrativasterapeuticas.com.br) publishes books in Portuguese and navigates from poems to art, always with a narrative approach. More recently, Maria Ângela has been writing about narrative therapy and dreams, the ones we have “with our eyes closed”, as she says: another innovation on her part.

## Incentive and Production of Knowledge

One of the biggest obstacles to the dissemination of knowledge comes from language barriers. Intellectual and theoretical productions originating from narrative therapy were published in English and later in Spanish, disfavoring the inclusion of our Portuguese-speaking community. Thus, the publication of two books translated into Portuguese (Morgan, 2007, Russell & Carey, 2007) were of great contribution to spreading narrative therapy in Brazil. Simple and very didactic, as well as accessible, we were able to introduce them in our family therapy courses in which narrative therapy had already been disseminated since the beginning of the 2000’s. When, in 2012, we had the opportunity to have access to the last book written by Michael White, *Maps of Narrative Practice* (White, 2007, 2012 in Portuguese), narrative therapy expanded throughout Brazil,

from north to south. It is to highlight the importance of linguistic inclusion, to which the translations by *Narrativa Brasil* group, responsible for the publications in Portuguese of the books by Morgan (2007) and Russel and Carey (2007), had already contributed at great extent. Articles by other therapists such as Winslade (2017) and Madigan (2018), published in Portuguese in editions I had the privilege to organize also boosted the spread of practices. We had to overcome language barriers, not only to have access to what has been done and disseminated in English, but to be able to disseminate what we have done here in another language.

Among our productions, we have written book chapters and articles for our magazines that are more in tune with the proposals of narrative practices, such as the *New Systemic Perspective (Nova Perspectiva Sistêmica).* Since the year 2000, when an article about narrative therapy with children was published (Grandesso, 2000), we have published narrative works developed with children (Grandesso, 2000, 2012; 2018, Cesar, 2008); with teenagers (Lion, 2022, Lion et al, 2023); with people affected by chronic illnesses (Novis & Abdalla, 2012); with patients affected by mental disorders (Laurentino, 2017); with family groups (Almeida & Müller, 2014); on the use of short stories in narrative therapy (Novis, 2016) and co-research projects (Abdalla, 2020). We also have some theoretical articles (Grandesso, 2011, Paschoal & Grandesso, 2014, Cruz, 2008, Guimarães, 2007). It should be noted that a vast written production on collective narrative practices is not being included here because it is beyond the purposes of this specific publication.

## Concluding: Narrative Therapy in Brazil Rhizomatic Effects of a Transformative Practice

From this general overview I have just presented, I realize how far we have gone since narrative therapy was introduced to us, Brazilian therapists, in the 1990's. Since Jill Freedman, in 2005, how many great practitioners have been with us, contributing to our identity as narrative therapists! For us Brazilians, more than learning a new therapy practice, it was being in constant dialogue with a universe of possibilities for theoretical dialogue and narrative therapy practice. I dare to say that, now, we are in a great number in Brazil. This article shares a small sample of what we have developed. Many narrative therapy practices ended up not being documented in texts or books and, therefore, could not be included in

this article. The articles included in this publication are a small example of the creativity of Brazilian narrative therapists, working with the most different contexts and populations. Sensitive to the values of Brazilian multiculturalism, attentive to the practices of power that oppress people and communities, our practices are guided by an ethics of collaboration. Breaking the conventionality of traditional therapies, narrative therapy revealed itself as a set of transformative practices promoting liberation from forms of oppression that restrict possibilities of existing with dignity. If we extended this article to include collective narrative practices, we would have, in this sense, a variety of projects, innovative methodologies and transformative practices.

I conclude by expressing gratitude not only to our masters who came to share their experiences with us, but also, and especially, to the Brazilian professionals who promoted our access to courses and workshops on therapy and other narrative practices. I can't help but mention Maria Ângela Teixeira again, who organized the first courses and workshops in 2005, introducing us to many creative and inspiring narrative therapists that we would not have met, if it weren't for her desire to expand these practices in Brazil. Such desire was shared by some institutions such as INTERFACI (São Paulo-SP), *Recycling Minds* (Rio de Janeiro-RJ), and *Crescent* (Vitória-ES). Through this article, I tried to honor them by highlighting some of their contributions. As White and Epston (1992) wished, our Brazilian narrative therapy culture has managed to keep the spirit of adventure and, I believe, we have managed to enrich our lives and the lives of others who have sought our help.

From the first islands of narrative therapy in our country, we built archipelagos and today we can speak of a continent that offers us a support platform to create and move forward, in our more than 20 years dedicated to learning and practicing narrative therapy. I want to finish by highlighting that narrative therapy defined a new identity for practitioners who embraced its purposes and ventured to delve into a new conception of therapy. A practice that, far beyond the psi world, allows us to stand against social injustices and abuses of power, as well as to resist practices that subjugate identities, relationships and lives. But, above all, narrative therapy helps to keep burning [...] “the flame of hope that lights up our actions and fuels our belief that new and preferred worlds will always be possible, in light of preferred and extraordinary stories that every person has. We just have to build the scaffolding”. (Grandesso, 2008, p. 117)

## References

Abdalla, L.H.A. (2020). Teenagers and the COVID-19 pandemic. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work, 3,* www.dulwichcentre.com.au

Almeida, B., & Müller, A. (2014). Jardim de flores: Uma experiência com grupos de famílias no contexto da socioeducação. *Nova Perspectiva Sistêmica, 23(*49), 73-87.

Carvalho, A.S., Cavalcante, R. A. L. P, Oliveira Q. A. C. & Almeida G. L. (2022). Grupo com crianças no âmbito do Sistema Único de Assistência Social (SUAS) inspirado pelas práticas narrativas coletivas. *Nova Perspectiva Sistêmica, 31*(72), 23–37.

Cesar, A.B.C. (2008). A externalização do problema e a mudança de narrativas em terapia familiar com crianças. *Revista Nova Perspectiva Sistêmica, 31*, 85-98.

Cruz, H.M. (2008). Da linguística à política: o giro de Michael White. *Nova Perspectiva Sistêmica, 31,* 74-86, julho.

Denborough, D. & Abdalla, L.H.A. (2019) Manual do tatame da vida. *Disponível em* www.reciclandomentes.org.

Grandesso, M.A. (2018). Domando a caballo de viento: la historia de Luisa, una experta en hacer planes para ser feliz. In. I. Latorre-Gentoso (org.) *Prácticas de Terapia Narrativa: voces Latinoamericanas tejiendo relatos preferidos*, pp. 15-38. Pranas Chile.

Grandesso, M.A. (2012) Terapia da Família centrada na criança: a criança como parceira conversacional. In H.M. Cruz, (org.) *Me aprende?* Roca Ed., 41-70.

Grandesso, M. A. (2011). “Dizendo olá novamente”: A presença de Michael White entre nós, terapeutas familiares. *Nova Perspectiva Sistêmica, 20*(41), 99-118.

Grandesso, M. A. (2000). Quem é a dona da história? Legitimando a participação de crianças em terapia familiar. In H.M. Cruz, (org.). *Papai, mamãe, você... E*

*eu?: conversações terapêuticas com famílias com crianças*, pp. 101-126. Casa do Psicólogo.

Guimarães, N.V. (2007). Michael White: um terapeuta acrobata. *Pensando famílias, 11* (2), 141-164, dez.

Laurentino, J. (2017). Considerações sobre práticas pós-modernas no trabalho em torno da desconstrução da identidade construída a partir do diagnóstico de transtorno mental. In M.A. Grandesso, (org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas.* CRV, pp. 247-268.

Lion, C.M. (2022). O uso de práticas narrativas em um grupo terapêutico com adolescentes em situação de sofrimento emocional. *Tese de doutorado, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Ribeirão Preto.*

Lion, C. M., Souza, L. V. E., Vidotto, L. T., & Centurion, N. B. (2023). Uso dos princípios narrativos em um grupo com adolescentes em sofrimento emocional. *Revista Da SPAGESP, 24*(1), 17–32.

Madigan, S. (2018). Entrevista relacional fundamentada na terapia narrativa: preparando emocionalmente os relacionamentos conjugais conflituosos para uma possível reunião, separação, mediação e tribunais de família. In M.A. Grandesso, (org.), *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas*. Curitiba, CRV, pp. 201-223.

Morgan, A. (2007) O que é a terapia narrativa? *Centro de estudos e práticas narrativas.*

Müller, A. (2013). Ritmos da Vida: ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica,* no. 45.

Müller, A. (2012a). Troca de cartas no time da vida: Um bate-bola construtivo. *Nova Perspectiva Sistêmica, 21*(42), 42-56.

Müller, A. (2012b). Ritmos da vida: Ajudando crianças na superação da separação. *Nova Perspectiva Sistêmica, 22*(45), 34-46.

Novis, A. L. de F. (2016). Contos e terapia narrativa: possibilitando novas conversas. *Nova Perspectiva Sistêmica, 25*(55), 7–18.

Novis, A.L., & Abdalla, L.H.A. (2017). A despensa da vida: uma metodologia auxiliar ao desenvolvimento de histórias que promovem entendimentos de saúde diante de um diagnóstico de doença grave e/ou crônica. *Nova Perspectiva Sistêmica, 22*(45), 26–34.

Paschoal, Z.T.C.N., & Pereira, C.P.G. (2022). Uso de cartas na equipe reflexiva: acessando emoções e novos entendimentos. In M.A. Grandesso (org.), *Construcionismo social e práticas colaborativo-dialógicas a serviço de ações generativas e humanizadoras.*

Paschoal, V.N., & Grandesso, M.A. (2014). O uso de Metáforas em terapia narrativa: facilitando a construção de novos significados. *Nova Perspectiva Sistêmica*, (48), 24-43, abril.

Russell, S., & Carey, M. (2007). Terapia Narrativa: Respondendo às suas perguntas. *Centro de estudos e práticas narrativas*.

White, M. (2007). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.

White, M. (2012). *Mapas da Prática Narrativa*. Pacartes.

White, M. (1993). Deconstruction and therapy. *Dulwich Centre Newsletter*, 1991, N. 3, 21-40.

White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. WW Norton.

White, M. & Epston, D. (1992) Introduction. *Experience, contradiction, narrative & imagination. Selected papers by David Epston & Michael White 1989-19.*

Winslade, J. (2017). Coaching de conflitos narrative. In M.A. Grandesso, (org.), *Práticas colaborativas e dialógicas em distintos contextos e populações: um diálogo entre teoria e práticas*. CRV, pp. 357-386.

# The Bad and the Good Ghosts: A Story of Reauthoring in Narrative Therapy with Children

Adriana Bellodi Cosa César

*"There's a boy, there's a kid*

*always living in my heart*

*every time the adult shivers*

*he comes and gives me his hand."*

*Brant and Nascimento (1988)*

My childhood is a never-ending playground of theoretical and practical knowledge that has influenced my own becoming as a therapist working with children. In my work with children, I bring my own valuable child-within who leads me through the paths and crossroads of therapeutic work and inspires my imagination and curiosity toward a world to be discovered. Favored by being born into a family where other children arrived year after year, older siblings like me were taught to take care of the younger ones. I was privileged to be raised in a generation where neighborhoods were populated with children and playing in open spaces was imperative. Thus, in my consultations, echoing the lines of Brazilian composer and musician mentioned above, there is a child always living in my heart.

From this particular cultural heritage, I assumed positions that today I consider foundational for my personal relationships, and fundamental for my clinical practice. I understand that the therapeutic relationship with children requires letting oneself be carried away by playful and creative coexistence, and the belief in a collaborative relationship that transforms unhappy ways of living.

This article was produced because I felt invited to share a reflection on everyday clinical practice, understanding it as a written dialogue between me, the author, and other authors or readers, as suggested by Rasera and Guanaes (2006). It involves a family consisting of parents and two children ages eight and four. The consultations were mostly made involving the mother and her eldest son, whose main issue was the indomitable spirit that appeared whenever he was contradicted by her, with an abundant flow of anger, accusations, and

dissatisfactions arising on his part and paralyzing her. These are therapeutic conversations that took place during the year 2020 and were crossed by the COVID-19 pandemic which brings as a challenge the development of resources to maintain the therapeutic process.

In the dialogue with the reader, I intend to report fragments of the practice, seeking to give visibility to: 1) externalizing conversations as a ludic dialogical resource and promoter of preferable changes, 2) the production of therapeutic documents in the format of therapeutic chronicles (Campillo Rodriguez, 2011; Paljakka, 2008), a useful resource for pointing out remarkable moments in the participants' reauthoring process, and 3) to the share of moments in which the use of online technology helped the co-construction of generative therapeutic relationships, making it possible to move forward in the conversational process.

## Chatting With Some Textual Friends Before Entering the Therapy Room

Michael White (2012), despite the expressive systematization capacity of his work as a whole, privileged the developments of his practice so that the spirit of narrative therapy could be expanded, without letting it be tied down by any preponderant discourse of this or that therapeutic school. David Epston, echoing this plurality of meanings in narrative therapy, points out both the irreverence, improvisation, and imagination present at the center of everyday life and the indignation with the injustice that generates human suffering (2019). Thus, narrative therapy actively questions the individual centralization of human problems and invites one to think about their insertion into the dominant social discourses that configure people's lives.

As a therapeutic stance, this questioning promotes an egalitarian relationship between therapist and client and denies norms that subject people to standards on how they should be, feel, and act. Such a decentered position of the therapist facilitates a joint construction of choices that clients wish to assume about their problems and difficulties, based on the values and beliefs that guide their lives. Thus, change is built from new shared meanings toward the dissolution of the problem, as suggested by Anderson and Goolishian (1988).

Narrative therapy discusses the deconstruction of the therapist’s power, from a Foucauldian perspective that emphasizes power not as an institutional

implementation from the top-down, but as one that develops and refines itself at the local level of culture (White & Epston, 1990). In other words, people are products and producers of relationships, concepts, and dogmas that shape dominant and socially constructed cultural discourses. Thus, in the therapeutic encounter, we are faced with problem stories that are saturated by culturally-sanctioned master narratives, which objectify people and describe them as problematic, paralyzed, and incompetent in promoting change.

To face the dominant stories that produce this deficit and limited identity construction, the externalization of the problem - later renamed externalizing conversations - was an ethical and creative response developed by Michael White (Freeman, Epston, & Lobovits, 1997; White, 2012; White & Epston, 1990) to counter the power of uniform descriptions about people, which engulfs all the uniqueness that each individual has in facing their difficulties. Such conversations, as a dialogical resource, invite participants to understand that the problem is the problem and not the person; an approach that encourages people to question the oppression that problems acquire over them, as well as to weave the reauthoring of their lives. Michael White (2012) says:

> There is a sense in which I regard the practice of externalizing to be a faithful friend. Over many years, this practice has assisted me to find ways forward with people who are in situations that were considered hopeless. In these situations, externalizing conversations have opened many possibilities for people to redefine their identities, to experience their lives anew, and to pursue what is precious to them. (p. 59)

This fascinating spirit that rests on what is unique in each person and is so present in working with children is reflected in the enthusiasm of another young client: “I said to my father: 'There must be some magic here! That cry that I used for everything, disappeared!'”

With the inspiration of “as if it were magic”, I will present below the report of the family care on which this article was based. The meetings were mostly attended by the mother (Aurora) and her eldest son (Daniel) since the difficulties described brought many misunderstandings and a feeling of hopelessness in the relationship between them. Anderson and Goolishian (1988) suggest that the problem organizes the system, and thus, Leo, the youngest brother, was included

when conflicts between children intensified with the social isolation imposed by the pandemic; the father could participate in only a few sessions, when we managed to schedule appointments after his work shift. In these meetings, where the whole family got together, playing freely was the main objective (César, 2012)[1].

## A Cry for Help

Even in the first days of the January 2020 holidays, Aurora, the young mother of Daniel (eight years old) and Leo (four years old) was very distressed at not achieving a balanced relationship with her eldest son, who “throws himself at the television” and does not commit to his obligations, from taking care of personal hygiene to school obligations during class time. Born at 7 months of pregnancy, he was assessed during the literacy period and received a diagnosis of Attention-Deficit Disorder (ADD), in addition to living with an uncomfortable dysgraphia and psychomotor immaturity, which forced his mother to follow up on school tasks, correct spelling, and “correct the ugly handwriting”. Always complaining, he got irritated when his mother pressured him: he screamed, cried, and accused her of being a bad mother. It left her "out of her mind", since she did the best she could. In those moments, anger also dominated her, from which words emerged that she would never have used if she could think before speaking. She therefore felt very guilty and convinced herself that she really wasn't a good mother.

Aurora was also concerned about her younger son. Like his older brother, he was born prematurely, but perinatal complications and the effects of early birth were more invasive in his development. Parents began to protect him, offering him little encouragement in the autonomy of daily life activities: “He is our baby,” “required a lot of care,” “was always weak,” and “Cries to get everything he wants and I end up giving in so as not to get angry anymore”, said Aurora. A kind of vicious circle was established, where Daniel's defiant attitudes and Leo's insistent crying resulted in a joint explosion of irritability. In this way, by giving in to her children's demands, Aurora obtained a moment of peace: "I end up giving them what they ask to put an end to the complaints" to, soon after, be taken by guilt and the uncomfortable feeling of impotence in the face of the conflicts.

[1] The names of the participants have been changed so that their identities are preserved, and as the author I obtained the consent of the family for the publication of this article.

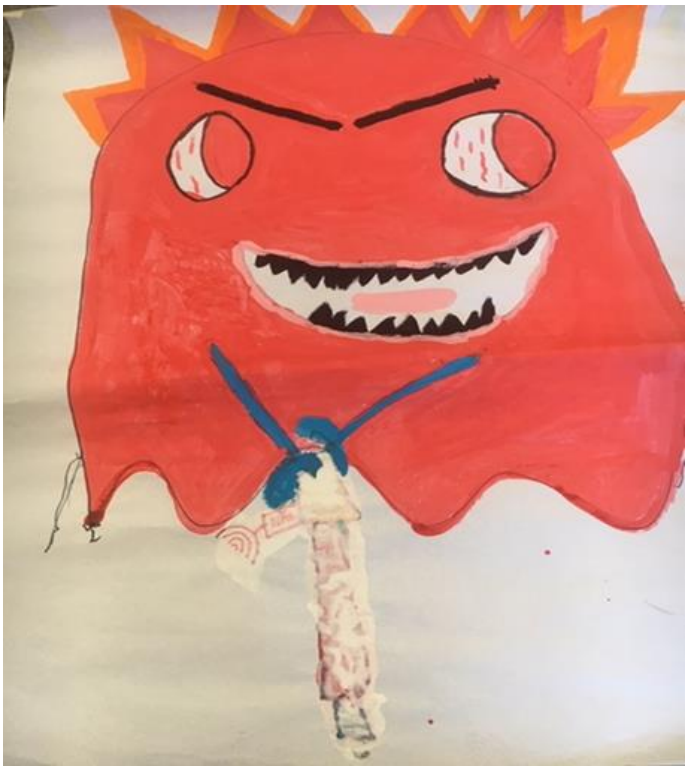
The family had moved to the city of the maternal grandparents two years before, in the hopes of receiving family support for the care and treatment of their children. They left behind schools, relationships, friendships, leisure, and professional stability. They faced professional and financial obstacles and the expected help from their family members did not materialize. The couple underwent a reorganization of their responsibilities as family providers, with the children's father expanding his professional activities, while Aurora saw hers reduced due to the care and education of her children. Thus began a lasting period of frustration, overwhelm, and exhaustion.

## "Hello, May I Come In?": Expanding the Meaning of the Problem

Aurora and Daniel attended the first meeting. Daniel was a silent and observant boy apparently uninterested in participating in the conversation that concerned his failures in everyday life. Aurora spoke about all her disappointments with her son, such as: watching too much television, complaining about everything although she was always helping him, lacking autonomy for schoolwork, avoiding physical activities, and being uncooperative and disobedient to his parents' expectations. His greatest difficulty, however, concerned the inability to control himself before exploding into fits of rage when contradicted. Uncomfortable, Daniel silent and sad, slowly walked away and disappeared from the room. Another environment was more interesting to him: the playroom.

I invited the mother to accompany him and, looking for a way to involve him in the issue that brought them to the consultation, I said that many children suffer from all sorts of problems, and that, as if that were not enough, these problems also interfere with the lives of their families. Curious to know the face of the problem, I asked if we could take a picture of it; problems that haunt children's lives are invisible and we can only get to know them by drawing them. Continuing, I said that a camera has not yet been invented to register the existence of these beings that disturb people so much. The mother looked open and curious; Daniel looked incredulous at what he had just heard. Aurora took the initiative and soon the two of them found themselves sitting on the floor, dealing with paper, brushes, paint, and enthusiasm. While planning what could be drawn, a different conversation took place. New vocabularies sprouted from a much more collaborative mother-son relationship: "Is it a monster or a ghost? It's quite big, so it needs a larger paper. It has a skirt; and many teeth in the mouth; the hair is

spiked." Daniel started to see the image of the problem: "Mom, the monster will be red, because red is the color of anger". The boy, encouraged by the change of direction of the conversation, busied himself in coloring with care and the mother patiently accompanied him in the dance of the brushes. By photographing with paints and brushstrokes, the problem takes on form: "Wow! It's nice! Mom, you look mean!"



"Ghost of Fury."

Satisfied with the reproduction, Daniel says: "It is a giant of Fury that torments a lot, attacks the head, and keeps hitting it." The part of the conversation below illustrates the dialogue that is being woven around the externalized problem (the acronyms T, D, and A, refer respectively to Therapist, Daniel, and Aurora):

T: I think he has a jackhammer in his hands and drills holes in your head to get in! *(I paint a tool in the hands of the giant).* Could we come up with something to let you know when he's turning on the jackhammer? *(I paint a radar that says "No", when it notices that the giant is approaching).*

D: No... it crosses your mind... It's a ghost.

T: Oh! We are getting to know him better! He looked like a giant, but he's a ghost!

D: Yeah, he doesn't drill holes; it goes through the head *(erases jackhammer drawing with white paint)*.

I understand that this attitude of Daniel concerns his authorship and he gradually builds on his relationship with the problem. It's like he's saying, “Hey! This is my problem!” There is a significant change in how he relates to exploring the difficulties that brought him to therapy.

The separation between the person's identity and that of the problem does not exempt them from facing the damage that this has brought to their lives. According to White (2012), it enables them to assume this responsibility, and, in this way, they are encouraged to establish a more clearly defined relationship, in which a range of alternative possibilities becomes possible. And continuing...

T: And does he take advantage of some “little windows” to get inside your head?

A: I think it's when he gets jealous of his brother and when we go against him.

An alternative way of talking about the difficulties that permeate family relationships is under construction without, however, pointing out the child's deficits, and blaming him. Externalizing conversations, by objectifying the problem, offer an antidote to internal and essential understandings of an individual.

## Building an Identity for the Problem

The problem, now named Ghost of Fury, is gradually discovered through a curious investigation where I learn from the clients about their experience. The Ghost of Fury is 1,000 years old and lives in every child's house for one year. It arrived when the family moved from the city where they lived two years ago, leaving the loving paternal grandparents. He feeds on people's anger and his favorite food is “rage burger.” He lives in hell and other evil ghosts also live there.

Upon hearing Daniel's vibrant description, Aurora reported that the parents and children lost their friends. The children separated from their schoolmates, from the playground in the old house, and from the paternal grandparents' beach house. She says: “Daniel always says it was my fault we moved here. He doesn't

like it here."

D: Yeah, we had to come here because she got a job here…*(notices the mother's tears)* Mom, are you crying??!!!!

T: I think you were all very sad to have moved to another city. Nothing happened as you expected...

A: He says I'm not a good mother, I feel very guilty. I do everything for them, I can hardly even work…

T: Yeah... one of these evil ghosts' tricks is to make mothers feel guilty. They disrupt the whole family's life.

D: Not my father's life! He works and comes home late and just sits on the couch watching TV, right mom? *(Aurora laughs).*

Looking for the influence that the problem has on the life of Daniel and his family, I highlight the following excerpt:

T: What does he want for your life?

D: That I become evil? He wants me to be mean!!! *(His eyes are wide open, pointed at his mother).*

It is important to note here the change in the child's expression that seems to reflect on the influence the problem has on his life and suddenly discovering his real purpose. And continuing:

T: And what does he want for your family?

D: He wants us to fight, stay in front of the TV alone, without talking to our mother, without playing... He doesn't just disturb the family, he also goes to my (maternal) grandparents' house. The most nervous is my grandfather. He drives my grandfather crazy.

D: Mom, grandpa needs to come here too!

Michael White says that this type of conversation, through influencing questions, compares to investigative journalism and its first objective is "to develop an

exposition of the corruption associated with abuses of power and privileges" (White, 2012, p. 28) imposed by the problem. Like investigative journalists, therapists are not involved in the domains of problem-solving or engaging in conflict, but "Rather, their actions usually reflect a relatively 'cool' engagement" (White, 2012, p. 28). In contrast, clients also assume an investigative reporter position, reflect on their experience, and contribute to exposing the character of the problem. They denounce its objectives, purposes, and activities.

This posture reveals the importance of the narrative therapist's decentered position. It paves the way for the clients to identify and build other plans for their lives, what they value, and contradict the threatening voices of the problem. In other words, externalizing conversations offer a shared island of safety for people to engage in the reauthoring of their lives.

## A Story About the Externalized Problem Inspired by the Idea of Poetic Documentation

For White and Epston (1990), the written word is an ideal path for discoveries made during therapy which, like documents, can be evoked, read, and recreated. Written tradition, through "making visible", highlights extraordinary events, giving prestige to an alternative narrative (César, 2008). Still, according to Campillo Rodriguez (2011), writing as a therapeutic resource opens up many paths through which people can see themselves through the eyes of the other.

During clinical consultations, therapeutic poems build, in a special way, an opening to new stories, which play with the imagination and give clients the freedom to experience their own images, sensations, and new meanings. Discussing the usefulness of therapeutic poems in her work, Sanni Paljakka (2018) writes:

> Due to their unusual form (the lack of requirement for the shiny completeness of sentences and ideas in prose text), these poems have opened up a unique way for me to play with ideas. Writing in poetry form allows me to pit the horrors and hauntings of a problem story against a confection of possible counter-story ideas with no regard to orderly sequencing of life experiences or the flow of a therapy conversation. (p. 65)

So, at the opening of the session following the revelation of the Ghost of Fury, I

asked Daniel and his mother to sit down comfortably and listen to a text that I wanted to present to them[2]:

*It was a problem and it was a gigantic*

*A giant that was so gigantic, it tormented everyone*

*It tormented the boy even more*

*The boy was a child*

*And he did the worst for the child*

*Just for the kid, he had a jackhammer*

*He made little holes*

*In the boy's head*

*When he was a child and the boy was a child*

*Clever*

*Thoughtful*

*Observer*

*And the boy had an artist mother*

*The child boy had an artist mother!!!*

*The smart boy and the artist mother took a picture of the giant*

*Click, Click, Click*

*Red he was*

*With funny hair and there was the jackhammer*

*Making holes in the head*

[2] Although the authors point out that poetic documents should be written exclusively with the words expressed by the client, I took this therapeutic tool as an inspiration, adding a personal way of narrating, to what I preferred to name therapeutic chronicles.

*And making everyone nervous and quarrelsome and then...*

*Sad*

*And found out the giant was all Rage*

*Aha!!!*

*Now we know you!!!*

*And the smart boy and the artist mother didn't notice...*

*The Giant of Rage, that was his name, was very intelligent*

*In a brush step, zas!!!*

*Changed to Ghost of Fury*

*What the hell!!!*

*Ghosts don't need little holes to get into the heads and families of smart boys and nice moms*

*Ghosts walk through walls*

*The smart boy figured out the trick. He found that the ghost goes through his head*

*And lo and behold! He knows many tricks to do bad things*

*He is 1,000 years old.*

I recited the chronicle, dramatizing it in such a way that the emphasis fell on the resources and extraordinary events subjugated by the problem (the boy was a child; he was smart, thoughtful and observant; the child had an artist mother; the smart boy and the mother artist took a picture of the giant), as well as the perverse purposes fueled by the problem (the giant that especially affects the boy, who is a child; his evils are preferably directed at him; a very intelligent giant, who magically transforms into a ghost to cross heads).

As an externalizing conversation, listening to your experiences coming from another person, written in a poetic way, promotes a sense of legitimacy and

centers authorship on the person. Afterward, Daniel said he liked it and thought it was funny: “He doesn't even look that bad!” He still prefers to maintain his version of the problem as a ghost that enters his head without making small holes: “Hey tía, he doesn't have a jackhammer”. Aurora was touched by the understanding that her son is “just a child” and that, due to so many turbulences in the family, her impatience could be harming him, in addition to expecting him to know how to renounce his place in the family in favor of his younger brother. It was surprising to her to be perceived as an artist and she reported other craft skills, inherited from her mother. Daniel praised his maternal grandmother's skills, attentive and creative, and discovered that his mother resembles her. The externalized problem, re-narrated, allowed the emergence of a narrative not subdued by the history of conflicts in the period between the meetings. Aurora says:

A: The giant isn't showing up much there... he's only showing up with strength when he's with his brother. They fight, Leo gets in the way, and Daniel loses his temper *(the words giant and ghost will alternate during the course of therapy, as meanings of an entity/problem separate from the child).*

T: I think it's the Giant of Fury’s tricks to keep taking advantage of the fights in your family.

A: He (Daniel) is better than me, calmer than me, he obeys when I speak.

Despite the influence of the problem having diminished in the family, this meeting addressed many conflicting moments between siblings and between mother and children. Daniel suggests painting the Giant/Ghost again. Very excited, he announces:

D: Now I'm going to do it! It will have two colors. Half angry and half calm.”

The new image of the problem in metamorphosis was made with four hands, and the child tried to reproduce with his own lines the first form almost entirely created by Aurora (the giant of fury). This was explored in its finest details within a loving and respectful dialogue, mostly coming from the child. Everyone looked proud at the end.

"Ghost of Fury in Transformation."

The letters C and A were added to signify the initials for Calm and Angry, English vocabulary learned by the boy at school. Descriptions and facts previously mitigated by the problem populate the conversations, allowing the child to be perceived through his resources (learns another language, likes to paint, collaborates with the mother). Immersed in a dialogical and horizontal relationship, instigated by conversations fueled by painting, I outlined Daniel's hands on a blank piece of paper, with the letters F (Fury) and C (Calm) to be taken home. They could help them remember that when they manage to stay calm, the Giant weakens.

"Drawings of Daniel's Hands as signalers of emotions in the house."

The session that followed this one focused on efforts to distinguish the influences of the Giant/Ghost in the family's life and the family's in the Giant's life. The rage

attacks are less intense; frustrations are expressed with lamentations. Aurora says:

A: Daniel is more loving, more understanding, helping me to calm down faster. It was a lot of just complaining, now it's like this, more smiling. Sometimes he is more patient with his brother.

D: I didn't get angry with Leo crying. I say: ‘Caaaalm down, Leo’.

A: We put the Hands in the room. In a place where everyone can see.

T: If the house is calmer, how is the family?

A: I bought paints, they are painting.

T: It's a family of artists!

At this time, they review the contributions of their maternal grandmother, skilled in manual arts. Daniel speaks proudly of his grandmother who draws house plans for engineers. Aurora has the opportunity to reframe her relationship with her parents, with whom she feels hurt by for not receiving the expected support: “My parents are very active, they have a life of their own...”

Daniel is attentive and praises his grandmother's kindness, but claims that his grandfather is very nervous: "The ghost must be living there now." and continues... "Hey tía, I think next time the Giant of Fury will be all blue!"

From these conversations, another poetic document was presented to them at the next meeting.

*It was a giant*

*Giant?*

*Not anymore*

*It wasn't even a giant. It shrunk*

*And in its shrinking, OH! Would it also be changing color?*

*And the giant asked for help*

*Help! Somebody help me! I'm shrinking and I'm not even red!*

*Help!*

*And nobody listens*

*The artist mother and the smart boy continue their task of transforming him*

*Now the little giant is red and blue*

*Half bad, half good. Half angry, half calm*

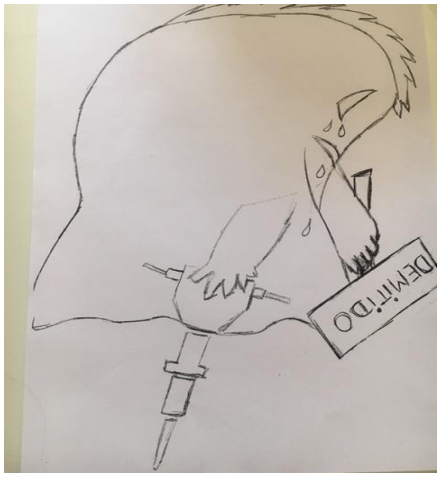
*The smart-mother and the artist-boy continue their work of painting the new little giant red and blue*

*The Giant of Fury is sneaking out*

*It no longer fits in that room. It no longer fits in those lives*

*At the door, already saying goodbye, he looks back and takes with him an image that bothers him. He sees the boy-artist calmly walking around the room, talking to his smart-mother, deciding together on the last brushstrokes.*

*The image has changed. And the Giant of Fury, sad, decides to leave in search of another place to live.*



"The Fired Ghost of Fury, made by an artist upon my request."

When presented with the new image, this time taken by me, the mother laughs at the ghost and its "Fired" sign. Daniel says: "Poor guy" and "Mom, we're firing him from home too!"

With a social constructionist sensibility, narrative therapy assumes that the self is relational. Within the plasticity of relationships, we build reciprocal identities, shaped by contextually-situated linguistic descriptions. Thus, Daniel's interest and initiative, in a safe and inclusive environment, transform him into a boy-artist, now accompanied by a smart mother who, less confused by her feelings of incompetence and guilt, becomes someone who knows how to take action (welcoming, encouraging, believing, hoping). Therefore, the Giant who abandons that relationship is one of misunderstanding, impotence, and pain.

The self-confident artist-boy prepares to paint another ghost: "I do. It will be all blue. Blue is the color of calmness, right mom?"

"Ghost of Calmness."

Since we were at that moment on the verge of social isolation due to COVID-19, we suspended face-to-face meetings and sought to build communication via WhatsApp, through messages and audio, since the video camera sessions proved to be unproductive for the participation of the children. Contacts were more frequently aimed at supporting Aurora's concerns regarding Daniel's growing lack of interest in online classes. Still, mother and son agreed that the Ghost of Fury was still diminishing. In this period of confinement, the interaction between the

two children deteriorated, slipping easily into conflict. I suggested that Brother Leo be invited to participate in a face-to-face meeting and we all committed to this meeting, respecting the health standards for disease prevention.

The dialogue below illustrates a remarkable moment from this meeting, where many disputes took place, with Daniel asking for his mother's interference to calm down and hold his brother who “only gets in the way” and does not let him play. Aurora tries for some control. Leo screams and cries; Daniel complains and gets angry.

T: Hey! This is yet another trick by these evil Ghosts of Fury. He walked away and left his cousin in place.

D: Who?

T: The Ghost of Cry. He doesn’t let anyone play. He belongs to the Ghost of Fury’s family.

D: I know! I'm going to paint it at home! And it will be orange!

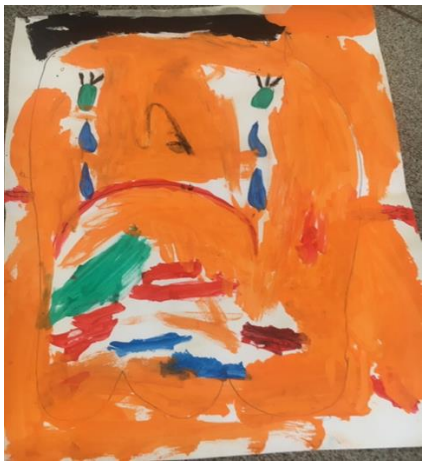
We discovered one more trick of the Ghost of Fury.

T: These ghosts are very smart. They don't go away that easy. Sometimes they leave someone in their place.

A new conversation took the place of the turmoil created by the children. Leo asked his brother if he could help him paint the new ghost at home. A condition was placed by Daniel: “You can. But only if you don't cry!"

These two pictures were sent by Aurora, registering the moment of collaboration

between the children “taking a picture of the Ghost of Cry’s face”. She also used WhatsApp to send an audio of her externalizing conversation with her youngest son, about the Ghost of Cry. In the conversation established with the participation of the family, including the father, Leo said that he is very angry, screams like a bear, and eats boogers. He is calm when Leo is crying and gets angry when he stops because he likes noise. And when the mother says that she needs to send him away, he says: “But mom, he doesn’t walk, now he’s stuck in the paper!”



“Ghost of Cry.”

We then established a way to stimulate the conversations about the problems, with the participation of Leo, through audios sent via WhatsApp, where I made some suggestions on how to deal with the new ghost that had just arrived. The boy-artist Daniel, now more collaborative and involved in actions that he would contribute to his parents and brother, suggested that this ghost needed to calm down...

"Ghost of Cry in Transformation."

This other "image" of the transformation of the Ghost of Cry was sent by Aurora and Daniel. The child's audio explained that the green part is the calmness that makes the ghost stop disturbing. I asked if he (Daniel) had any part in this difficult task. Through the audio I heard: "I'm helping my mother to stay calm, tía."

After many weeks of distancing, a second face-to-face meeting was decided, which would allow the participation of the father. The children were excited and, in my view, missed the meetings. They quickly turned the therapy room into a playroom. The room was populated with different toys and Daniel announced: "My father is good at Lego. When he has time, we play at home."

In another article (César, 2012), I discuss playing freely in family therapy with children as a privileged opportunity in which they show solidarity and welcome the parents with whom they explore a collaborative world, dissipating intergenerational boundaries, and softening the shadows of the problems that brought them to therapy. One of the significant factors that contributed to family tensions was the weakening of the interaction between the father and the children due to the intensification of his work. Through Daniel's hospitable hand, the father found an environment safe and relaxed enough to offer his children his unconditional presence.

At the end of this session, the boy-artist proposes another ghost to be externalized:

D: I already know who will be the next ghost when we get back!

T: The ghost family is growing!

D: It will be the Ghost of Play.

"Ghost of Play with a ball in hand."

This new character emerged in the next face-to-face meeting[3] as a pictorial document relating to the ludic context in which the father's presence was greatly appreciated by all. We understand that the Ghost of Play is like a guardian of the family that helps to keep calm, that's why it's blue. He likes to play ball in the square and makes everyone move away from the television. In this way, just as Daniel's ghosts are metamorphosing from enemies to friends, is the child building, through his creative-reflective art, a communication that transforms his fierce issues into requests? And aren't externalizing conversations themselves a way of understanding through play, generating experience, producing changes, and accessing preferable selves for everyone involved in the conversations? And yet, from conversations about externalizing the problem, we were able to move into conversations that externalized solutions and hope: the ghost that calms people down and another that invites affective relationships through play.

In one of the phone contacts I had with Aurora, I sent a picture of the Ghost of Play and wrote: "Look who is here saying to me: Adriana, will Daniel accept me at his house? He loves to be distracted by movies on television, but I wanted to play ball with him!! I need to play with some kids today." A few minutes later I received a message from the boy: "I accepted". And also an audio: "Hi tía, (...) my

[3] Face-to-face meetings with the participation of Daniel began to take place on a monthly basis. Virtual contacts were maintained according to Aurora's needs, but they were not enough to reassure her.

father and my mother taught me to play tennis...". Continuing the conversation, I replied: "Oh! Our Ghost of Play is certainly watching you play, having fun, and cheering for you!"

Other ghosts began to appear, like a certain Ghost of Complaint. The Ghost of Fury's visits ceased, but the latter, a "cousin" of the former, kept confusing Daniel and led him to whine and make difficult situations where he would have to attend to his school obligations more promptly during the pandemic. This one not only imprisoned the children, but also managed to dominate the parents; he was no longer exactly evil, but rather, very tiring. In the meeting in which Aurora and Daniel participated, we reflected that such a ghost feeds on endless quarantines. People were left without entertainment, without friends, and locked up at home, the preferred environment of the Ghost of Complaint. They fed on unhappiness and boredom and deceive the children, making them feel wronged and burdened. They have fun when the mothers become impatient and irritable. How unfair!

For Michael White (2012), in the process of re-authoring:

> People become curious about, and fascinated with, previously neglected aspects of their lives and relationships, and as these conversations proceed, these alternative storylines thicken, become more significantly rooted in history, and provide people with a foundation for new initiatives in addressing the problems, predicaments, and dilemmas of their lives. (p. 62)

Thus, re-authorship stories were continually created, despite the challenging routines experienced in the homes of families with children, in the face of this amazing and uncertain planetary event. Aurora learned to wait and welcome, and Daniel kept the presence of his ghosts alive by assigning them different levels of kinship. Its most feared member seems to be gone, leaving other less invasive, more friendly, and even generous in its place. One of his observations made both to the discursive change about the problem and the relationships, and to the construction of shared solutions: "Oh tía, I think that in the family of ghosts, the Ghost of Fury and Ghost of Cry are brothers, like me and my brother, the others are cousins and have good ghosts and bad ones."

It is important to clarify that face-to-face meetings, although sporadic, were

opportunities for free and playful conversations, with the purpose of an affective (re)encounter for exchanging events and anchoring changes. An observation made by Aurora indicated a new position: “At home, it's like here. We disagree a lot, but soon we calm down. The Ghost of Fury is gone and resolving complaints is easier.” In the midst of so many complexities, by allowing ourselves to be touched by the unexpected and be open to chance, we acquire eyes to look at enchantment.

The good ghosts became partners in family negotiations, careful advisors for new decisions by parents about their children's lives. And so, we said goodbye, knowing that a new ghost was about to arrive; he was yellow and his specialty would be to complain: “All me, why always me??...”. Thinking about the dialogic nature of playing as a conversational tool with children, Bakhtin (1986) points to the possibility of creating something absolutely new, based on what is given. What is given is totally transformed into what is created and this transformation can be formidable...

## Final Words

According to Grandesso (2000), the main difference in the use of questions in narrative therapy is that they are made to generate experience instead of obtaining information. Freedman and Combs (1996) state “when they generate experience about preferred realities, questions can be therapeutic in themselves” (as quoted in Grandesso, 2000, p. 113). Thus, from the curious openness to meet each ghost, we let ourselves be led, adults and children, both in face-to-face sessions and in virtual contacts, by creativity and mutual trust.

The reader may wonder about the lesser participation of Leo, the youngest son, and the near absence of his father in family sessions. As there is no prior planning on how the therapeutic process will take place, but the path is built as you walk, the choices took into account the difficulties pointed out by Aurora and supported by Daniel, specialists in their own lives, desires, and hopes (Anderson & Goolishian, 1992). Daniel's changes helped to minimize the domestic stresses with his brother, an achievement sought by Aurora. We also held some sessions with the couple, so that they could talk about the adversities and obstacles faced by

each one so that they could support each other as the protective system they hoped to be.

## References

Anderson, H., & Goolishian, H. A. (1988). Human systems as linguistic systems: preliminary and evolving ideas about the implications for clinical theory. Family process, 27(4), 371–393.

Anderson, H., & Goolishian, H. (1992). The client is the expert: A not-knowing approach to therapy. In S. McNamee & K. J. Gergen (Eds.), *Therapy as social construction* (pp. 25–39). Sage Publications, Inc.

Bakhtin, M. M. (1986). *Speech genres and other late essays.* (V.W. McGee, Trans). University of Texas Press.

Brant, F., & Nascimento, M. (1988). Bola de meia, bola de gule [Song]. On *Miltons.* Sony Entertainment.

Campillo Rodriguez, M. (2011). Aprendiendo terapia narrativa a través de escribir poemas terapéuticos. *Revista de la Universidad Veracruzana, 7*(1), 1-21.

César, A.B.C. (2008). A externalização do problema e a mudança de narrativas em terapia familiar com crianças. *Nova Perspectiva Sistêmica, 31*, 85-98.

César, A. B. C. (2012). Que linguagem é essa? O brincar em terapia familiar com crianças. In H. M., Cruz (Org)*. Me aprende? Construindo lugares seguros para crianças e seus cuidadores* (pp. 71-89). Editora Roca.

Epston, D. (2019). Re-imagining narrative therapy: An ecology of magic and mystery for the maverick in the age of branding*. Journal of Narrative Family Therapy, 3,* 1-18.

Freeman, J. C., Epston, D., & Lobovits, D. (1997). Playful approaches to serious problems: Narrative therapy with children and their families. W.W. Norton & Company.

Grandesso, M. (2000). Quem é a dona da história? Legitimando a participação das crianças em terapia familiar. In H.M. Cruz (org). *Papai, mamãe, você... e*

*eu?: Conversações terapêuticas em famílias com crianças.* Casa do Psicólogo.

Paljakka, S. (2018). A house of good words: A prologue to the practice of writing poems as therapeutic documents. *Journal of Narrative Family Therapy, Special Release*, 49-71.

White, M. (2012). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.

White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. W.W. Norton & Company.

# Gardening Narratives and Writing Stories

Adriana Müller[1]

*"Land of enchantment love and sun*

*I don't speak English or Spanish*

*Those who know you don't forget*

*my Brazil is with S"*

*(Brazil with S – João Gilberto)*[2]

I'm Adriana Müller (AM) and I live in the Abya Yala region, in the territory known by the native peoples as Pindorama, but named on maps as Brazil. An area with more than 8 million square kilometers filled with exuberant nature and a diversity of flora, fauna and geography, which extends from the Amazon rainforest to the gaucho pampas, passing through the *sertão* and the swamps. A region that has always been inhabited by people who know the seasons' cycle and know how to take care of the land; a territory that, over the centuries, has received people from all continents, who arrived in different ways and for different reasons. Today, we are the mixture of these stories that often reveal themselves in our way of being cheerful, talkative, interactive, welcoming people with coffee and hugs, enjoying soccer and carnival, having different faiths and beliefs, speaking in metaphors, and living with passion. Creative and diligent people, who enjoy bathing and preparing good food with everything the earth provides. Solidary people, who have a remedy for everything, who fight and resist, who sing and dance their pain and their love in various tones and rhythms, who find ways to survive the weather and life, who know their value and honor their legacy.

This article is a way to honor this entire cultural heritage. I present a work that I have been developing with a focus on narrative therapy, especially on the use of narrative metaphors, which brought me to the central theme that I present here: gardening. Here in Brazil, we have expressions that connect us to the land: we call

[1] Narrative psychologist, who works in private practice and teaches narrative therapy since 2005, as well as collective narrative practices since 2009, having created the Rhythms of Life methodology in 2010.
[2] Gilberto, J. (1982). *Brazil with S.* Rita Lee and Roberto de Carvalho. Acronym Studio: 1982. Access: https://www.youtube.com/watch?v=YtQfl3zetNE

someone who lives in the reality and is not easily deceived as having their “feet on the ground”; traditional *samba* is known as “rooted *samba*”; anyone who owns “a palm of land” has a place to live and the “children of the land” are all those who were born here. It is from the land that we derive our sustenance, and, throughout Brazil, people know how to clear the land, the fields, open the furrows, sow and harvest. In the *Tupi* language, people who are born in the territory known today as Espírito Santo are called *capixabas*, which means 'land ready for planting'. It's where I live – in Espírito Santo. Inspired by personal experiences, both in planting and in gardening, I started therapeutic conversations based on the metaphor of the garden. Having as fundamental four steps in the process of taking care of a garden, and aligning this with the principles of narrative therapy, people are invited to build a narrative that involves the metaphors of: 1) removing weeds; 2) choosing the good seeds; 3) hoping like the farmer and 4) celebrating the harvest. The process involves therapeutic documents such as letters or poems, the relational construction of meanings, and the invitation for the person to understand their personal agency through the metaphor of gardening.

## The Magic of the Narrative Therapeutic Encounter

According to narrative therapy, our life is made up of multiple events that, when grouped according to a certain temporal sequence, generate a narrative about a specific theme. We are not predefined, fixed, and predetermined beings. On the contrary, in each of us there are stories that await the right moment to come to light and reveal their power. And each one of them is activated through questions that are asked, resonances with other people's stories, situations experienced in the present that connect us with past experiences, in short, in different ways, but always as an invitation to access, connect, and chain the events. In the words of Freire (2008) “Pieces of time that, in fact, were in me, since when I lived them, waiting for another time, which might not even have come as it did, in which those pieces lengthened for the composition of the larger plot” (p. 19). Thus, I share here in this article some of these alignments of moments in my life story that occurred through my encounters with the people I worked with in my clinic – and how we transformed the images and resonances of these consultations into metaphors and poetry.

As a rule, people seek therapy when they are faced with problems that limit their sense of competence, their agency ability, and the perception of themselves as a person of value. In short, when the story reveals more about the problem than about the person. In these moments, a process based on the narrative seeks to make therapy a space in which questions, paths, and processes lead to a rescue of the beauty and dignity of life, highlighting the information that contributes to the creation of a good story (Carlson, 2020).

According to Epston (2018, personal communication), questions guide the conversation since trivial questions lead to trivial answers, boring questions build boring narratives, and poetic questions are seeds for poetic stories. He presents the questions as Gnomes: those that come from the heart and bring to the conversation “the spirit of narrative therapy full of enthusiasm, irreverence, improvisation, imagination, righteous indignation at injustice, solidarity with those who suffer, collective creativity, fascination with the magic and mystery that lie at the center of everyday life”, among others (Epston, 2019, p. 1-2). An invitation to look at life from the perspective of wonder (Marsten, Epston & Markhan, 2016) – which Paulo Freire (1996) would call the 'beauty' of life and relationships –, finding aspects that no longer emphasize the stories saturated with problems and start to portray versions that reveal people's preferred identity.

Externalizing conversations (White, 2012), in which the problem is named and spoken of in a way that is separate from the person, contribute to the necessary distance so that preferred stories can be accessed. In this process, reflection on the effects of problems in contrast to personal goals makes room for people not only to distance themselves from the problems, but to reconnect with what La Taille (2006) calls the 'ethical plan' – the one who seeks to answer the question “what life do I want to live?” and, consequently, “who must I be to live this life?”. Connecting to the ethical plan means defining for yourself what a life worth living is, and striving to be a person who deserves to live such a life. When developing an ethical personality, one will guide their actions according to values, beliefs, principles, skills, competencies, goals, and purposes, among other aspects that form one’s character and strength in the face of life's challenges and dilemmas. Such aspects are part of the person’s history, which means that they are immersed in a socio-historical broth, involving other people and happening within what Gilberto Freire calls *tribium* time: an existential time that “is not just past,

neither just present, nor just future, but all three simultaneously" (Gilberto Freyre)[3], an intersection of past, present and future that both evokes and prophesizes, and in which survivals and anticipations intertwine.

Still for La Taille (2006), responding to the ethical plan leads us to the question that guides the moral plan: "how should I live?" – a question that involves action and its individual and collective reflexes. In the same way, Paulo Freire tells us about the dialectical unity 'action-reflection' necessary for the development of a critical conscience that constitutes the way of being and/or transforming the world, and that is proper to the human being. Such concepts are very close to what Michael White (2012) calls personal agency:

> A sense of being able to regulate one's own life, to intervene in one's life to affect its course according to one's intentions, and to do this in ways that are shaped by one's knowledge of life and skills of living. (p. 263-264)

In this context, the re-authoring conversations, which involve connecting the action (reporting of events) and identity (perception of meanings) landscapes, seek to reveal the potentialities present in the story and the individual's agency at all times. In addition, re-membering conversations seek to connect us with significant people and the mutual contribution to the idea of being a person of value. Knowing oneself to be part of a network of affections that constitutes us and in which we actively participate, giving and receiving – and, with that, building meanings – is something important for the construction of the notion of oneself as a person of value.

During therapeutic meetings, such conversations reveal precious things that we therapists write down or keep in mind. Words that, later, can be returned to people in the form of documents that 'rescue what was said' (Newman, 2008) and that, thus, can help in the construction of stories that reveal their preferred identities. The documents I usually make are in the form of poetry – which can become song lyrics, as in *Ritmos da Vida* (Müller, 2013) – because, like Rubem Alves, I believe that "Words only make sense if they help us to see the world better. We learn words to improve the eyes" (1999).

[3] Gilberto Freyre, in an interview with TV Cultura in São Paulo. Source: http://www.nomedasuaescola.com.br/professor_inesquecivel/pi034_gfreire.html

But, how do we know which words to rescue to later be delivered to those who said them? Grandesso (2018) helps us:

> If any lighthouse or compass to guide the journey in the field of meaning could be available, it would come more from the reactions of our body, responding more to the poetic forms of the words that touch us, than from any previous knowledge. (...) What (the therapist) can offer for that moment, are not explanations or theoretical knowledge, but understandings in the form of reflections coming from words and images that arise in a generous listening. (p. 162)

This way, the narrative metaphor helps throughout the therapeutic process, reminding us, as White (2002) warned us, of the ethical responsibility we have in the construction of meaning, since it “powerfully shapes the activities of formation of the self” and the relationship in which we engage under the name of therapeutic practice (p. 14). The narrative process is always respectful and seeks to position the clients as the experts of their lives; therefore, a metaphor is generated during the meeting, never before. It represents the harmony arising from the therapeutic context and is always a symbolic, figurative, and poetic invitation for the person to leave what is known and familiar and go towards what is possible to be known.

Such scaffolding conversations, which White elaborated based on Vygotsky's writings (White, 2012), are very similar to what Paulo Freire (1987) called the construction of the 'unprecedented-viable': that which, because it is not known yet, is unprecedented, but whose originality is within achievable possibilities. Paro, Ventura & Silva (2020) show that, according to this Brazilian educator and philosopher, we face, individually or collectively, forms of oppression are concrete, challenging, and historical obstacles that impose themselves as if there were no way out, which Freire calls 'limit situations'. We do not passively accept or receive such 'limit situations', but rather, seek to overcome them through 'limit acts'. The distance taken from 'limit situations' brings out the 'perceived-distinguished': that which cannot and should not remain as it is, but that needs to be faced, discussed, and overcome. 'Limit situations', when detached from reality, can be objectified and understood as 'themes-problems'. So, we start “to dream of another possible world, something that does not yet exist, but may exist through the articulated action of its subjects, as an ontological need for the

transformation of our individual and social reality (...), the 'unprecedented-viable '" (Costa & Furtado, 2015, p. 3).

Creativity, joy, hope, eyes that see 'beauty', freedom, dialogue... ingredients that make the difference in a therapeutic meeting that aims at the 'unprecedented-viable'. The magic of the therapeutic encounter creates the possibility for client's to write and live their life in an unprecedented way and, in a creative way, to 'write-and-live' their story.

## My Story with the Gardens

One year after graduating in Psychology, I moved, for professional and family reasons, to the city of Venda Nova do Imigrante, in the interior of the state of Espírito Santo, where I lived for 10 years on a farm. Living in a farm community, soon gave birth to the idea of creating a Sustainable Development NGO – CDS Guaçu-Virá.[4] This whole experience, both in contact with the land and the inhabitants of the region, as well as with people connected to the area of ecology and preservation, taught me a lot about nature, its cycles, its diversity, and its peculiarities. I learned, in practice, the importance of our relationship with this living organism that we inhabit, and I bring from this life experience something that I define as 'knowing down to earth': that which we incorporate because we experience it in our daily dealings, with the 'feet on the ground' and in constant partnership with Nature. For example: how to have potable water? We had to recover the sources, "planting water"[5] and taking care of it like a precious commodity. And, to this day, it supplies all 15 homes, the factory, and the lakes. With this and other praxis, year after year, I learned from nature about Life and living.

When I returned to the capital, Vitória, I brought this knowledge and experience with me. I surrounded myself with plants and realized that the more attention I paid to them, the more they reciprocated. Nature always responds and, even living in an apartment, my care was translated into plants full of buds, flower buds in bloom, birds, butterflies, and bees arriving – I found myself surrounded by what I had on the farm, right in the middle of the city. As mentioned by Reis, dos Reis,

[4] For more informations: http://guacuvira.org.br/
[5] Reference to the Plantando Águas Project, which teaches that planting trees means having water. https://iniciativaverde.org.br/atuacao/plantando-aguas

and do Nascimento (2020), gardening and other activities that involve caring for and contemplating flowers and ornamental plants, whether in the external or internal environment, generate a sense of well-being by stimulating the senses through luminosity, colors, sounds, aromas, textures, and shapes, in addition to activating the aesthetic sense. That's why they can be important allies for the preservation and recovery of health and well-being.

When I started using the metaphor of the garden in consultations, I realized that the enchantment was as fast as nature's response. There is something in us that connects in a special way with the idea of the garden: being a gardener, being a seed, being a flower bud, understanding the phases of a garden... There are many possibilities for applying this metaphor, and all of them invite us to beautiful narratives of agency, of creating meaning and finding resources to deal with life's challenges. The metaphor of the garden is an invitation to rescue each one's connection with nature. Below I present the metaphor *Jardinando* (Gardening) and two stories. My hope is that these ideas I'm sharing with you will be able to contribute to the enchantment and poetry of nature so as to activate creativity in everyone. Let's sow narrative ideas!

## Gardening Narratives

*"Go the animal man, fruit of the seed, (memory)*

*Reborn of his own strength, own light and faith. (memory)*

*Understanding that everything is ours, has always been in us, (story)*

*We are the seed, act, mind and voice. (magic)"*

*(Redescobrir (Rediscover) – Gonzaguinha)*[6]

According to White and Epston (1990), "the narrative way of thinking is characterized by good stories that gain credibility by their resemblance to life" (p. 78). Good stories have a dose of metaphorical images that organize the story and help build positive images about the individual. If you have taken care of a garden – small and made in pots, or large over lawns – you can identify 4 phases of this work: removing the weeds, choosing the good seeds, waiting for sprouting, and

[6] Gonzaguinha. (1980). Rediscover. Album Saudade do Brasil. WEA label: 1980. Access: https://www.youtube.com/watch?v=CsiH25p_rAk&ab_channel=MariaRitaVEVO

being happy with the result. So next, I present the metaphor and its relationships with narrative therapy.

### 1) Removing Weeds or Invasive Plants

Every garden suffers from weeds that appear as unwanted visitors. Dealing with them requires some specific skills: knowing how to differentiate plants from weeds, understanding the effects of the presence of these invasive organisms on the plants, and establishing an action plan so that your garden conforms to your plans. This is the stage of the externalizing conversation (White, 2012) in which we invite the person to name the problem (weed), check the effects of the problem on their life, evaluate such effects, and develop action plans to recover their life (your garden) from the effects of the problems. In Freire's terms, we can say that this is the 'perceived-distinguished' stage.

A garden overgrown with weeds is like a story saturated with problems: it loses its strength, vigor, and beauty, not because it lacks these characteristics, but because all energy is being dislocated to the maintenance of the problem. That's why it's important to help people recover their personal agency (White 2012) through 'action-reflection' (Freire, 2008) that will help them to elaborate and put into practice their action plans to go back to writing their story as protagonists of the plot.

Here are some questions (metaphorical or not) that contribute at this moment:

Questions about the effect of the problem:

What have I been feeling/thinking?

What has been bothering me?

How is this 'weed' bothering me? Is it mistletoe that suffocates? Is it a cat scratch that traps and hurts me? Is it a weed that competes with me for water and nutrients?

Questions about the action plan:

How do I want my garden?

What do I want to see bloom?

What are the potentials of my garden?

What should I do to make it stay as my dream?

Which people can help me with this task?

What are my skills and abilities to deal with this challenge?

When can I start fixing this garden?

These reflections separate the person from the problem and contribute to starting a process of connecting the person with the preferred version of their story – the garden they dream of.

## 2) Choosing the Good Seeds

Speaking about gardens and gardeners, Rubem Alves (1999) invites us to the following reflection:

> What is at the beginning? The garden or the gardener? It's the gardener. If there is a gardener, sooner or later a garden will appear. But if there is a garden without a gardener, sooner or later it will disappear. What is a gardener? A person whose mind is full of gardens. What makes a garden is the gardener's thought. What makes a nation is the thought of those who form it. (p. 24)

After removing the weeds, the disturbed but clean soil is ready to receive the seeds. And, if the garden is in the gardener's mind, at that moment, it is up to us to help them in choosing the good seeds: those aspects of life that people value, consider important, and want to be present in their life. It is what people want to plant and watch grow that activates the notion of 'beauty' and wonder.

In addition to ethical and moral questions (La Taille, 2006) – How do I want my garden to be? What should I do to make it that way? – Others also contribute to this construction, as they open the possibility for the notion of agency, values, and wonder:

> What seeds do I choose to plant?

What do I admire and consider important to be present in the garden of my life?

What is beautiful and special about me that I want to see blossom?

What aspects of my life do I value?

What matters[7] in my life?

Who are the people who help me in this planting?

What did they teach me? And I them?

What is special and unique about this garden?

Through these reflections, people connect with their own treasures and their favorite stories take on meaning, shape, color, and scent. The garden is taking shape.

### 3) Farmer's Hope

Something that has always impressed me in my experience living on the farm is the farmers' wisdom. Planting is an art and, as such, requires very specific skills, including what I usually call the 'farmer's hope'. First, the farmer lets the land rest after harvesting, and only then does he start working on it. From sunrise to sunset, he spends his day plowing, adjusting the soil, watering, and sowing the next crop. Tireless, he continues to water that soil already sown, but still without a sign of life or success. Every farmer needs to believe in his work and in the power of the seed – he needs to believe in the 'unprecedented-viable'. And for that, it is necessary to hope, being "neither just patient nor just impatient, but *patiently impatient*" (Freire, 2013, p. 62, my emphasis).

Achieving the 'unprecedented-viable' involves having hope from the verb to hope. But let no one be mistaken: hoping is an energetic attitude, that of positioning oneself towards life, and not a mere linguistic pun. There is the hope of the verb to wait, which keeps us passive, static, waiting for something to happen or for someone to do something. And there is the hope of the verb to hope that puts us

[7] The word importa comes from the Latin 'in' (inside) and 'portus' (passage) meaning what we want to bring inside – of ourselves, our lives and into our garden.

in an active, dynamic position. In the words of Freire: “To hope is to get up, to hope is to go after, to hope is to build, to hope is not to give up! To hope is to move forward, to hope is to join with others to do otherwise…”

Everything we plant in life has a time to come into being. It is in this position that it is up to us to hope like the farmer. It is at this moment that I usually write and deliver poetry to people.

## 4) Celebrating the Harvest

As important as preparing the soil, planting the best seeds, and knowing how to hope is, to perceive the field producing and harvesting. Celebrating this moment means recognizing the strength of the whole process. In the words of Freire (1996): “Joy does not come only when finding something, but it is part of the search process. And teaching and learning cannot happen without the search, the beauty and joy” (p.160). As an educator, Freire talks about the process of 'teaching and learning' which, in this text, we metaphorically call 'sowing and harvesting' – and which, as such, applies to the most different processes in life.

The harvest reveals the power of wonder – the revealed 'beauty' – which forms the basis of the preferred story: the one that reveals the preferred identity of the person we’re talking to. Realizing that one is capable of transforming soils previously taken over by weeds into gardens full of 'beauties' reveals the capacity of each one, individually and collectively, to sow dreams and harvest realities.

I now present two stories of therapeutic processes in which the Gardening Narratives metaphor was used. It is important to say that both were authorized to be published and that, to maintain secrecy, the names were omitted or modified. Another point to be highlighted is that, like any process, nothing happens linearly or following a rule. The fluidity and organization required in a written text are not found in the same way as the dynamics of interactions and dialogues which are more based on simultaneity, dynamic responsiveness and continuous reorganization. In the words of Freire (1992): “An event, a fact, a deed, a gesture of anger or love, a poem, a canvas, a song, a book never have a single reason behind it. (...) That's why I was always much more interested in understanding the process in which and how things happen than the product itself” (p. 18). So, I invite you to understand the process and I hope that the essence of Gardening

present in these stories will be revealed beyond the didactic sequences just presented.

## First Story: I Met a Gardener

She arrived at the office with tears in her eyes and a story of suffering to tell. There, in front of me, another woman reporting on when she discovered her husband's betrayal, on the effort she made to forgive and allow the couple a second chance. At that time, they were two. Time passed, the wound stopped hurting and they dreamed of being three. Pregnancy came as a gift, and on the day of the birth, she decided to put all that bad history behind her. She wanted to be born as a mother and as a new woman. It was time for a renewed family to be born. Along with the son, forgiveness also came. And she wept with joy.

She went home, breastfed, took care of the baby, and felt complete. She felt that there was reciprocity in the attention and care, and she was sure that this was the family she had always dreamed of. Until, a few months later, she discovered that the betrayal was not a shadow of the past, but the harsh reality of the present. That's when she arrived at my office, and I learned about this story that mixed pain and hope.

Michael White taught us that we are external witnesses to the stories we are told. This is not trivial and involves a responsibility both in listening generously and in responding to what we hear. He clearly and didactically presents us with a four-step map to navigate this unfamiliar terrain of the therapeutic conversation: calling our attention to the expression that struck us during the narrative, the image it conjures up in our minds; the resonance of it with our life, and where it takes us (White, 2012). That day, when I heard that story, several images – real and metaphorical – passed through my mind. I heard as a woman, wife, and mother. I heard a storm, saw bolts of lightning, and devastation. I heard it as birth, life, forgiveness. Until she wiped her tears, looked at me, and waited for me to speak.

Inside me, echoed the phrase: “I feel devastated”. The image came naturally: a garden all turned upside down, holes everywhere. And the resonance took me back to the time when I lived on the farm and dedicated myself to the garden at home. In this home garden, I built flowerbeds with colorful flowers and medicinal plants. Surrounding the land, I built a living fence of *calendries*, with their fragrant

flowers that bloom announcing rainy days. Throughout the garden, I planted fruit trees to invite the birds, yellow *ipês,* and a *jambo tree* so that their flowers would make a beautiful colorful rug in the garden and a tree for each child that was born. In my garden, I planted trees, dreams, and stories.

But in the same garden, weeds also grew – lots of them! And they taught me a beautiful lesson: it's easier to remove a weed when it's still young and small and you can do it with your own hands. After it grows and takes root, only with a hoe and a lot of force – and all this action leaves holes, disturbed soil and the garden loses part of its beauty. That was the image that the story provoked in me – a revolved garden – and that's what I told her. But I continued reporting what I learned: we can look at the holes and the ugliness of what was left, or understand that the land was fluffed up for new planting, the weeds were removed and the hole for a new seedling is ready. It was this memory that the story provoked in me and that I shared with her. “Does it make sense to you?” I asked. She said yes, and we started talking about how to take care of an overturned garden.

This metaphor came back at various times, throughout the meetings and conversations.

As she carried out the re-authoring conversation, connecting the landscape of action with the landscape of identity, going back and forth in time, reporting what matters in her life, the people who contributed to her being who she is today, her dreams and projects, skills and competencies, values and principles, a new image was emerging in my mind: that of a garden that was ever more alive and beautiful. It was then that I realized that she was gardening narratives.

First, she strengthened herself, connecting with everything that matters and has value. She reorganized her routine, realized her ability to move forward, engaged in activities she likes, rescued her religiosity, looked with wonder at the 'beauties' of her life and, little by little, started sowing in her garden.

Then, she hoped for a new stage: the reunion. Not a re-living of the past, like a closed circle, without beginning or end, but a living in the present-spiral that provides something new and growing. That's why she invited her husband to be close by, to see her garden. There was in this movement a hope to return to taking care of the most special part of the whole garden: the family. And in her,

there was the strength of someone who recognizes herself as an agent and sower of possible futures – of 'unprecedented-viables'.

Today she continues gardening narratives, living in the *tribium* time that intertwines past-present-future and making her story a garden of planted dreams and harvested realities.

## Gardening Narratives: Poetry

Below I present the poetry I wrote based on the 'rescue of what was said from what was spoken' – her words are highlighted. I delivered the poetry when she was still suffering and trying to understand what had happened, and after we talked about what matters to her. My intention was to make a list of all the good seeds she already had on hand and help her realize her ability to care for herself, the child, and the garden.

***For the gardener that lives in you***

***(and who knows that...)***

*After the rain comes the rainbow,*

*after every winter comes the spring,*

*after pulling out the weeds, comes the time to sow.*

*In the revolved soil, fluffed by the withdrawal of what is no use, your hands touch the fertile land*

*and you create* ***blessed*** *flowerbeds in every corner of this Garden.*

*In it, the best seeds will germinate:*

*the* ***Courage to act***

*the* ***Self-esteem of recognizing one's own Value***

*the* ***Filter of more solid and mature Friendships***

*the* ***Family Ties strengthened***

*the **Maturity as a wife***

***Collaboration***

***Respect***

*and many other **Strengths**...*

*A multicolored and fragrant Garden*

***to restore energy and rejoice**. Because the Gardener that lives in you knows that*

*after the rain comes the rainbow*

*and after winter, spring always comes.*

## Second Story: Breaking the Shell of Fear

Ring the bells that still can ring / Forget your perfect offering /

There is a crack in everything / That's how the light gets in (Leonard Cohen)[8]

I don't think Leonard Cohen ever met her, nor that she ever heard that song, but the 35-year-old who walked into my office seemed to be a living example of these words from the singer. From the age of 6, her father began a sequence of sexual violence that lasted until she was 13, when she finally managed to leave home to live with an aunt and never saw him again. During those seven years of daily suffering, her strategy to get rid of those aggressions was to "get out of here": she used to call her friends to play, visit her aunts, or stop by her colleagues' houses to study. Sometimes she tried to tell people close to her what she was going through, but no one believed her. So, she decided to shut up. The bell remained silent for nearly thirty years and her father became a ghost who haunted her from time to time. Until, one day, her sister brought the news that her father was very sick, almost dying, and needed the family's care. Despite being separated, her mother agreed to bring him home and, after thirty years away, the girl found herself facing a great dilemma: to take care of the father or not?

[8] Cohen, L. (1992). Anthem. The Future Album. Columbia Records: 1992. Access: https://www.youtube.com/watch?v=c8-BT6y_wYg&ab_channel=LeonardCohenVEVO

Dilemmas often place us facing ethical questions whose answers can reinforce the story saturated with problems or then, evidence a counter-story that reveals our preferred identity. From the point of view of narrative therapy, the preferred identity is the one that reveals our best: values, beliefs, dreams, skills, and everything that demonstrates who we really want to be. It is very close to what La Taille (2006) calls an ethical personality. For this author, ethics is linked to longing, to a project, to a conscious construction – it is the answer to the question "what life do I want to live?". This question reveals a life that the person considers good, worth living and that is worth seeking to fulfill. But in order to live that desirable life, another question needs to be answered: "Who am I supposed to be to live this life?". In other words, what person must I be to be able to carry out the project of a life worth living? – a question based on duties, on actions oriented towards an end.

According to La Taille (2006), when the answer to the ethical question is answered based on values that contribute to the common good, we are building an ethical personality. In it lies our strength to be able to overcome challenges, carry out projects, define new directions, guide our steps, and be the person we want to be. The dilemma that the girl faced at that moment was ethical: how should I act? What life do I want to live and who must I be to get to live that life? In other words: what story do I want to tell? Who am I in this story I want to tell? How can I evidence my preferred identity in such a way that this story reveals my best version, the one that aligns my values and my actions in a coherent way?

When she came to me to help her deal with her current dilemma, we had a long conversation from which I highlighted the following excerpt, which begins precisely with the dilemma.

NZ: (...) I demanded a lot from myself. I got to thinking: am I so bad that he's on his deathbed and I don't even want to go there? Am I that bad? Is everyone right and I'm wrong? I talked to my aunt: am I so bad? And she told me: you have a very good heart. That's why I tell you, what you feel in your heart you do, what you don't feel, you don't do.

AM: So... are you managing to visualize and perceive all your good, kind, beautiful sides?

NZ: I even posted a story this morning that things need to be broken down for you to see the inside of them.

AM: And what is breaking in you?

NZ: This whole shell of fear I had, of sadness remembering what happened, this protection I had for fear of him looking for me... it's as if I was freeing myself, taking a weight off, you know?

AM: Breaking it down...

NZ: Yeah. (...)

AM: As if this shell that was protecting you, but at the same time arresting you, paralyzing you, limiting you, is breaking? And what's showing up? What is it about you that is being born at this moment, that is unfolding? What light, what beauty is this that was inside that shell and that you are surprised to see, perceive, feel?

NZ: People said “ah, your father is in such a place, your father is very bad, your father doesn't know what...” And I, with all the anger I had, I still judged myself... people they could say “what a bad daughter who abandons her father”... Because nobody knows the story. Then today, an aunt of mine sent an audio saying “I feel so proud of you! After everything you've been through, you're taking care of him." I'm realizing that, in addition to being a muggle, I'm a good person! *(How beautiful!)* I am a good and silly person at the same time. And today I see and I'm sure that I'm not what I imagined to be. That I am not a person who abandons the father. It was a way of protection for me. And today I see that I'm a very good person because if I were anyone else, I wouldn't do what I'm doing.

I pause here to invite you to reflect on some interesting points in this passage. First, see that the problem-saturated story and the counter story go together, side by side, like two possible versions of the same situation. We, narrative therapists, look for the wonder version by asking questions that shed light on the person's preferred potential.

In addition, we perceive the importance of external witnesses in consolidating a certain narrative line: both the one that reinforces the story saturated with problems with what others say or may say about our actions, and the one that strengthens the preferred version in which the wonders and the 'beauties' of each stand out.

I also want to share the echoes I got when she mentioned that "*things need to be broken down to see the inside of them*". That phrase brought the image of a seed germinating and I remembered when we started reforesting the farm. In addition to receiving several native tree seedlings, we also had a seedbed where we made our own seedlings. I learned, during this time, that the differences in seed formats and structures aim to guarantee the dispersion of the species and the protection of the embryo against the action of the environment. Thus, some are light to be carried by the wind and do not take long to germinate when they reach the soil. Others are hard and heavy to keep something precious inside. The first are seeds of primary trees and the second of noble trees. Upon hearing that sentence, I imagined the thick shell, protecting at all costs the beauty that was inside – and my question was motivated by this image: what was being born? What beauty was about to emerge?

Her response revealed her preferred identity: "I'm playful, I love being around friends, I love seeing people laugh, I love making people feel good. I like to do whatever I can for people. So, today I see that I'm a good person, I'm not the bad person I thought I was, you know?". This list of wonders showed the principles that support her ethical personality and guide her actions in life. Not just in that challenging moment, but in every situation she lives.

So, I presented the image that was strong in my mind to her to check if it made sense to her too.

AM: And I keep thinking about the forests where the seeds fall to the ground and have the thinnest coat – they are the pioneers. They die quickly to fertilize the land and the seeds are like beans, just a little moisture and they sprout. Now, the hardwood, the strong trees, the trees that will last for centuries and centuries: they have thick bark.

NZ: I think it's this shell that I was...

AM: Because their content is very precious. They are the queens of the forest and they need to be protected so that, when the time is right, they will take root and give the protection they need. Because they are known as mother trees because they grow taller and give shade and protection – and they are home to birds, monkeys and all kinds of critters.

NZ: There you go: I'm a tree too because I think you described me!

AM: Above all, noble tree!

NZ: You think that's a little thing?! (laughs) See?! But that's right. It's like I have a shell and now I'm showing what's inside me. I'm showing that I can be that little girl, but happy! Free now! Adriana, today I know that I have a good heart! I know that whoever needs me, I'll be there.

## Hope on the Sown Seeds

I presented here the metaphorical idea of life as a garden, and how we can Garden Narratives in our therapeutic encounters, helping people to continue writing and living the most beautiful version of their stories.

The gardening metaphor can be used in different therapeutic contexts, in addition to the individual treatments presented here. Couples, families, groups, experience situations of grief, challenges, and dilemmas in many different ways – all of them can connect with the metaphor of a garden that, despite looking devastated, has a lot of strength and potential to regrow.

Here in Brazil, from 1964 to 1985, we lived through a period of military dictatorship, a sad and dark period of Brazilian history that devastated gardens, destroyed orchards, and razed flowerbeds, but did not prevent words from becoming seeds, ideas from becoming fertilizers, or dreams from becoming realities. From this time, I bring the verses of Ivan Lins and Vitor Martins, sung in the voice of Elis Regina:

*When the flowers bloom*

*When the forests grow*

*When they reap the fruits*

*Tell me the taste*[9].

I consider this article as being a seed. May it find lands in which to germinate, flourish, and bear fruit. And I leave you with an invitation: when you pick the fruits, tell me how they taste. Could you do it?

## References

Alves, R. (1999). *Entre a ciência e a sapiência: O dilema da educação*. Edições Loyola.

Carlson, T. S. (2020). What is a good story and how do we tell one? Narrative therapy as a counter-storytelling practice. *Journal of Narrative Family Therapy*, *IWP Special Release*, 16-37.

Costa, C.G., & Furtado, E. D. P. (2015). *Situações limites na pedagogia do oprimido e da esperança: possibilidades para a formação do educador da EJA.* [Trabalho apresentado] V Seminário Nacional sobre Formação de Educadores de Jovens e Adultos, UNICAMP, Campinas, São Paulo, BR. Acesso: http://sistemas3.sead.ufscar.br/snfee/index.php/snfee/article/view/186/94

Epston, D. (2019). Re-imagining narrative therapy: An ecology of magic and mystery for the maverick in the age of branding. *Journal of Narrative Family Therapy*, *3,* 1-18.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 17ª edição. Editora Paz e Terra.

Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia.* 25ª edição. Editora Paz e Terra.

Freire, P. (2008). *Pedagogia da Esperança*. 15ª edição. Editora Paz e Terra.

Freire, P. (2013*). À Sombra desta Mangueira*. 11ª edição. Editora Paz e Terra.

[9] Martins, V., Lins, I. (1978). To our children. Album Today. EMI label: 1978. Access: https://www.youtube.com/watch?v=DUSYSVluES8&ab_channel=cubebossanova

Grandesso, M. (2018). A poética da conversação terapêutica. In: *Colaboração e diálogo: aportes teóricos e possibilidades práticas* (pp. 149 – 166). Editora CRV.

La Taille, Y. (2006). *Moral e Ética: Dimensões Intelectuais e Afetivas*. Artmed.

Marsten, D., Epston, D., & Markhan, L. (2016). *Narrative therapy in wonderland: Connecting with children's imaginative know-how.* W.W. Norton & Company.

Müller, A. (2013). The Rhythm of life: Helping children to respond to their parents' divorce. *Journal of Arts and Humanities, 2*(3), 98-108.

Newman, D. (2008). 'Rescuing the said from the saying of it': Living documentation in narrative therapy. *International Journal of Narrative Therapy and Community Work, 3*, 24-34.

Paro, C. A., Ventura, M., & Silva, N. E. K. (2020). Paulo Freire e o inédito viável: Esperança, utopia e transformação na saúde. *Trabalho, Educação e Saúde, 18*(1), 1-22.

Reis, S. N., dos Reis, M. V., & do Nascimento, A. M. P. (2020). Pandemic, social isolation and the importance of people-plant interaction. *Ornamental Horticulture, 26* (3), 399-412.

White, M. (2002). Journey metaphors. *The International Journal of Narrative Therapy and Community Work, 4,* 12-18.

White, M. (2012). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.

White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. W.W. Norton & Company

# The Mist and the Sunflower: Expanding Narrative Horizons in the Face of the Traumatic Loss of a Child

Ana Luiza de Faro Novis

The great writer Eduardo Galeano used to say that we are made of stories. This has always invited me to think that, right after conception, a unique pregnancy awaited each of us. I imagine, throughout pregnancy, genetic threads being mixed with narrative threads from the histories of families, societies and cultures of which we are a part. When we are born, we are not only given a name, but also a narrator's place. The first cry is just the beginning of a promising career as a storyteller.

Narratives have always fascinated me. As a child, I loved listening to them – whether at home, at school, in books, movies or on a television show. But it was at the age of seven that I discovered the transforming power of a story (Novis, 2019):

> When I was about seven years old, I loved to dance and act out the stories I created about princes and princesses. I lived immersed in my magical fantasy world, and from time to time my mother had to call me back to earth, to pay attention. My brother, a little younger, was recognized for his wit and intelligence. He always got good grades, and was praised for the comments he made. The family was very cultured, and intelligence was a highly valued and appreciated ability. My performance at school was like 'leaps and bounds', which made me start to consider myself less intelligent. I kept thinking how I could handle that situation. My parents loved to read and there were books everywhere in the house. I looked at that mountain of books and felt unable to read them. It made me very sad, for I believed that intelligence was contained in those infinite pages. While that anguish accompanied me, my school performance sank. During the first grades of elementary school, at the end of the year, I had to attend extra classes, while my brother was always approved and could enjoy the holidays earlier. A few years later, I was watching a program on TV and Dina Sfat, a famous Brazilian actress of that time, was being interviewed by a group of people. With ease and assurance, she spoke in an articulate manner about

> the many topics that were presented to her. Suddenly they asked this question: 'Dina, you are so intelligent; what do you do'? At that moment, I anticipated her answer: 'She certainly reads a lot'. Imagine my surprise when she replied: 'I listen a lot'. Since that day, my performance at school improved significantly, and over the years I've heard and been inspired by many stories. (p. 29)

That experience became unforgettable; I simply experienced something extraordinary that, at the time, I could not translate into words. When I came across a different interpretation for the concept of intelligence, a dialogical key opened the door of understanding before me, unlocking a new possibility (Novis, 2019). Attentive and accurate listening provided me with new lenses to see the dominant story that imprisoned me. This new perspective brought hope back and inspired me to find a new way to develop as a person. This life reference was so meaningful that it ended up influencing my professional choice.

Throughout my trajectory as a therapist, I have sought to improve my listening capacity and exercise my ability to dialogue with some inspiring references. The first encounter with narrative therapy was transformative: during my course at the Family Therapy Institute in Rio de Janeiro, professor Eloísa Vidal introduced me to Michael White and David Epston (1990). Since then, stories would undoubtedly occupy a new place in my office. It was time to stop seeing them as mere reports and realize how they transcend a descriptive role, sculpting the meaning we give to life. It is the stories that shape our network of relationships and determine how we recognize ourselves in our own trajectory (Morgan, 2000). The simple choice of events that we want to narrate influences and is influenced by our beliefs and personal, family, social, and cultural values.

In short, we are all active authors. Our narratives bear the marks of our interpretations; after all, we tell stories based on the experiences we go through. Life situations invite us to construct meanings – a process that, in turn, emerges from the explicit and implicit connections that temper and inspire each one's narrative. The fabric of our stories is constituted by a tangle of narrative threads from the past, present, and future – and this is what lends the narrative a sense of continuity (Rasera & Japur, 2004). Over time, we build countless meanings and create several stories simultaneously. When choosing what to tell, we indicate the

plots that we consider dominant, and the selection of these or those "cuts" can generate positive or negative effects in our lives (Morgan, 2000).

My own biographical fragment, in the light of this new philosophical stance, gained unprecedented contours: actress Dina Sfat's speech awakened memories and led me to recognize other stories that already existed in my life; alternative stories that remained invisible to me until that day. That speech reconnected me with the pleasure of listening to stories, as well as reminded me how listening to them always activated my creativity and helped me develop my own versions. Thanks to the interview, an understanding emerged that was capable of contradicting the dominant plot in relation to the concept of intelligence: the girl who could create from what she heard reverberated at her maximum power and finally released her text, giving birth to new paragraphs that had been waiting for so long to be born.

According to Richard Kearney (2012), “life is full of stories. Life is a nascent storyline in search of a midwife. Because inside every human being there are countless small narratives trying to escape” (p. 413). From this perspective, the therapist is invited to keep a more sensitive, curious, and open presence for new or old stories that are willing to arise. We walked with no predetermined destination.

In our day-to-day clinical practice, clients come to us with stories saturated by the problem that compromise their quality of life and their family relationships. The therapist's decentered posture allows one to hear the story from a new point of view; we started to follow the narrative from a new place: positioned next to the client, we listened with attention and sensitivity, looking for possibilities in his report to explore other stories – those that can rescue hope and freedom. We are genuinely interested listeners, aware of the client's ability to make meaning, to be the expert of his life. We are no longer specialists in some kind of supposed knowledge capable of offering answers to all the dilemmas that afflict and limit the client's quality of life.

The conversation is driven by permanent curiosity and interest with the aim of favoring creativity and the development of possibilities that did not seem to exist before. As therapists, we are presented every day with the richness and potential of our clients; at the same time, we are touched and transformed by each

relationship. I often say that therapists are smart because they chose a profession where they are paid to learn. Humberto Maturana, as referenced by Grandesso (2000), emphasizes the importance of a quality conversation. According to him:

> Talking is turning around together, in the turns we take in the stories of the lives of those who choose us and welcome us as witnesses of their stories, we have to be, really together, even to feel together. (p. 276)

The philosophical foundations of narrative therapy enhance ethics and respect for what is narrated, understanding that people not only live their lives, but imagine the lives they are willing to live. The stories synthesize these unique imaginations that must be valued and taken advantage of by clinical practice (Frank, 2014).

At some point, we come across facts that abruptly change the course of the conversation. An unexpected fact of life that imposes a dominant plot that paralyzes or divides the history line. A traumatic situation that invades life and promotes such a level of disorganization that the thread is lost. A knot is tied in order to prevent the free flow of narratives.

The trauma of losing a child generates a wound that shatters the hope and freezes us in that scene; we are stuck in time, lost, with no exit, no route. The landscape of life fades, we are dragged into a void, without references – we are completely lost.

The impact of this loss on our culture and society is so significant that it doesn't even have a name. There is a specific nomenclature for those who lose parents (orphan) and spouse (widow); but there is no name for one who loses a son or daughter. To a certain extent, the suffering is amplified by the sociocultural expectation that this loss must have in the life of a father or mother. According to White (2005), this expectation ends up naturalizing an almost inseparable link between trauma and psychological pain accompanied by emotional suffering, which tends to compromise understanding in therapeutic conversations. Narrow views on how to act in this context contribute to the construction of a fragile sense of identity, undermining the recognition of competences and wasting precious resources on how to act in life – even in the face of such adversity (White, 2005).

Despite the current media addressing the issue more openly, many families prefer not to talk about it. The challenge for us, as therapists, is to avoid a mechanically and uncritically reproduction of known and familiar practices, and to try to remain open to the unexpected. For this, it is essential to establish conversations without becoming hostages of previously defined objectives; it is having curiosity as a strategic ally, without ignoring the fact that such a tragic loss also impacts our own stories.

I went through an experience in my professional life that marked me deeply and opened the possibility of taking an unexpected course, revealing new perspectives for the quality of the therapeutic relationship. I've been working with Maria for a few years now. She was going through a special moment in her life: she had just travelled through the stunning landscapes of the Northeast and started a new life project with her husband, Jorge. They had been married for 35 years and, since they had their three children, they always travelled with them. The middle son, Joaquim, married at the beginning of the year and the two daughters, Amanda and Alice, graduated, and started to work. Seeing them grown up and become masters of their own stories, Jorge and Maria decided to try this new adventure: it was a precious moment for the couple's life; married for three decades, they felt like being sweethearts again, now in maturity.

It was December and Maria was radiant with the trip she had made. The experience had exceeded all her expectations. After all, they hadn't travelled alone for a long time and she was delighted with the pleasure they felt in being together. Maria was already looking forward to the next opportunity.

The end of the year was approaching, and she was organizing Christmas and New Year’s celebrations. The plan was to keep the tradition and take a trip with the whole family. In such an inspiring atmosphere, we said goodbye and scheduled our meeting for after the festivities.

A few days later, an unpredictable fact invaded our history and hit us like a straight shot. I, who had just witnessed a poetic moment in Maria's life, filled with hope and new possibilities, watched in fractions of seconds this touching narrative being shattered and filled with a tearing disharmony.

## "We Can't Lose Anything Else"

I was at home that night when I received a call from one of Maria's children. They were on their way to the hospital. Alice, the youngest sister, had just suffered a serious accident. Immediately, I was invaded by a strong emotion. I knew how much Maria had a special concern for this daughter. At the age of two, Alice had been diagnosed with vitiligo. A small white spot on the elbow betrayed the unexpected intruder. Since then, she has always taken care of her daughter with great care, without overprotecting her; however, despite all the care, her mother was always haunted by the fear that one day the disease would get worse. Alice was 26 years old, and her illness had been stabilized for some years. She was experiencing a very special moment, filled with new work and her recent discoveries. The blossoming of her daughter filled Maria's heart with pride and happiness. I went to the hospital, hoping that Alice would overcome this challenge.

Upon arriving, I found Maria, stunned, in despair, still with her bloody blouse. The accident had happened near her house. The situation was very serious and the neurologist, a friend of the family for many years, had just confirmed the evaluation of his colleagues in the emergency room: there was not much to do. As predicted, Alice passed away that morning.

In the evening, I went to meet Maria at her house. She was lying in bed, cuddling her other daughter, both covered from head to toe with the duvet. The room was stuffy, with little light. There were a few people present: family, friends, and acquaintances. I walked over and knelt beside the bed. The pristine white sheet revealed the shrunken outline of her body. Gently, I called her name. She felt her soul was wounded, torn apart. As soon as she saw me, Maria held out her hand and said in the faint voice she had left: “I lost my girl, Ana, my life is over”. I took Maria in a deep embrace.

For a month I went to their house every day. The pain was almost palpable in that grieving home, and each member of the family sought ways to save and care for one another. Maria asked me to look after the children and her husband; Jorge asked me to look after her and the boys; the children asked me to take care of their parents. Crossed orders indicated a movement that caught my attention:

everyone intended to care, but there was no space for them to meet and cry together. That ceremonious care compromised intimacy.

On a given day, Maria shared an outburst that signalled a new route: “we can't lose anything else! We have to preserve what we have.” Gradually, her heart was inspired by a new purpose and it was time to call on the family to join this movement in memory of Alice. The traumatic loss of her daughter began to invite that mother to take care of what she still had in her hands, to find a way to live with what she could no longer fix.

At each meeting I could witness Maria's strength, her struggle to stand firm for her family. Motherhood was something atavistic for her, who has always been a fighter. By defining a life purpose, she courageously embraced it and sought a path. That's how she got married, moved to another city and had children. She designed her dreams in favor of love and a deep desire to have a family.

In fact, I observed her deep effort to keep the house alive: she resumed her routine, keeping the home impeccable and fragrant. Her children and husband went back to work. However, despite all the efforts, there was still a great deal of difficulty between them in talking about the loss of Alice and the longing she left behind. Maria was walled in by pain and suffering. She feared that any false move could amplify the loss, wondering what would happen if she talked about Alice's death with her husband and children: “What could come out of these conversations? More pain? More suffering?” Fear haunted her again. She felt everyone's pain and was especially concerned about her husband's immense sadness. She didn't know how to build a safe bridge to talk with him and their children. Silence reigned in the four corners of the house.

Over time, isolation and loneliness gained space, as they lost each other. Maria was distressed, afraid of not being able to approach the family as before. With Mother's Day looming on the calendar, she knew she needed to act, but she felt trapped, trapped by a wall of self-doubt and grief.

As I waited for the next client in my office, Maria came to mind. Her pain touched me deeply. I also felt contained by the web of suffering. I started revisiting our conversations, looking for a gap, a path that would free the narratives and restore the hope that there is always a possible path, even when we are facing a great wall. Suddenly, a single ray of sunlight penetrated through the gap in the curtain. I

was overwhelmed by the golden glow that left a trail of light on the end of the sofa, where Maria used to sit during our sessions. At that moment, I was invaded by an image, a beautiful sunflower, Alice's favorite flower. The image became an invitation. I accepted readily, without question, and a story began to take shape on the blank sheet of paper before me. A row of words escaped, giving birth to the short story “The Fog and the Sunflower”. Within a few minutes, it was ready. It was a brief moment of “birth” that brought to life a narrative that touched me deeply.

> The small town was in a very distant land, so far away that you couldn't even see it on the map. Its inhabitants lived locked in their own houses and almost never communicated or interacted with each other. Legend has it that, in other times, that was a community full of joy, where many parties were held and everyone lived in perfect harmony. Everything was going well, until there was a big war in those parts, and everyone went through very difficult times. That time of suffering left such deep marks that residents were staying longer and longer inside their homes, isolated by sadness. They left only to fulfill the essential tasks for their sustenance. A lot of time passed, and everything continued the same way, each family closed inside its cocoon. Most of them no longer even remembered the difficulties that had led to that situation. It had simply become a habit rooted in their customs. One morning, the town was covered by a dense fog, so thick that you couldn't see a hand's breadth in front of your nose. Strangely, not even the hermetically closed doors and windows could stop that haze. Somehow, it managed to infiltrate and invade the interior of the houses, filling all the spaces. Frightened and at the same time intrigued by this mystery, residents were now forced to grope around inside their homes, in broad daylight! Suddenly something unexpected happens! The doors open and people start to go out into the street, facing the fog. They're all blinded by the fog, but the situation was not much different at home. After some time of silence, the air fills with voices, long unheard. Amidst the intense din, the voice of a child stands out: – “Look, how beautiful”! Attention turns to a delicate beam of light coming straight from the sky, which cuts through the dense fog to illuminate a beautiful garden of large yellow flowers. There was something magical about that scene, with all the flowers facing the beam of golden light! Everyone walked

> slowly towards that place, which looked enchanted. And in a spontaneous way they held hands, one taking care of the other, so as not to stumble on the way. Once there, the fog began to fade. As everything became clearer, people realized that they had formed a large circle around that garden. The whole village gathered in a big circle! Suddenly that child's voice is heard again: – "Look at the flowers! They are looking at us!" Each of the yellow flowers was facing a person in the circle. As if by a miracle, there was a flower for everyone! But where did that light come from, which seduced them? Once again, the explanation comes from the sweet voice of the child: – "They are looking into our heart"! Everyone then understood that there is no force greater than UNION, capable of overcoming the most persistent sadness or the densest fog, in the same way that beautiful yellow flower always finds the sunlight! (Novis, 2017, p. 49-51)

When I finished writing, I realized that the new-born tale highlighted the importance of something that Maria had always valued: unity. The narrative also contained the recognition of a skill that she had always carried in her essence: the child's gaze capable of seeing and intuiting possible paths to a better place, dodging the difficulties that arise along the way. Sensitivity and determination have always been some of her most outstanding traits.

The story drew my attention to its power in the face of life's adversities. The text prompted in me a *katharsis,* in the Greek sense of the word, as described by Michael White in his workshop on trauma in New York in 2007. At that time, he recognized that stories had the cathartic power to move us to another place in our minds. The *katharsis* that I experienced through imagination put me in the child's place and skin. The experience polished my hope, sharpened both my empathy and my creativity, transporting me to other chapters in Maria's story, taking me to places where it was possible to compose a narrative inspired by a new perspective. I found the determined girl who adapted to different contexts and faced difficult changes in her family of origin. She formed a new home where everyone was very united, despite the problems. Maria always kept herself safe by respecting her own way of being: sweet, fun, creative and firm in her purposes. Her imagination made room for me to recognize her values and abilities that had always existed and were waiting to be found again.

At the end of the story, a question arose: what to do with this unexpected therapeutic documentation? Could it be shared with Maria?

I found in David Epston (2015) a validation of this idea, while reading about the case of a ten-year-old girl who was terrified by rain – even though she lived in a region of Australia where rains were very frequent. As soon as he arrived, David noticed a beautiful garden at the entrance, and he knew that she loved to take care of the plants with her grandmother. As he wandered through that part of the story, he thought of proposing a new look at rain, inspired by a story that presented it as an ally of the health and happiness of the plants that the girl loved so much. With the creation of this tale, David promoted the recognition of a fundamental perspective, which freed the girl from the dominant understanding that compromised her quality of life (Epston, 2015).

Excited about the result of this creative experience, I left the story at Maria's house accompanied by a beautiful sunflower. At the next session, she reported that she read the story to everyone and was very moved by the story. Maria couldn't say what exactly – but something inside her had lit up.

The tale had aroused Maria's curiosity, triggering a powerful resource capable of unfreezing the dominant story. The unpredictable destination to which the dialogue with this narrative would lead her lent a stimulating expectation to the moment: by identifying with the story, she was able to walk through her own life experience hand in hand with creativity.

Days later, she came to the office together with a new idea. An extraordinary moment was manifested, promoting a way to explore new routes and possibilities. Maria asked me to help her write a letter to her husband. She believed that in order to be truly united, they needed to overcome the fog barrier and share their feelings. As she revisited her story, she remembered that Jorge was able to express his feelings more easily when he wrote. She had rescued a box full of the beautiful letters and cards he had written her over the years. Courageous and determined as she was, she expressed herself without shame in the first letter – she broke ties, climbed barriers and composed a strong letter, full of courage and love, as shown in the following excerpts:

> “We've been together for 35 years, we've lived a lot... we had a unique partnership that had a very special harmony for me. We were like guava and cheese, different but complementary (...)”
>
> “Today, we live trampled by the facts, mired in sorrows, in the pain of what cannot be fixed (...) by hopelessness, by the lack of interest in life”.
>
> “Questioning why we lost our daughter, I realized, is not helpful; it just tortures us. Sometimes I think maybe you're beating yourself up for this, because of that terrible unanswered question. And worse: you keep believing that something could have, who knows, avoided the tragedy. I feel that you put yourself in a grounded situation, with no right to anything else.
>
> “And at every moment, at every distress, I feel ourselves more distant, I despair, I feel insecure far from your arms, from my friend, from my husband... Over time, I was dragged down by grief, by longing. I started to feel lost, insecure about which way to go, almost convincing myself that nothing else could be done.
>
> “But there's something so strong in me that made me and still makes me face a lot in life: 'I rebel! Protest! I can't give up talking, or fighting! I am emotion!'”.
>
> "We are both amputees, but we have to remember that we have each other to back us up."
>
> “Let's get everything we need to help us! Hear what is beyond reason; listen to your heart, (...) just as I hope you listen to mine again!”
>
> "I love you!"

After that letter, others came - they were delivered to the husband, to the children…

And gradually, over time, the narratives migrated from letters to conversations, betting on the power of “eye to eye” and inaugurating a space of greater intimacy. The determined and daring girl was back.

They fought every day, took care of each other, faced the fog with lots of love, courage and perseverance. The family grew: today Maria is the grandmother of two beautiful granddaughters, who brighten her days and warm her heart with the certainty of continuity.

## Resonances

This experience was extremely memorable for me. Through the literary therapeutic documentation that I wrote, I experienced an original perspective in my work. The story that was born relighted my hope and freed me from the possibility of remaining trapped in psychological pain with my listening. The attunement promoted by the tale allowed me to feel and perceive Maria's values, purposes – what nourished her and kept her firm to give continuity to her family.

When writing the short story, I revisited and illuminated understandings about Maria's intentional states, reconnecting with a series of positive and resilient nuances of her identity. The unexpected inspiration brought to light a therapeutic resource that Richard Kearney (2012) named “cathartic narrator”, something that emphasizes the importance of having the ability to listen to receive tragic and repressed stories and return them to their own narrators in a way that favored curative outcomes (p. 419).

Maria, while visiting the tale, was able to revisit her own story and light up her imagination. By identifying with the character, she was able to experience herself from a new perspective. This relationship revolutionized the way she sees herself and rescued powerful values and resources for the context she was dealing with. She can experience her feelings without anguish, in a light way, making room for new meanings and new ideas.

According to Kim Billington (2015), people's tales and stories of trauma often resonate with the three phases identified as Van Gennep's (1960) rite of passage: separation, liminality, and reincorporation (White & Epston, 1990).

It is possible to recognize the resonances of the three phases both in the tale and in Maria's story. Like the small village, she and her family were trapped by suffering, living in separation from what was known to her. The discomfort generated by the fog promoted a movement in history, a disturbance that aroused the search for a new course of action. Similarly, her growing distance

from her family provoked the same search in Maria. The threshold was experienced both by the child in the tale and by her who, armed with curiosity and courage, rescued a new status quo. Thanks to Maria's initiative, the letters paved the way for her family to get closer, freeing her mother from the feeling of impotence that imprisoned her. Both Maria and the village in the story were able to reincorporate the authorial movement into the dynamics of their lives. Its original initiative started a self-transforming and healing process, opening space to accommodate new narratives in her life history.

## Final considerations

*"We are what we do, but we are mainly what we do to change".*

Eduardo Galeano

Maria's story invites us to recognize that, even in the face of traumatic adversity, we can find a way to untie the knot that paralyzes us. By keeping our eyes open and listening to the multi-stories that are part of our lives, we can rescue and discover precious resources that, like vigorous winds, lead us through a sea of new possibilities.

Walking alongside Maria through the dense fog of tragedy also inspired me to develop personal reflective writing. A therapeutic document that takes care of me and favors a precious revisit to the lived experience. Poetic narrative has been a powerful resource to keep the flame of the art of encounter always burning.

I recently attended a reflective writing workshop where we were asked to write about the most memorable hug we could remember. Immediately, I revisited that night when I went to see Maria and a new narrative fragment was born, legitimizing the idea that a story never dies – it is always lurking, generously available to guide us along new routes and help us produce new meanings. Recording that unforgettable hug made me recognize that what we lived with intensity is always present in a special space of our memory over time:

> The hug was what I could offer. An offering that contained all the immensity of comfort she wanted to bestow.
>
> The room was ablaze with the pain of that day's abrupt amputation.

She was huddled, enveloped by tears already dehydrated by the dry and arid heat of the tragic fate.

I approached and we welcomed each other on the island of our arms.

We became oasis.

The heat of pain was softened by the freshness of the story we had.

We transmit certainties.

We would go on together, rebuilding what was broken.

Maria and I proceeded together. Every day we fill our story with new lines, verses, paragraphs, and even footnotes. We walked side by side, in a permanent flow of narratives filled with hope and courage, despite the immense longing that remained.

## References

Billington, K. (2015) *Why should children have all the fun? How a folktale might open a doorway into narrative re-authoring conversations with adults.* (Master's thesis presentation). University of Melbourne.

Epston, D. (2015). The problem of rain. *Journal of Systemic Therapies, 34*(1), 78-84.

Epston, D. & White, M. (1994). *Experience, contradiction, narrative & imagination*. Dulwich Centre Publications.

Frank, A.W. (2014). Narrative ethics as dialogical story-telling. *Hasting Center Report, 44* (S1), S16-S20.

Kearney, R. (2012) Narrativa. *Educação Real, 37*(2), 409-438.

Grandesso, M. (2000). *Sobre a reconstrução do significado: Uma análise epistemológica e hermenêutica da prática clínica*. Casa do Psicólogo.

Morgan, A. (2000) *What is narrative therapy?: An easy-to-read introduction.* Dulwich Centre Publications.

Novis, A. L. (2017). *Que os olhos leem, o coração sente.* Editora Jaguatirica.

Novis, A. L. (2019). *Dando asas às narrativas: O encontro das histórias de vida com as narrativas literárias em diferentes contextos* (pp. 29-44). Editora Jaguatirica.

Piccardi, T. (2008). Relatos de pais enlutados: A dor posta em discurso*. Revista Alpha, UNIPAM,* 9, 129-137.

Piccardi, T. (2014). Transformando sofrimento em narrativa e narrativa em uma nova vida. *Revista Internacional de Humanidades Médicas, 3*(1), 1-11

Raseira, F. & Japur, M. (2004). Desafios da aproximação do construcionismo social ao campo da psicoterapia. *Estudos de Psicologia, 9*(3), 431-439.

White, M. (2005). *Michael White's workshop notes.* Dulwich Centre Publications.

White, M. (2012). *Maps of narrative practice*. W.W. Norton & Company.

White, M. (2007) Working with people who are suffering the consequences of multiple trauma [Workshop Presentation] International Trauma Studies Program (ITSP), New York, NY, United States. The Dulwich Centre. https://dulwichcentre.com.au/narrative-therapy-ezine/trauma-and-narrative-therapy/

White, M., & Epston, D. (1990). *Narrative means to therapeutic ends*. W.W. Norton & Company